UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS

RAFAELA SIMONELLI PALHARINE

A Segunda Guerra Mundial nas crônicas de
Rachel de Queiroz (1944-1945): diálogos

São Paulo
2016

RAFAELA SIMONELLI PALHARINE

A Segunda Guerra Mundial nas crônicas de
Rachel de Queiroz (1944-1945): diálogos

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Área de Concentração: Literatura
Brasileira.

Orientador: Profa. Dra. Lúcia Granja

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Ps Palharine, Rafaela
A Segunda Guerra Mundial nas crônicas de Rachel de
Queiroz (1944-1945): diálogos / Rafaela Palharine ;
orientadora Lúcia Granja. - São Paulo, 2016.
155 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos. Área de concentração: Literatura
Brasileira.

1. Rachel de Queiroz. 2. Crônica. 3. Segunda
Guerra Mundial. I. Granja, Lúcia, orient. II. Título.

Nome: PALHARINE, Rafaela Simonelli

Título: A Segunda Guerra Mundial nas crônicas de Rachel de Queiroz (1944-1945): diálogos

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Dedicado ao meu avô Zeca e à minha avó Therezinha, os quais ajudaram na minha formação acadêmica e foram inesquecíveis na minha vida.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Rosana Maria Simonelli e Ricardo José Palharine, sou eternamente grata pelo incentivo aos estudos e, principalmente, pela maneira incondicional que sempre fui amada.

Agradeço à minha família (Simonelli e Palharine) por todo o apoio e amor.

Agradeço à minha irmã Rayane por suportar a luz do quarto acessa madrugada à dentro.

Agradeço às meninas Simone, Dulce e Flávia por todo carinho, cumplicidade e atenção que há em nossa amizade.

Agradeço aos meninos Tiago, Windsor e Rafael, pois cada um à sua maneira, ajudaram-me durante este estudo.

Agradeço à Soraia por não me deixar desistir dos meus sonhos.

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Lúcia Granja por aceitar o convite para orientar esta dissertação, bem como pelo acolhimento e orientação atenta.

Agradeço ao Prof. Dr. Hélio Guimarães pelo empenho e auxílio nas mais diversas situações durante o mestrado e por participar da banca de qualificação.

Agradeço ao Prof. Dr. Ivan Marques pelo conhecimento compartilhado durante este trabalho, pelo auxílio em variadas situações e por aceitar fazer parte da banca examinadora.

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Ieda Lebensztayn por aceitar participar da banca examinadora.

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Simone Rufinoni pela supervisão do estágio em docência (PAE).

Agradeço ao Júlio e a Roseli do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas pelo apoio e pelas dúvidas sanadas nos últimos quatro anos.

Agradeço à CAPES pelo fomento, o qual foi extremamente necessário para que eu pudesse cursar as disciplinas exigidas para concluir este mestrado.

Resumo

PALHARINE, R. S. A Segunda Guerra Mundial nas crônicas de Rachel de Queiroz (1944-1945): diálogos. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Este trabalho seleciona e analisa as crônicas nas quais Rachel de Queiroz (1910-2003) abordou o assunto da Segunda Guerra Mundial, durante a sua colaboração com a “2ª Seção” do jornal *Correio da Manhã* (fevereiro de 1944 a março de 1945). Coligem-se e analisam-se os oito textos em que a temática da Guerra é referida, discutida ou aludida, com o objetivo de recuperar o diálogo que as crônicas estabelecem com o momento histórico em que foram publicadas e com a textualidade do jornal, ou as relações estabelecidas com as outras rubricas e cadernos do periódico. Ao explorar a temática da Guerra, a escritora imprime um tom de apelo sentimental aos textos, diferentemente de outros cronistas do período, que abordavam o tema pelo viés político e/ou informativo do conflito, exemplificando assim o hibridismo pertencente ao gênero crônica.

Palavras-chaves: crônica; Rachel de Queiroz; Segunda Guerra Mundial; diálogos; *Correio da Manhã*.

Abstract

PALHARINE, R. S. The Second World War in Rachel de Queiroz's newspaper column (1944-1945): dialogues. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

This essay selects and analyses the “crônica” (newspaper columns) where Rachel de Queiroz (1910-2003) addressed the second war subject during her collaboration for the "2nd Session" of the newspaper *Correio da Manhã* (february 1994 to march 1945). Eight texts are analysed where the war view is referred, discussed or alluded with the purpose of recover the dialogue that the newspaper columns establish with the historical moment when it was published or the relations with another rubrics and sessions from the periodic. By exploring this thematic in her texts, the writer appeals for emotionalism, differently from others writers of the period who used to approach the thematic by political and informative of the conflict view, exemplifying, this way, the hybridity belonging to the “crônica” (newspaper column) genre.

Keywords: crônica (newspaper column); Rachel de Queiroz; Second World War; dialogues; *Correio da Manhã*.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. DE RACHELZINHA À JORNALISTA E AO JORNAL	27
1.1 Rachel: romancista e cronista	27
1.2 A crônica	33
2. AS CRÔNICAS DE RACHEL NAS PÁGINAS DO <i>CORREIO DA MANHÃ</i>	38
2.1 O <i>Correio da Manhã</i> nos anos 1944 e 1945	38
2.2 As crônicas no espaço do <i>Correio da Manhã</i>	44
2.3 “Retratos proféticos no Fascismo”	54
2.4 “Tangerine-Girl”	62
2.5 “Aí vem a paz”	66
2.6 “Aquele rua em Paris”	71
2.7 “Morreu um expedicionário”	75
2.8 “A dor de amar”	81
2.9 “Rosa e o fuzileiro”	90
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	97
ANEXOS	101

Introdução

Este trabalho é resultado de uma trajetória *sui-gêneris* no curso de mestrado em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, que, para se realizar, acolheu uma estudante que não fez sua formação na USP e uma orientadora que não pertence ao quadro permanente de professores da área de Literatura Brasileira do DLCV da FFLCH.

Ele nasceu do desejo de estudar a crônica de Rachel de Queiroz e a Segunda Guerra Mundial e se somou à tentativa de renovação teórico-metodológica que se tem procurado levar a efeito nos estudos da crônica e da relação entre Literatura e o Jornalismo.

Em primeiro lugar, Rachel de Queiroz. A escritora brasileira é valorizada pelos seus romances regionais e feministas. Além de romancista, Rachel publicou na imprensa carioca uma intensa produção de crônicas, sendo editadas semanalmente durante a década de 40 até a metade da década de 70.

No início da década de 40, a escritora colaborava com diversos periódicos, entre eles o *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *Última Hora*, *Diário da Tarde* e *Jornal do Commercio*. Em 1945, ela tornou-se cronista exclusiva da revista *O Cruzeiro* e, nesse periódico, foram publicadas 310 crônicas, as quais já foram estudadas por Ana Roza da Silva (2006)¹. A primeira crônica saiu publicada em 1º de dezembro de 1945, na seção “Última Página” da revista, espaço pertencente aos textos de Rachel até o ano de 1975.

Afastada do gênero crônica por 13 anos, em 1988 voltou a se dedicar ao jornalismo literário, colaborando, com exclusividade, com o jornal o *Estado de São Paulo*, onde publicou um texto por semana, no “Caderno 2”, até o ano de sua morte (2003). Nesse caso, a primeira crônica, “Ainda não havia Rita Lee”, saiu no dia 12 de janeiro de 1988 e a última, “Onde está este coração?”, em 8 de novembro de 2003, ou seja, quatro dias após a morte da cronista.

Fazendo uma pequena revisão da Fortuna Crítica de Rachel de Queiroz, verificamos que a vasta obra cronística dessa autora ainda oferece campo de trabalho a muitos estudos. Assim sendo, pensando em um viés para os estudos,

¹ SILVA, Ana Roza. **Rachel de Queiroz cronista: um exame de aspectos literários e linguísticos de sua “Última Página” em *O Cruzeiro***. 2006, 114f. Tese (Mestrado em Letras), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2006.

pareceu-nos que uma pesquisa focada na relação entre Literatura e História tinha interesse, uma vez que a obra da cronista testemunhou momentos decisivos do século XX. Na linha da História Cultural, retomando Chartier², passamos, então, a pensar na relação entre texto e suporte e, na esteira dos recentes estudos sobre a relação entre Literatura e Jornalismo na França, lançamos um olhar sobre as crônicas em sua relação com o seu contexto histórico-social e midiático nos quais se inserem, procurando identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler.

Assim, ponderando os apontamentos já expostos, selecionamos para esta pesquisa oito crônicas da escritora. Como critério de seleção dos textos para análise, consideramos que as oito crônicas têm em sua temática, de maneira direta ou tangencial, uma relação com a guerra, todas elas publicadas no periódico *Correio da Manhã* durante os anos de 1944 e 1945, ou seja, em um momento histórico importantíssimo e determinante. Logo, essas crônicas, são vistas como um produto cultural do seu tempo e nos levarão a especificidades de um período histórico-literário.

Na tabela a seguir, apresentaremos as vinte e duas crônicas de Rachel, publicadas no periódico estudado e com destaque para as que analisaremos:

Título da Crônica	Data de Publicação	Periódico/Seção
“O Grande circo Zoológico”	13/02/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1,
“O Padre Cícero Romão Batista”	26/06/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1,
“História de Jagunço”	16/04/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1,
“Roteiro de um Haver encoberto”	30/04/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1,
“O compadre Antônio Muxio”	28/05/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1,

² CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

“Carta aos soldados que estão combatendo”	11/06/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1.
“O Senhor São João”	25/06/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1,
“Retratos proféticos do Fascismo”	09/07/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1.
“Isabel”	23/07/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1,
“Leal cidade de São Sebastião do Rio Janeiro”	20/08/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1,
“Tangerine- Girl”	03/09/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1, 2.
“ Aí vem a paz”	17/09/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1, 2.
“Capote”	01/10/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1,
“O pão nosso”	29/10/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1,
“Aquela rua em Paris”	12/11/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1.
“A mais gentil das Paineiras”	26/11/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1,
“Morreu um expedicionário”	10/12/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1.
“Olhos míopes”	24/12/1944	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1,
“A dor de amar”	21/01/1945	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1, 2.
“Rosa e o Fuzileiro”	04/02/1945	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1.
“Saudade do Carnaval”	18/02/1945	Correio da Manhã/ “Segunda Seção”/ p. 1,

"Resposta a um negro"	18/03/1945	Correio da Manhã/ "Segunda Seção"/ p. 1,
-----------------------	------------	---

É importante mencionarmos que cinco destas crônicas ("Carta aos soldados que estão combatendo", "Tangerine-Girl", "Morreu um expedicionário", "A dor de amar" e "Rosa e o Fuzileiro") já foram publicadas em livro, na coletânea *A donzela e a mora torta*, sendo a primeira edição lançada no ano de 1948. Porém, para este estudo, vamos trabalhar com as versões das crônicas publicadas nos periódicos, ou seja, com a primeira versão desses textos em seu veículo original de publicação. Em livro, as crônicas sofreram algumas alterações. Para melhor visualizarmos as alterações de cada crônica, elaboramos uma tabela:

Crônica na versão do <i>Correio da Manhã</i>	Alteração na versão do livro <i>A donzela e a Moura torta</i>
<p>"Carta aos soldados que estão combatendo"</p> <p>Sim, até parece que foi ontem, quando há cinco anos atrás andávamos estonteados pelas ruas, correndo às agências telegráficas, no dramático mês de agosto de 1939.</p> <p>E era essa justamente a sensação que sentíamos: a de que estávamos vigiando, ajudando, estimulando.</p> <p>Ouvimos o rádio? eles morrem. Damos um abraço no nosso amor? e eles mordem o chão, ou dão um salto no ar – e morrem. E são os mais bonitos, os mais fortes, os mais moços.</p>	<p>Sim, até parece que foi ontem, quando há cinco anos andávamos estonteados pelas ruas, correndo às agências telegráficas, no dramático mês de agosto de 1939.</p> <p>E era essa justamente a sensação que experimentávamos: a de que estávamos vigiando, ajudando, estimulando.</p> <p>Ouvimos o rádio? eles morrem. Abraçamos o nosso amor? e eles mordem o chão, ou dão um salto no ar – e morrem. E são os mais bonitos, os mais fortes, os mais moços.</p>
<p>"Tangerine-girl"</p> <p>Emprestava ao seu marinheiro as figuras de todos os galãs que via na tela, e sucessivamente ele era Clark Gable, Robert Taylor ou Cary Grant. Ou era louro e romântico como um mocinho que morria numa batalha naval do Pacífico, cujo nome a fita não dava; chegava até a ser, às vezes, careteiro e risonho como Red Skelton.</p>	<p>Emprestava ao seu marinheiro as figuras de todos os galãs que via na tela, e sucessivamente ele era Clark Gable, Robert Taylor ou Cary Grant. Ou era louro feito um mocinho que morria numa batalha naval do Pacífico, cujo nome a fita não dava; chegava até a ser, às vezes, careteiro e risonho como Red Skelton.</p>

<p>“Morreu um expedicionário”</p> <p>Gostava muito da mãe, coitada, que, por esse tempo já estava viúva, trabalhava nos Correios e Telégrafos(...)</p> <p>Também se interessou muito pelo Campeonato Mundial, pelas glórias de Leônidas nos gramados europeus e o desgraçado desenlace do jogo com os tchecoslovacos.</p> <p>Leu livros de detetives, ensinando que o crime não compensa.</p> <p>Quando rebentou a guerra, tinha dezoito anos, se aos quinze sofrera pelos espanhóis e pelos pobres negros da Abissínia, sentia agora uma grande cólera contra os nazistas:</p>	<p>Gostava muito da mãe, coitada, que, por esse tempo já viúva, trabalhava nos Correios e Telégrafos(...)</p> <p>Também se interessou muito pelo Campeonato Mundial, pelas glórias de Leônidas nos gramados europeus e o desgraçado desenlace do jogo com os italianos.</p> <p>Leu livros de detetives, onde aprendeu que o crime não compensa.</p> <p>Quando rebentou a guerra, tinha dezoito anos, se aos quinze sofrera pelos espanhóis e pelos pobres negros da Abissínia, sentia agora uma intensa cólera contra os nazistas:</p>
<p>“A dor de amar”</p> <p>Moça da América, embora tenha namorado firme, pode conversar com outro rapaz, pode sair com ele, ir até a matinê de cassino – imaginem!</p> <p>Se bem que ele dizia que era pobre também, mas Araci bem sabia o que são essas pobreza de americano.</p>	<p>Moça americana, embora tenha namorado firme, pode conversar com outro rapaz, pode sair com ele, ir até a matinê de cassino – imaginem!</p> <p>É certo que ele dizia que era pobre também, mas Araci bem sabia o que são essas pobreza de americano.</p>
<p>“Rosa e o fuzileiro”</p> <p>Foi batizada por Rosa, mas rosa não é. Seria talvez rosa-mulata, não fosse a rosa flor tão aristocrática e ariana que não dá mulatas. Rosa-cabocia sei que existe; mas é uma impostoria, uma rosa fingida, engano voluntário de pobre que chama assim à zínia humilde do seu quintal. E nem rosa-cabocla é a minha Rosa, com a pele cor de noqueira, o cabelo que não nega, o beijo bonito, mas grosso e roxo.</p> <p>A gente agora se habituou a associar nascimentos com enfermarias de hospital e médicos de avental branco: pois Rosa para nascer teve apenas o catre velho dos pais; como médico, empregou a gorda portuguesa bigoduda que é a “curiosa” dos arredores. Banhou-se na velha (...)</p>	<p>Foi batizada com o nome de Rosa, mas rosa não é. Seria talvez rosa-mulata, não fosse a rosa flor tão aristocrática e ariana que não dá mulatas. Rosa-cabocia sei que existe; mas é uma impostoria, uma rosa fingida, engano voluntário de pobre que chama assim à zínia humilde do seu quintal. E nem sequer rosa-cabocla é a minha Rosa, com a pele cor de noqueira, o cabelo que não nega, o beijo bonito, mas grosso e roxo.</p> <p>A gente agora se habituou a associar nascimentos com enfermarias de hospital e médicos de avental branco: pois Rosa nasceu ali, nas mãos da portuguesa bigoduda que é a “curiosa” dos arredores. Banhou-se na velha(...)</p>

E aí em pleno idílio, é que entra o mata-mosquitos, o "Mata", como o chamavam no vale, pelas suas violências.

Desde que pela primeira vez encontrou os namorados, na esquina do poste de bonde, bem, não encontrou propriamente; desde que os avistou de longe de mãos agarradas, começou a perseguição. Rosa, naquele instante medonho, esqueceu de tudo, só sentiu em si um grande medo e rompeu numa carreira cega, à frente do pai; parou ao chegar no quarto, e se atirou na cama, esbaforida. O fuzileiro, por seu lado, fizera a única retirada possível, enveredando pela rua oposta. Afinal de contas pai é pai. "Mata" que vinha à paisano, não apressou o passo apesar de enxergar muito bem o escândalo. Entrou em casa com cinco minutos de diferença da menina – tanto que ela já estava quase pensando num engano ou num milagre. Mata deixou os tamancos na porta da rua, desapertou o cinturão, puxou-o do cóis da calça, e arrancando a assustada Rosa da cama onde ela se acolhera, vinte e quatro vezes contadas fez a correia zunir no ar e estalar nas costas da moça. Nada como uma surra para devolver a infância. Rosa gritara e implorara, não de acordo com os seus orgulhosos quinze anos, mas como uma garotinha de cinco. Acabando a conta de duas dúzias, Mata tornou a enfiar o cinturão no cóis e disse:

- Hoje lhe bati segurando a correia pela fivela. De outra vez em que pegar a senhora com aquele sem vergonha, bato com a fivela solta.

Realmente, da segunda vez Rosa ficou cheia de marcas da fivela. Uma vizinha, vendo aquilo, falou em ir ao distrito dar parte. Bobagem. Quem tem lá coragem para apresentar queixa contra o Mata? Só a madrastra de Rosa, que também se revoltou, teve boca para dizer:

- Por que você só espanca a menina, criatura? Por que não pega também o sujeito?

Mata deu uma resposta muito digna:

- Não vou sujar minhas mãos.

Estamos agora no terceiro episódio, isto é, na terceira surra. Desta vez foi de tamanco. A opinião da vizinhança anda apreensiva mas dividida. Uns dizem que Rosa acaba fugindo; mas fugir para onde, se, segundo corre o fuzileiro mora no quartel? Depois, ele não é louco de raptar menor.

Teve alguém que já ouviu Rosa dizer que vai comprar formicida e tomar com

E aí em pleno idílio, é que entra o mata-mosquitos, o "Mata", como o chamavam no vale, pelas suas violências.

Todo o trecho em negrito, ao lado, desde "Desde que" até "Sempre foi doida por guaraná" foi suprimido na publicação em livro.

<p>guaraná. Sempre foi doida por guaraná.</p> <p>Igual aos outros, também eu espero, inquieta. Prometo escrever um bonito drama todo em versos se o desenlace corresponder às esperanças.</p>	<p>Igual aos outros, também eu espero, inquieta. E prometo escrever um bonito drama todo em versos se o desenlace corresponder às esperanças.</p>
---	--

Além disso, os textos queirozianos – como todos os textos jornalísticos, aliás –, ganham sentido se lidos dentro do conjunto de notícias com o qual dialogam, uma vez que a crônica, em seu tecido literário, carrega muitos fios daquela “realidade” que se tornou notícia. Um exemplo significativo deste fato é o relato feito por Rachel no parágrafo inicial da crônica “Ai vem a paz”. Vejamos o parágrafo:

Nem sempre pode o mísero cronista cuidar unicamente de arte. Por toda a parte anda a guerra, atraindo-lhe constantemente a atenção; a guerra e seus problemas – particulares, políticos sentimentais e estratégicos: sim meus senhores, até estratégicos. Ou julgais que o cronista, por ser uma senhora de província que nunca viu tiros de canhão em salvas de dias de festa, e da guerra só conhece a sua expressão que se poderia dizer literária – cuidais que o cronista não tem como todo cristão, as suas opiniões sobre estratégia? Tem opiniões e tem até um mapa. Um mapa manuseado, anotado, riscado, mostrando em tinta azul e vermelha os avanços dos americanos, franceses livres, ingleses, russos, canadenses, polacos - e agora a posição dos brasileiros. Tudo com setas, linhas interrompidas, pontinhos e chamadas. Para falar a verdade tem até dois mapas. Guardado – mas não esquecido, tem um mapa de 1940, onde o avanço fulminante dos Panzer cobre com uma sombra negra quase toda silhueta da Europa.

Deixa-me, pois, hoje, estudar os meus mapas.³

Embora essa seja uma das crônicas que não vieram a figurar em livro, observamos, lendo esse trecho, que a cronista insere a sua atividade no contexto da Guerra. Além de não poder cuidar somente dos assuntos ligados à arte ou às questões humanas, também ela tem estratégias, palavra da ordem do dia àquela época, para emitir “as suas opiniões sobre estratégia”. Uma delas seria a comparação entre o mapa da Europa no início da guerra, com os avanços do Führer, e a ação militar por meio da qual os aliados pretendem chegar à paz.

³ A crônica “Ai vem a paz” foi transcrita na íntegra, com atualização da ortografia, e consta neste trabalho como Anexo. A partir daqui, todas as transcrições de texto diretamente do jornal (em geral, colocadas como anexos à dissertação) tiveram a ortografia atualizada.

Na sequência do texto, é claro que, como veremos, o que interessa à cronista é o mapeamento do “demasiado humano” na situação de conflito mundial, considerando as atitudes daqueles que, no Brasil, por exemplo, assistiam de certa forma impassíveis ao desenrolar da Guerra. Ocorre que, nesse mesmo dia, a manchete do jornal traz o objetivo máximo dos aliados, a retomada de Berlim, mencionando as estratégias (de mapeamento dos campos), bem como o planejamento da ação (conferência de Teerã). Para isso, há mesmo um mapa detalhado de Berlim, no sentido de afiançar-se que os aliados estão caminhando para a vitória. Ora, de estratégias e mapas, trata também a crônica querioziana da “2ª Seção”. Impressiona o fato de essas crônicas retomarem tão diretamente o cotidiano e a linguagem das notícias da Guerra, o que mostra, no mínimo, a força de comunicação desses textos com os leitores dos jornais, quando lidos no todo. Na imagem abaixo, podemos observar a primeira página do periódico com o mapa em destaque:

Figura 1 - *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1944, p. 1.

Dessa maneira, considerando que as oito crônicas selecionadas para este estudo foram publicadas em um momento histórico crucial como a Segunda Guerra Mundial, analisarmos estes textos diretamente em sua matriz midiática, torna possível uma melhor compreensão do processo interativo entre texto e contexto de publicação, além do estilo da cronista naquele período.

Portanto, o objetivo deste estudo será definir as características singulares de cada crônica, concomitantemente com a verificação da porosidade

(THÉRENTY, 2007)⁴ e dos diálogos existentes entre os textos escolhidos e outros dois elementos: a relação entre as crônicas com o externo (CANDIDO, 2006)⁵, ou seja, as questões histórico-sociais, bem como a internalização na crônica, com vistas a uma discussão inicial da relação entre Literatura e História; no gênero em questão, a relação das crônicas com os outros textos do jornal, à medida em que todos compartilham o mesmo espaço (GRANJA, 2010)⁶ e a mesma matriz midiática (THÉRENTY e VAILLANT 2001)⁷, além das relações entre as crônicas e o espaço interno do periódico. Dessa forma, com este objeto de estudo possibilitaremos ampliar os conhecimentos sobre a cronista Rachel de Queiroz e sua contribuição para a história cultural nacional.

É crucial mencionarmos que, assim como Rachel de Queiroz, outros dois escritores que, na época, construíam as suas carreiras literárias, na ficção ou no jornalismo, publicaram crônicas com a temática da guerra e/ou referentes aos acontecimentos candentes que marcavam aquele momento histórico: Jorge Amado e Rubem Braga.

Jorge Amado publicou um total de quatrocentos e sessenta e cinco crônicas entre os anos de 1942 e 1944. Estes textos saíam diariamente, em Salvador, no periódico *O Imparcial*, na coluna pertencente ao escritor e intitulada como “Hora da Guerra”. Em 2008, os textos amadianos publicados no periódico baiano foram selecionados e reunidos em formato de livro com o título homônimo à coluna, *Hora da Guerra*⁸. A compilação é composta por crônicas que têm em comum a amplitude temática e valor histórico, no momento da Segunda Guerra Mundial.

Os textos reunidos revelam-nos um autor consciente da importância da literatura engajada perante a barbárie da Guerra, como podemos notar nos trechos a seguir da crônica “Aniversário da ‘HORA DA GUERRA’”:

⁴ THÉRENTY, Marie-Ève. *La Littérature au quotidien*. Seuil. Paris. 2007

⁵ CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro. 2006, p. 13.

⁶ GRANJA, Lúcia (2010). “Folhetins d’aquém e d’além mar: a formação da crônica no Brasil”, in Sérgio Vicente Motta e Susanna Busato (org.), *Figurações contemporâneas do espaço na literatura*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 111 – 133.

⁷ THÉRENTY, M-E. et VAILLANT, A (dir). *1836, L’an I de l’ère médiatique*. Analyse littéraire et historique de *La Presse* de Girardin, Paris, Nouveau Monde, 2001.

⁸ AMADO, Jorge. *Hora da Guerra*. Seleção de Myriam FRAGA e Ilana Seltzer GOLDSTEIN; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

A "HORA DA GUERRA" É UMA PEQUENA TRINCHEIRA. ESSE CANTO DA PÁGINA TEM A SUA importância ampliada por ser publicada diariamente em *O Imparcial*, jornal militante da causa democrática com uma recente tradição de luta que lhe garante a estima dos baianos. A *O Imparcial* devo agradecer muito da repercussão que possam ter tido essas crônicas diárias, nesse seu primeiro ano de vida.⁹

Como vemos, o cronista, nesse texto, comenta toda a série. Como o seu título nos indica, ela apareceu publicada cerca de um ano depois do início da coluna, no jornal militante *O Imparcial*, fundado em 1918 por Lemos Brito, que foi um jornal de grande circulação e que deu “visibilidade a uma das fases mais férteis da literatura Brasileira e Baiana”¹⁰, desde o final da década de 1910 até os anos 1940, o que inclui “os estertores do Simbolismo, o surgimento e negação do Modernismo, a inclusão de autores baianos”¹¹. Segundo Jairo Costa Júnior¹², em 1941 a tiragem era de catorze mil exemplares para uma população soteropolitana de duzentas mil pessoas. O jornal fecha suas portas em 1947, sendo que nessas três décadas de existência passou por várias modificações em relação ao posicionamento ideológico, no que se refere ao apoio aos governos em questão, e configurações gráficas¹³. Retornando a crônica de Jorge Amado, vejamos o outro trecho:

Sou por vocação um romancista e agora mesmo venho de terminar de escrever mais um romance. Não creio, porém, que nenhum escritor possa, no momento presente, manter-se nos limites da sua obra de criação, seja o romancista, o poeta, o cientista. Tem a obrigação de empregar sua capacidade de escritor no esclarecimento dos problemas referentes à guerra, dos problemas imediatos, esses que surgem todos os dias.¹⁴

É evidente nesses dois excertos a preocupação de Jorge Amado com o engajamento do escritor (de ficção, literatura em geral, ou mesmo um cientista), que não poderia deixar de comentar, com o intuito de esclarecer os

⁹ Ibid. p.27

¹⁰ PINHO, Adeílato Manoel. **Uma história da literatura de jornal: O Imparcial da Bahia**. 2008. 405 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008. p.59

¹¹ idem ibidem

¹² JUNIOR, Jairo Costa. Diário do coronel, Franklin Albuquerque utilizou *O Imparcial* como trincheira no combate ao interventor Landulfo Alves. *Correio da Bahia*, Salvador, 21 maio 2005. 'O Reporter', p.1.

¹³ PINHO, Adeílato Manoel. **Uma história da literatura de jornal: O Imparcial da Bahia**. 2008. 405 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008.

¹⁴ AMADO, Jorge. *Hora da Guerra*. Seleção de Myriam FRAGA e Ilana Seltzer GOLDSTEIN; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 27

acontecimentos principais daquele período. Ainda sobre o olhar do autor, observemos o trecho retirado da crônica “Panorama”, publicada em 11 de dezembro de 1943.

Podem esperar uma guerra longa, que leve as nações democráticas ao cansaço e a uma paz de compromisso. Essa é a única perspectiva que resta a Hitler e a seus associados. E, por isso mesmo, devemos nos opor a qualquer possibilidade de prolongar a guerra. Uma política de guerra longa só seria útil à quinta-coluna. Abreviar a guerra, eis o que se faz necessário.¹⁵

Dois anos depois da entrada do Japão no conflito mundial, o cronista, em sua análise, indica que esse acontecimento e os que o sucederam “mudaram por completo a face da guerra”¹⁶, mas no momento em que escrevia Amado, o panorama da guerra, segundo ele, havia mudado e os “nipo-nazifascistas” só poderiam esperar uma guerra longa, que esgotasse as nações e levasse a uma paz negociada. No parágrafo acima, vemos ainda que o cronista utiliza a expressão “devemos nos opor”, ou seja, ao conjugar o verbo na primeira pessoa do plural, de maneira indireta, conclama o leitor a compartilhar de sua opinião de observador dos acontecimentos, mas deixando claro o seu ponto de vista e análise do futuro do conflito, ou seja, de oposição à continuidade da guerra, de um certo encurralamento das ações dos japoneses e nazistas, que, na época, como vemos, eram tranquilamente associados uns aos outros. Nesse particular, aliás, está o valor da crônica como documento histórico.¹⁷ Assim sendo, as 103 crônicas inéditas em livro reunidas em 2008 são, sem dúvida, objeto para um outro estudo, e mostram que Jorge Amado, em um jornal militante, analisava a guerra do ponto de vista político, tomando posições que sugeria ao seu público.

Rubem Braga foi um segundo cronista da guerra, na mesma época. Ele embarcou para a Itália com a tropa brasileira (FEB), em 22 de setembro de

¹⁵Ibid., p.144

¹⁶ Ibid., p. 144.

¹⁷ Como vemos, Amado, na perspectiva da época, associava, sem grande distinção, japoneses, nazistas e fascistas como aliados. No entanto, mais recentemente, segundo Hobsbawm, “as afinidades entre as ideologias dominantes nas extremidades oriental e ocidental do eixo são deveras fortes. Os japoneses não perdiam para ninguém em sua convicção de superioridade racial e da necessidade de pureza racial”(p. 134). No entanto, embora aliado à Itália e Alemanha, o militarismo japonês compreendesse muito bem que “Honra significa subordinação cega” (p. 134), “o fascismo europeu não podia ser reduzido ao feudalismo oriental com uma missão imperial nacional”

1944, com o cargo de correspondente de guerra pelo jornal *Diário Carioca*,¹⁸ periódico que havia sido fundado em 17 de julho de 1928, sob a direção de José Eduardo de Macedo Soares, com tiragem de 5 mil exemplares, mas logo tendo alcançado prestígio¹⁹ e reconhecimento. No ano de 1966, o *Diário* encerrou suas atividades.

Segundo Santos²⁰, o *Diário Carioca* era um jornal composto por poucas páginas (10 a 12 de terça a sábado e, geralmente, 24 aos domingos), tendo, porém, um público leitor influente para a época. O próprio Rubem Braga declarou algumas décadas mais tarde: “Era um jornal pequeno, mas barulhento e muito influente”²¹. Portanto, Braga, ao tornar-se correspondente de guerra do jornal, teria a tarefa de transmitir informações sobre aspectos da vida cotidiana ligados à guerra, além de avaliar as próprias vidas das pessoas envolvidas na guerra, tais como os pracinhas brasileiros, como indica o prólogo publicado pelo *Diário Carioca* junto ao primeiro texto enviado pelo escritor:

A seguir publicamos a primeira de uma série de crônicas diárias que o nosso correspondente especial junto à FEB, Rubem Braga, nos enviou como ponto de partida de suas atividades nessa função.

Elas darão, como se vê nesta primeira, uma visão particularíssima dos acontecimentos que marcam a vida de cada dia dos nossos rapazes enviados à luta pela liberdade. O espírito e a sensibilidade do grande cronista estarão presentes no campo de batalha. O lado de dentro, o elemento humano que as notícias não contam, virá intacto nas crônicas de Rubem Braga.²²

Tanto o prólogo como o primeiro texto de Rubem Braga tiveram destaque naquela edição do *Diário Carioca*. Como observaremos na imagem a seguir, a publicação referente ao cronista, bem como a própria crônica, ocuparam o espaço central da primeira página do periódico, com ênfase tipográfica construída pela separação do texto “in box”, espaçamento das linhas do título e letras em caixa alta, trazendo a foto do correspondente de guerra.

¹⁸ SANTOS, Ricardo Luis Meirelles. **A desordem dos dias: Rubem Braga e a Segunda Guerra**. 2001. 212 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

¹⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e História no Brasil contemporâneo*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1999, p.424

²⁰ Ibidem,.

²¹ Em entrevista ao Caderno de Cultura do *Estado de S. Paulo* (24 de outubro de 1987., páginas 1 a 4, ano VII. número 382).

²² *Diário Carioca*, 24 de outubro de 1944, p.01.

Figura 02: *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1944, p.01. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Como vemos, a primeira crônica de Rubem Braga enviada ao *Diário Carioca* foi publicada em um espaço estratégico do jornal para chamar a atenção do leitor. Vale ressaltarmos que as demais crônicas nem sempre foram publicadas nas primeiras páginas do jornal, ou seja, ocupavam os mais variados espaços das páginas e só as vezes acompanhavam o texto o retrato do cronista. Como exemplo desta diversidade em relação ao espaço ocupado pelas crônicas, vejamos a figura 03:

Figura 03: *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1945, p.03 Consultado em Hemeroteca Digital Brasileira.

Na figura, temos a terceira página do *Diário Carioca* de 21 de fevereiro de 1945, página que consta em seu rodapé (em destaque o nome do correspondente) a crônica enviada da Itália por Rubem Braga, ou seja, o mesmo gênero textual, do mesmo autor e com a mesma finalidade. Tinha seu espaço alterado conforme cada edição do jornal.

Revendo a questão da finalidade das crônicas de Rubem Braga, apontadas desde o prólogo, é interessante a maneira que o cronista retrata a guerra, não em sua totalidade, mas sim em suas particularidades através do cotidiano dos soldados, das histórias relatadas pelos pracinhas e por detalhes que só são possíveis de serem observados através da vivência da guerra. Para exemplificar uma dessas particularidades, leiamos o trecho da crônica publicada em 21 de fevereiro de 1945:

Quando os nossos soldados voltarem ao Brasil as famílias vão estranhar muito a linguagem deles. Já nos quartéis do Brasil eles incorporaram uma porção de gíria militar.

- Esse capitão gosta de traquejar! O sujeito bobeou um pouco ele está enquadrando. O'tésa!

Dizer que um oficial é “traquejado” não quer dizer, como na linguagem paisana comum, que seja um homem experimentado; quer dizer que gosta de chamar os soldados à ordem, gosta de “traquejar” e nos casos mais graves, “enquadrar”, isto é, manter o pracinha dentro de algum artigo do R. D. E., o Regulamento de Disciplinas do Exército²³.

Neste excerto, o cronista comunica às famílias dos soldados a “nova” linguagem dos pracinhas, que seria repleta de gírias militares adquiridas já nos quartéis e durante o período em que estiveram na Itália. Em outro parágrafo, completa a questão da “nova” linguagem, citando palavras do idioma italiano que os soldados foram incorporando ao seu vocabulário e o linguajar mesclado entre a língua materna e a língua local, como verificamos no trecho “O que as famílias dos expedicionários vão estranhar muito é o linguajar italianado.”²⁴; ou seja, o assunto central da crônica traz uma informação singular, uma micro visão, até mesmo pitoresca, daquele momento histórico.

Outro exemplo sobre as particularidades do cotidiano dos expedicionários brasileiros na Itália foi uma crônica publicada no *Diário Carioca* em 07 de fevereiro de 1945, segue trecho do texto de Braga:

Foi um almoço apenas – e tivemos de tocar viagem com toda certeza não passaremos tão cedo por ali. Foi um almoço entre duas reportagens – mas que esse simples almoço seja cantado aqui em prosa ainda que má, atrapalhada e apressada. Eu disse lá em cima que foi comovente a comida e gostaria de explicar que um dos assuntos que mais comovem nossos soldados numa conversa é o assunto de comidas. Um começa a falar do que costuma comer na casa dele em Alagoas; outro fala de seus pratos familiares em Minas. E cada um descreve um prato; quando dois homens concordam no mesmo prato e cada um acrescenta um detalhe, eles começam a falar com uma grande animação; sentem-se como que irmãos...²⁵

O escritor relata que, entre as várias conversas dos soldados, um dos temas que mais traz comoção é comida, uma vez que a culinária está totalmente interligada às lembranças de suas terras natais e às lembranças familiares. Novamente, o cronista narra para o leitor um fato corriqueiro, como uma conversa sobre “comidas” e, dessa maneira, enfatiza o particular da guerra ao invés do geral ou do político.

²³ *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1945, p.03

²⁴ A crônica publicada em 21 de fevereiro de 1945 foi transcrita na íntegra e consta neste trabalho como Anexo.

²⁵ A crônica publicada em 07 de fevereiro de 1945 foi transcrita na íntegra e consta neste trabalho como Anexo.

Ainda sobre as crônicas enviadas por Braga e publicadas no *Diário Carioca*, é válido mencionarmos que o cronista/correspondente de guerra era, segundo seu próprio relato, o único jornalista limitado exclusivamente à via aérea²⁶, ou seja, por não dispor de comunicação instantânea com o seu jornal, o telex, muitos de seus textos eram publicados dias após serem escritos, fato que, muitas vezes, deixava-os desatualizados em relação ao “grande tema”. Por fim, essas suas crônicas foram selecionadas e reunidas em livro, com o título, na primeira edição, de *Com a FEB na Itália* (1945), sendo a segunda edição nomeada *Crônicas de Guerra - com a FEB na Itália* (1964); já a terceira edição, *Crônicas de Guerra na Itália* (1985), inclui, além do livro original, artigos para revistas, uma entrevista e mais quatro crônicas do autor ligadas à Segunda Guerra outros livros.

Em suma, retomando os três cronistas, Queiroz, Amado e Braga, é válido ressaltarmos que as crônicas de Jorge Amado são as mais políticas, mas as de Rachel de Queiroz também dialogam de maneira ampla com a guerra em si (estratégias, cronologia, geopolítica etc.), sendo ambos os escritores observadores do acontecimento histórico. Amado exprime pontos-de-vista mais claramente ideológicos do que os de Rachel, que cita os fatos e, no comentário, parte para os seus detalhes, aspectos líricos, ligados às questões humanas envolvidas em um conflito tão amplo e severo. Rubem Braga, no mesmo período, ofereceu, ao público carioca, textos nos quais também há temática da guerra, dialogando com os outros cronistas, porém sob outro viés, o daquele que testemunhou o conflito e registrou os detalhes no calor da hora, uma vez que Braga teve a prestigiosa missão de correspondente de guerra. Sem dúvida, os perfis diferentes das crônicas relacionam-se à individualidade dos autores, mas não deixam de compactuar com o perfil e estratégia de cada um dos periódicos, na abordagem e endereçamento que desejaram dar aos comentários de um período e acontecimento histórico tão significativo.

²⁶ BRAGA, Rubem. *Crônicas da guerra na Itália*. Rio de Janeiro. Record.1985. p.07

Capítulo 1– De Rachelzinha à jornalista e ao jornal

1.1 Rachel: romancista e cronista

Um dos primeiros contatos de Rachel de Queiroz²⁷ com o jornalismo foi uma carta datada de 27 de janeiro de 1927, enviada à redação do jornal *O Ceará*, na qual ela se referia de forma irônica ao concurso “Rainha dos estudantes Cearenses” (*Cadernos de Literatura Brasileira*, 1997, p.11). A carta foi publicada poucos dias depois, em 03 de fevereiro de 1927, sob o pseudônimo de “Rita de Queluz”.

Após a carta, a autora foi convidada a conhecer o jornal, e, passou a colaborar efetivamente com ele. Logo, ficou responsável pela página literária. A página recebia o título de “*JazzBand*”. Rachelzinha (como era conhecida em ambiente privado) organizava o suplemento, fazia a seleção de colaboradores e publicava crônicas frequentemente, o que faz com que ela tenha iniciado sua carreira de cronista antes dos seus vinte anos.

Ainda n’ *O Ceará*, escreveu seu primeiro folhetim, composto por cinco partes e intitulado “A história de um nome”, o qual começou a ser publicado em 31 de julho de 1927.

Segundo a pesquisadora Cecília Maria Cunha, no ano de 1928, a autora foi convidada a participar da redação de um novo jornal: *O Povo*. O jornal inaugurava uma sessão semanal aos sábados, com o nome de “Modernos e Passadistas”, na qual intelectuais e escritores cearenses tiveram seus textos publicados. As mulheres ali também eram autoras frequentes, destacando-se Rachel de Queiroz, que, até então, ainda assinava como “Rita de Queluz”. No mesmo ano, uma novidade cultural ocorreu no estado: o jornal *O Povo* publicou

²⁷ Em relação ao nome, adotaremos a grafia Rachel de Queiroz, que corresponde ao registro de nascimento da autora, muito embora, críticos consagrados como Alfredo Bosi e Afrânio Coutinho tenham escolhido a grafia “Raquel”. Segundo me explicou o Prof. Alfredo Bosi em consulta particular a ele dirigida, essa escolha deu-se após consideração da reforma ortográfica de 1943.

um suplemento literário, a revista *Maracajá*²⁸, “*órgão oficial dos novos*”. Apesar de ter somente dois números, passou a ser considerada porta-voz do movimento modernista, principalmente após ter sido distribuída por todo o país. A autora contribuiu para a elaboração de *Maracajá*, apesar de renegar esse trabalho após alguns anos. A propósito da participação da escritora em *Maracajá*, bem como sobre a posterior rejeição a este trabalho, Cunha nos diz em seu artigo “Imagens do sertão Cearense nas crônicas de Rachel de Queiroz”.

No Ceará, o ano de 1928 teve como grande acontecimento cultural do Estado a publicação do suplemento literário do jornal *O Povo*: a revista *Maracajá*, “*órgão oficial dos novos*”. Apesar de ter tido somente dois números é considerada porta-voz do movimento modernista no Estado; foi distribuída em todo o País. “Rachelzinha” também fazia parte do *gram team*. Essa produção sempre foi renegada pela autora madura.²⁹

Outro trabalho também renegado por Rachel foi um pequeno livro composto por dez poemas, os primeiros manuscritos e os últimos datilografados, que formaram, em 1928, o primeiro livro da escritora, intitulado *Mandacaru*. A autora, desde então, omitiu essa obra do público e críticos literários, mas, quase cem anos depois, no ano de 2010, o Instituto Moreira Salles publicou a obra inédita em edição fac-símile.

O romance *O Quinze*, lançado em 1930 pela editora Graphico Urânia, foi o primeiro trabalho assinado pela escritora com o nome que viria a eternizá-la, “Rachel de Queiroz”, sendo que o pseudônimo de “Rita de Queluz” ficaria apenas como parte do passado dessa carreira literária. Em março de 1931, no Rio de Janeiro, o prêmio de romance da Fundação Graça Aranha, em sua primeira edição, atribuiria a primeira colocação à escritora, pelo romance *O Quinze*; em poesia, o vencedor foi Murilo Mendes e, na categoria pintura, Cícero Dias. No ano seguinte, José Lins do Rego recebeu o mesmo prêmio pelo romance *Menino de engenho*. Outros ícones da literatura, entre eles Érico Veríssimo (em 1934), Jorge Amado (em 1936), Clarice Lispector (em 1943), Lêdo Ivo (em 1947), também seriam contemplados com a premiação.

²⁸, CUNHA, Cecília Maria. *Rachel antes do QUINZE*. In.: *Jornal O Povo*, Caderno Sábado, 11/11/95. p. 06.

²⁹ _____, *Imagens do sertão Cearense nas crônicas de Rachel de Queiroz*. In.: *Ver. Humanidades*, Fortaleza, v.23,n 2, p. 107-119, jul./dez.2008.

O segundo romance, *João Miguel*, foi apresentado ao Partido Comunista no ano de 1932, mas censurado pelo PC, pois alguns personagens da obra tinham característica que contrariavam os ideais do partido. Em uma entrevista concedida a Ary Quintella, publicada no *Jornal do Comércio*, Rachel esclareceu este fato.

Eu tinha escrito *João Miguel* e o pessoal exigiu fazer uma censura prévia. Dei os originais para eles lerem e depois houve uma reunião especial para discutir o livro. E o veredito foi que o livro não podia ser publicado. Diziam eles: “Acontece que no livro *João Miguel* um operário mata o outro, e aquele coronel é uma figura simpática, e a mocinha é uma reacionária... de modo que você tem que fazer o operário matar o “coronel”, quem tem de ser prostituta não é a Filó, tem de ser a moça, porque é a nossa adversária de classe.” Eu então mandei tudo para o inferno!³⁰

Desligando-se do Partido Comunista por causa da censura à sua obra, Rachel, com seu romance original em mãos, decidiu sair do Ceará e se mudou para o Rio de Janeiro. O romance *João Miguel* foi publicado no mesmo ano pela editora Schmidt.

Rachel de Queiroz, em 1933, chega a São Paulo acompanhada pelo esposo José Auto da Cruz Oliveira e pela filha Ela continuava envolvida na política brasileira, mas, nesse período, dedicou-se à sua função materna e fez muitas traduções trotskistas para a Atena Editora. Um breve comentário sobre o que viveu neste período aparece em sua obra memorialista *Tantos anos*:

Em São Paulo, me senti muito feliz. Ensinava, dava aulas particulares à noite, no Sindicato de Professores de Ensino Livre, e traduzia para a Atena Editora. Tinha a minha filhinha e tomava conta dela o tempo todo.³¹

Seguidamente a problemas pessoais, Rachel voltou à Fortaleza em 1935. O envolvimento político já conhecido da escritora com o PC, apesar de curto período, levou-a à prisão no ano de 1937, na época do Estado Novo e da Ditadura Vargas. Presa no corpo de Bombeiros de Fortaleza, Rachel escreveu o romance *Caminho de Pedras*, o qual foi lançado no mesmo ano pela José Olympio.

³⁰ Entrevista concedida a Ary Quintella para o Jornal do Comércio em 14.03.70 e reproduzida no CADERNOS de literatura brasileira: *Rachel de Queiroz*. Número 4 – setembro de 1997. 1ª reimpressão janeiro 2002. São Paulo: IMS. p. 15.

³¹ QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos anos*. 3 ed. São Paulo: Siciliano, 1999, p.65.

Dois anos mais tarde, a autora voltou para a cidade do Rio de Janeiro acompanhada pelo marido. Fixaram residência em um edifício no centro da cidade. No mesmo edifício morava o jornalista Evandro Moreira Pequeno, que então trabalhava para o jornal *Diário de Notícias*. Rachel começou a cooperar para esse jornal e a dupla “Rachel-Evandro”, além de jornalistas, elaborava traduções de vários livros.

Ainda no ano de 1939, já divorciada, Rachel mudou-se do edifício no centro da cidade, continuou seu trabalho no jornal e lançou a obra *As três Marias*, pela editora José Olympio. No mesmo ano passou a publicar mensalmente um artigo sobre cinema na *Revista do Brasil*.

Abandonando o romance em 1939, na década seguinte Rachel dedicou-se às crônicas. No início de 40, publicou seus textos em diversos jornais influentes na época, tornando-se cronista exclusiva da revista *O Cruzeiro* no ano de 1945. Nesse contexto, aparece o livro *A donzela e a moura torta*, que foi publicado em 1948, e reúne várias crônicas publicadas na imprensa durante os anos de 1940 a 1945. Também pela José Olympio, em 1958, publicou a coletânea *100 crônicas escolhidas*, obra que foi reeditada em 1994 pela editora Siciliano e recebeu um novo título: *Um alpendre, uma rede, um açude*.

Após um longo período sem publicar romances, em 1975, Rachel de Queiroz lança *Dora Doralina* e, uma década depois, *O galo de ouro*.

Em 1988, no jornal o *Estado de São Paulo*, Rachel voltaria a se dedicar exclusivamente às crônicas, escrevendo um texto por semana, no “Caderno 2”, até o ano de sua morte (2003): a primeira crônica do “Caderno 2”, recebeu o título de “Ainda não havia Rita Lee” e foi publicada no dia 12 de janeiro de 1988, enquanto a última delas, “Onde está este coração?”, saiu no *Estado de São Paulo* em 8 de novembro de 2003, ou seja, quatro dias após a morte da cronista.

A vasta produção cronística da autora resultou ainda em outras coletâneas. São elas: *O brasileiro perplexo* (1964), *O caçador de tatu* (1967), *As menininhas e outras crônicas* (1976), *O jogador de sinuca e mais historinhas* (1980), *Mapinguari* (lançada em 1964, porém depois reeditada em 1995 com o título de *O homem e o tempo*) e *As terras ásperas* (1993).

Retornando ao romance, no ano de 1992 e pela editora Siciliano, Rachel publica seu último livro do gênero: *Memorial de Maria Moura*. Vale ressaltarmos que a escritora ganhou prestígio literário como romancista desde seu primeiro livro *O Quinze*, obra que, além de se tornar um dos ícones do regionalismo de 30, já demonstrava também o perfil estilístico da autora, assim como afirma Bosi:

Na esteira do regionalismo, Raquel de Queiroz compôs dois romances de ambientação cearense, *O quinze* e *João Migue*. Em ambos releva notar uma prosa enxuta e viva que seria depois tão estimável na cronista Raquel de Queiroz.³²

Ainda sobre a escritora, nesta fase inicial, Luís Bueno também menciona a importância de *O quinze*, não somente pela inovação em relação à língua, mas pela durabilidade da mesma até a contemporaneidade:

Esta última [obra *O quinze*], aliás, talvez seja a maior contribuição deste romance do final dos anos 20 e início dos anos 30. E é aí que reside a importância capital da obra de Rachel de Queiroz e José Lins do Rego, nomes aos quais deve-se acrescentar o de Marques Rebelo (...). Eles souberam plasmar uma língua literária nova, conseguiram uma solução que, em linhas amplas, continua válida até hoje para a ficção brasileira.³³

Como vemos, para o crítico, Rachel de Queiroz ao lado de José Lins do Rego e Marques Rebelo foram fortemente inovadores, principalmente em relação à linguagem literária. Retomando a esfera do regionalismo/nacionalismo de 30, Bueno complementa:

Tanto Rachel de Queiroz e José Lins do Rego dialogam com uma tradição de romance que herdaram, ao mesmo tempo em que participam de um movimento mais ou menos obscuro aos olhos da história literária brasileira de hoje, composto por obras que propõem que o romance tem que se voltar para o país, que as elites precisam fincar pé na terra ao invés de brandir um inteligente ceticismo ou refugiar-se em Paris.³⁴

Para Bueno, tanto Rachel de Queiroz como José Lins do Rego diferenciaram-se dentro do movimento, pois propuseram obras que se voltavam e valorizavam o país, uma vez que as elites tinham o posicionamento oposto.

³²BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 3ª ed., São Paulo, Editora Cultrix, p. 446

³³BUENO, Luis. *A História do romance de 30*. São Paulo, EDUSP; Campinas, Editora Unicamp, p. 156

³⁴Ibid, p.156.

Sobre a solenidade das obras de Rachel na década de 30, é interessante fazermos uma ponte para o posicionamento de Mário de Andrade em relação ao romance *As três Marias*, o qual foi publicado quase dez anos após a estreia da autora como romancista. Leiamos os excertos:

As frases se movem em leves lufadas cômodas, variadas com habilidade magnífica. Talvez não haja agora no Brasil quem escreva a língua nacional com a beleza límpida que lhe dá, neste romance, Raquel de Queiroz.³⁵

A análise de Raquel de Queiroz é curta e incisiva, à maneira de Machado de Assis. E lembra mesmo invencivelmente o Mestre, mais que seus imitadores.³⁶

É notório no primeiro excerto que Mário de Andrade, assim como Bueno, enfatizam a habilidade de Rachel com a linguagem, quer pela inovação quer pela fluidez da prosa. No segundo trecho, podemos observar a relação que Mário de Andrade opera entre a prosa de Rachel e a de Machado de Assis, o que, por um lado, recupera a ambiguidade de Mário em relação ao “Mestre”, enquanto que, por outro lado, experimenta vinculação de Rachel a uma tradição que se afirmava dentro da Literatura Brasileira.

.O prestígio da fortuna crítica de Rachel de Queiroz perdurou além dos seus romances dos anos 1930, considerando que a autora durante toda sua trajetória literária ganhou diversos prêmios e condecorações³⁷ por suas obras, além de ter sido a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, a de número 5, em 1977.

Como vimos, Rachel de Queiroz foi uma grande romancista e produziu uma ampla quantidade de crônicas. Porém, como o objetivo deste estudo

³⁵ ANDRADE, Mário. *O empalhador de passarinho*. 3ªed. São Paulo, Martins; Brasília, INL, 1972, p. 115.

³⁶ Ibid, p. 118

³⁷ Pelo conjunto de sua obra, no ano de 1957, Rachel de Queiroz recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Depois, também pelo conjunto de sua obra, em 1996, recebeu o Prêmio Moinho Santista. Outras premiações: o Prêmio Nacional de Literatura de Brasília para conjunto de obra em 1980; o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Ceará, em 1981; a Medalha Rio Branco, do Itamarati (1985); a Medalha da Inconfidência do Governo de Minas Gerais (1989); O Prêmio Luís de Camões (1993); o Diploma de Honra ao Mérito do Rotary Clube do Rio de Janeiro (1996); o título de Doutor Honoris Causa, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2000). Em 2000, foi eleita para o elenco dos “20 Brasileiros empreendedores do Século XX”, em pesquisa realizada pela PPE (Personalidades Patrióticas Empreendedoras).

envolve somente um destes gêneros, daremos continuidade no próximo tópico enfatizando o gênero crônica.

1.2 A crônica

Antes de iniciarmos qualquer reflexão sobre as crônicas de Rachel de Queiroz e seus diálogos com o externo e as outras rubricas do periódico *Correio da Manhã*, é fundamental melhor situarmos o conceito de crônica.

A palavra “crônica” e suas variantes “chronica”, “caronica”, “cronicão” e “crônicon” estão etimologicamente ligadas ao termo “Chronos”, deus da mitologia grega que representa o tempo. Assim, podemos sugerir que o termo “crônica” passou a significar o registro de fatos, ou seja, assumiu o papel de registro da realidade sócio-cultural das comunidades humanas.

Pensando nesses textos a partir do século XIX, a dialética entre crônica e jornal (incluindo a função desse gênero no periódico) foi analisado por diversos críticos, entre eles Massaud Moisés (1982) e Vivaldi (1987). Ambos argumentam que esse gênero não tem como objetivo crucial a informação, pois ultrapassa questões cotidianas; observemos os excertos abaixo:

A crônica move-se entre o ser no e para o jornal, uma vez que se destina inicial e precipuamente, a ser lida na folha diária ou na revista. Difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do cotidiano seu húmus permanente, não visa a mera informação: seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia-a-dia.³⁸

Para Vivaldi, a crônica também é um texto que vai além das informações cotidianas:

A crônica é um gênero informativo, mas do próprio tempo, é algo mais que pura e simples informação, algo mais que a reportagem.³⁹

Atualmente, no Brasil, a crônica é considerada um gênero híbrido, que oscila entre a literatura e o jornalismo, resultado da visão pessoal, particular, subjetiva do cronista ante um fato qualquer, colhido no noticiário do periódico ou

³⁸ MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. v. 1. São Paulo: Cultrix, 1982, p. 104

³⁹ VIVALDI, Martin Gonzalo. *Gêneros periodísticos – reportaje, crônica, artículo – análise diferencial*, Madrid: Paraninfo. 1987, p.126

no próprio cotidiano. Em relação ao gênero crônica e sua proximidade com o cotidiano, Antônio Candido observa:

A 'crônica' não é um 'gênero maior'. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. "Graças a Deus", — seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós.⁴⁰

No mesmo texto, Candido analisa sobre a fugacidade do gênero e as decorrências estruturais que essa característica acrescenta à crônica.

Isto acontece porque não tem pretensões de durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em 'ficar', isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que sua durabilidade pode ser maior que ela própria pensava.⁴¹

Considerando as palavras de Candido, quando diz que a crônica é "filha" do jornal, podemos ainda pensar que a crônica dialoga com o resto do periódico.

Essa constante interação/troca que há entre as crônicas e os textos dos jornais em geral já foi mencionada também por John Gledson, no capítulo de apresentação da antologia *Conversa de burros, banhos de mar e outras crônicas exemplares*. Gledson expõe como ocorreu a familiaridade do gênero com os cronistas brasileiros e evidencia a forte dependência das crônicas machadianas em relação aos jornais em que foram publicadas, além de outros jornais que circulavam no mesmo período.

À medida que fazia este trabalho, dei-me conta de que, para entender as crônicas, era essencial ler os jornais da época com

⁴⁰ CANDIDO, Antonio (1993). "A vida ao rés-do-chão", in: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 6

⁴¹ Ibid, p.6

bastante cuidado. As crônicas dependiam dele, era de facto uma planta parasita.⁴²

Sobre a “aclimação” da crônica no Brasil, outro trabalho importante, fundador mesmo, é o de Marlyse Meyer:

De início, ou seja, começos do século XIX, *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chaussée* – rés do chão, rodapé-, geralmente o da primeira página. Tinha uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento. E pode-se já antecipar, dizendo que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo de crônica à brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal (...).⁴³

Nesse mesmo paradigma, recentemente, Marie-Ève Thérenty e Alain Vaillant, ao definir a importância da matriz midiática inscrita no jornal para a literatura, a partir do XIX, relacionam tal diálogo com três características do jornal, uma vez que o definem como periódico, midiático e coletivo.

a importância do jornal para a literatura está ligada a [...] três características essenciais: o jornal é periódico, midiático e coletivo.⁴⁴

Desdobrando a definição de Thérenty e Vaillant, a pesquisadora Lúcia Granja acrescenta:

A elasticidade [do jornal] (...) está amplamente ligada a essas três características e, ao menos, a três pontos de extensão e de adaptação: o tempo (histórico e cronológico), o espaço interno do jornal onde as seções estão em constante interação/troca e, em terceiro lugar, o espaço “exterior” aos jornais, onde são feitas as relações entre essas seções - ou rubricas – e o espaço público.⁴⁵

Também pensando sobre essa transposição da crônica da Europa para o Brasil, e sobre a maneira como ela se consolidou nos periódicos brasileiros, Lúcia Granja, em seu artigo “Folhetins d’aquém e d’além mar: a formação da crônica no Brasil”, afirma que a crônica atual é o resultado de uma fusão de diferentes tipos textuais presentes no rodapé dos jornais do século XIX.

⁴² GLEDSON, John. Antologia: *Conversa de Burros, Banhos de Mar e outras crônicas exemplares*. Lisboa. Cotovia. 2006. p. 16.

⁴³ MEYER, Marlyse. *Folhetim. Uma história*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996, p. 57

⁴⁴ THERENTY, M. E.; VAILLANT, A. (Dir.) 1836, *L’an I de l’ère médiatique*. Analyse littéraire et historique de *La Presse* de Girardin. Paris: Nouveau Monde, 2001. p.10 “a importância do jornal para a literatura está ligada a [...] três características essenciais: o jornal é periódico, midiático e coletivo”.)

⁴⁵ GRANJA, Lúcia (2010). “Folhetins d’aquém e d’além mar: a formação da crônica no Brasil”, in Sérgio Vicente Motta e Susanna Busato (org.), *Figurações contemporâneas do espaço na literatura*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 111 – 133.

Os textos que denominamos “crônica” no Brasil, praticados ainda por quase todos os nossos escritores, nasceram de uma fusão dos diversos tipos de textos que ocupavam o espaço do rodapé nos jornais brasileiros; crônica política, folhetim-variedades, folhetim crítica de espetáculos e romance-folhetim. Em nossa crônica, cabiam misturados a política e assuntos gerais da semana, tudo isso sob o signo da elaboração literária.⁴⁶

Como vemos, a crônica é abordada pelos críticos como um gênero jornalístico/literário, profundamente ligado ao tempo. Portanto, as relações internas e externas da literatura são fundamentais quando trabalhamos com esse tipo de texto. Como afirma Antônio Candido, “a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas.”.

Isso tudo nos leva necessariamente à reflexão que Antônio Candido fez a respeito da dialética entre o interno e externo na obra literária. Segundo o crítico, o texto (interno) e o contexto (externo) são elementos que devem ser estudados de maneira dialética, o que possibilita a compreensão da obra lida/estudada. Em seu livro *Literatura e Sociedade*, ele explica que no passado esses dois elementos já foram estudados separadamente, mas ressalta a importância de estudarmos a literatura, unindo a função à estrutura, uma vez que, segundo ele, é essencial para o processo interpretativo fundir essas duas vertentes de estudo.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo.⁴⁷

Candido, em *A literatura e a formação do homem* discorre sobre a função da literatura perante a sociedade, questionando os princípios dos estruturalistas, que avaliam uma obra apenas pela estrutura, ignorando seu contexto e sua função social.

Em face desta [a função social da literatura], os estruturalistas optam, porque acham que é possível conhecer a história ou a

⁴⁶ Ibid., p. 111 – 133.

⁴⁷ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro. 2006. p.04

estrutura, mas não a história e a estrutura. Os dois enfoques seriam mutuamente exclusivos.⁴⁸

Seguindo os conceitos expostos por Antônio Candido, podemos afirmar que os textos do gênero crônica captam a função social, uma vez que, como já exemplificado por outros críticos, eles se nutrem de fatos quotidianos e, simultaneamente, obedecem a uma estrutura pré-definida quando são publicados nos periódicos. Já no que se refere à estrutura, é verdade que a crônica não segue tão fixamente como a narrativa de ficção as regras de composição formal dos textos, embora, evidentemente, sendo um texto narrativo, sirva-se de categorias como narrador, personagem, espaço, tempo e enredo, todos adaptados ao gênero misto entre jornalismo e literatura, realidade e ficção.

Há no narrador, por exemplo, muito da subjetividade do cronista, o que cria uma categoria textual tão mista quanto o próprio texto. Pensando na relação entre a forma textual (interno) e o contexto social (externo), é verdade que essas características apontadas na crônica levará a um afrouxamento na possibilidade de uma interpretação dialética íntegra dos polos texto e contexto. Mas é o próprio Antônio Candido quem nos ajuda a resolver esse problema, pois, como sabemos, ele considera que, na crônica, “o fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase”⁴⁹. Segundo podemos entender do texto de Candido, é o próprio desprendimento da linguagem da crônica que atuará em favor da relação dialética que procuramos demonstrar, à medida que “a magnitude do assunto e a pompa da linguagem podem atuar como disfarce da realidade e mesmo da verdade”. Nesse caso, interno e externo articulam-se pela linguagem e estrutura “ao rés do chão”, às quais se une a corrupção das formas e categorias literárias puras, combinadas ao desejo de apreensão de uma realidade, que corresponde ao olhar do cronista por sobre o seu mundo de papel, o jornal. Uma novidade da crônica, dessa maneira, seria cruzar Literatura e História em um texto que usa como fonte o suporte midiático, o jornal, o qual, por sua vez, acolhe a crônica.

⁴⁸ “A Literatura e a formação do homem” é o texto de uma conferência pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC (São Paulo, julho de 1972). Reproduzo-o segundo a versão publicada em *Ciência e Cultura* (nº. 9, vol. 24) São Paulo, 1972.

⁴⁹ “A vida ao rés-do-chão”, In.: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

Capítulo 2 – As crônicas de Rachel nas páginas do *Correio da Manhã*

2.1 O *Correio da Manhã* nos anos 1944 e 1945

Para entendermos de modo aprofundado a relação entre a crônica e o periódico em que foi publicada, é fundamental conhecermos o veículo com o qual estamos trabalhando. Portanto, apresentaremos um breve comentário sobre a trajetória do *Correio da Manhã* e nos focaremos na questão do espaço da página, dentro do periódico, durante os anos de 1944 e 1945.

Fundado pelo advogado Edmundo Bittencourt, o periódico *Correio da Manhã* teve a primeira edição publicada em junho de 1901 e a última em junho de 1974. Como afirma Ribeiro em sua obra *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950*, o *Correio da Manhã* tornou-se um dos jornais mais importantes do Brasil.

Foi, durante os seus 73 anos de existência, um dos principais órgãos da imprensa brasileira. Fundado por Edmundo Bittencourt, caracterizou-se, desde o início, como um jornal de oposição extremamente virulento⁵⁰

Ainda sobre a importância deste periódico, porém em outro momento histórico, Sodré ressaltou:

(...) e em toda a velha República, que ajudou a derrocar, o jornal de Edmundo Bittencourt foi, realmente, veículo dos sentimentos e motivos da pequena burguesia urbana, em papel dos mais relevantes.⁵¹

Como podemos observar nas palavras de Ribeiro e Sodré, o *Correio da Manhã* tornou-se um jornal de grande relevância na imprensa nacional desde o início até o fim de suas edições, o que foi em grande parte desencadeado pelas

⁵⁰ RIBEIRO, G. Ana Paula. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro, E-papers, 2007, p. 64.

⁵¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e História no Brasil contemporâneo*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1999, p.287

suas opiniões firmes e oposicionistas ao governo. Em relação ao perfil do *Correio da Manhã*, o seu antigo editorialista Márcio Moreira Alves afirma:

O *Correio da Manhã* foi, durante 50 anos, num tempo em que não existiam rádio nem TV, o jornal político mais influente do Brasil. Era mais que um jornal. Era uma escola de jornalismo, uma fortaleza política, uma trincheira de combate, quase sempre na oposição⁵².

Ainda sobre a ideologia política e a influência do *Correio da Manhã*, Marialva Barbosa considera:

Na própria caracterização dos periódicos, aparece nas falas dos jornalistas a construção de um registro memorável do grupo. Os jornais que historicamente se automodularam como sendo de oposição aparecem sempre na memória do grupo como os mais importantes, adjetivados como notáveis periódicos. Assim, *O Paíz* – um jornal nitidamente governista em todas as fases de sua existência – é referido com desprezo, enquanto o eterno oposicionista *Correio da Manhã* aparece como uma espécie de ideal de imprensa. É a polêmica, o destemor, a coragem de ser opositor que faz do *Correio da Manhã*, reiteradamente, “o maior jornal do Rio de Janeiro”.⁵³

O periódico, segundo Barbosa, foi o maior jornal carioca. Podemos validar esta afirmação por dois vieses: primeiro por ser o jornal um “eterno” oposicionista; segundo, pelas vastas tiragens diárias, uma vez que o *Correio da Manhã* chegou a obter tiragens diárias superiores a 200 mil exemplares.⁵⁴, número surpreendente ao compararmos com as tiragens de 120 mil exemplares do periódico popular matutino *Crítica* em seu melhor período.⁵⁵

Ainda sobre as tiragens, e, mantendo um elo com o período estudado neste trabalho, no caso o momento histórico da Segunda Guerra Mundial, Juarez Bahia explica que foi no início da década de 40 que os jornais duplicaram suas tiragens. Observemos:

A imprensa se movimenta no território das grandes tiragens em plena II Guerra Mundial. É a partir dos anos 40 que jornais matutinos e vespertinos e revistas semanais e mensais duplicam sua circulação – em assinaturas e venda avulsa – para um público ávido de notícias

⁵² ALVES, Márcio Moreira, *O mais influente do Brasil*, In: *Correio da Manhã – Compromisso com a verdade*, Cadernos de Comunicação, Rio de Janeiro, Imprinta, 2002, p. 48

⁵³ BARBOSA, Marialva. – *História cultural da Imprensa.: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007, p. 84

⁵⁴ Brasil, Bruno. *Correio da Manhã*. Acessível em <http://bndigital.bn.br/artigos/correio-da-manha/>. Consultada em 12 de agosto de 2015.

⁵⁵ BARBOSA, Marialva. – *História cultural da Imprensa.: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007, p. 60

sobre os acontecimentos, em particular, as mudanças políticas, econômicas e sociais deles decorrentes.⁵⁶

Logo, como as principais fontes de informações eram obtidas através dos jornais e dos rádios, é fácil compreendermos a duplicidade das tiragens jornalísticas, considerando que a população carecia de informações sobre a guerra. Em relação à dependência do periódico para obter informações, Bahia acrescenta:

Os jornais podem ser menos influentes hoje do que no passado. No século XIX e no começo do século XX, a imprensa era mais poderosa numa sociedade menos pluralista e na qual a informação se apresentava menos concentrada. Havia uma dependência maior da sociedade e relação à opinião escrita do que contemporaneamente.⁵⁷

Podemos observar que os periódicos foram fundamentais para informar e como formador de opiniões na sociedade do início do século XX. Assim, retornando o foco ao *Correio da Manhã* e o seu contínuo perfil oposicionista, o jornalista Castro cita:

E por defender sua opinião e considerar a liberdade de informar um bem inegociável, o *Correio da Manhã* morreu sem perder a dignidade que o caracterizou ao escrever a História do Brasil. Mas ainda vive na memória daqueles que trabalharam em suas páginas e foram felizes.⁵⁸

Retomando Castro, sobre “daqueles que trabalharam” no jornal é de grande valia mencionarmos que o *Correio da Manhã* teve como colaboradores grandes personalidades de nosso país, nos campos literário e político: Afonso Celso, Carlos Lacerda, Márcio Moreira Alves, Rui Barbosa, José Veríssimo, Coelho Neto, Artur Azevedo, Medeiros e Albuquerque, Evaristo de Moraes, Carlos de Laet, Alberto de Oliveira, Antonio Salles, Leão Veloso Filho (que usava o pseudônimo de Gil Vidal), Carlos Drummond de Andrade, Aurélio Buarque de Holanda, Franklin de Oliveira, Rachel de Queiroz, Rubem Braga, Otto Maria Carpeaux, Nelson Rodrigues, Oswaldo Peralva, Fernando Pedreira, Haroldo de Campos, Augusto de Campo, José Lino Grünewald, Ferreira Gullar, entre outros. Muitos deles foram colaboradores frequentes do denso “4º Caderno”,

⁵⁶ BAHIA, Juarez.. *Jornal, HISTÓRIA E TÉCNICA – História da imprensa brasileira*. 4ªed. , São Paulo, Ática, p249

⁵⁷ Ibid., p. 242

⁵⁸ CASTRO, Bertholdo. *O correio ainda vive*, In: *Correio da Manhã – Compromisso com a verdade*, Cadernos de Comunicação , Rio de Janeiro, Imprinta, 2002, p.45 .

suplemento dominical do final dos anos 1960, em que se discutiam política nacional e internacional, literatura, artes plásticas e filosofia⁵⁹.

Dando sequência ao foco do nosso estudo e enfatizando as pesquisas nas edições publicadas durante os anos de 1944 e 1945, verificamos que o jornal *Correio da Manhã* saía de terça a domingo e, nesse dia da semana, as edições variavam de 40 até 44 páginas. As edições dominicais eram divididas em dois cadernos, o primeiro sempre mais extenso com uma média de 30 páginas e o segundo, denominado “2ª Seção”, continha cerca de 14 páginas.

A primeira seção possuía sempre na capa uma chamativa notícia sobre a Segunda Grande Guerra ou fatos relacionados à mesma. Esta notícia em destaque normalmente não terminava na primeira página. Ao final da notícia havia um breve comunicado entre parênteses informando a página de continuação da reportagem, o que obrigava o leitor a folhear o restante do jornal para concluir a leitura. Normalmente, a primeira notícia terminava ou nas páginas 02 e 03, ou até mesmo na última página da primeira seção. Esta “quebra” também ocorria esporadicamente com as crônicas que iniciavam a “2ª Seção” e, assim como no caderno principal, terminavam ou nas páginas seguintes ou somente na última página. As imagens 04, 05 e 06 são exemplos significativos desta “quebra” nas notícias do periódico:

⁵⁹ Informações consultadas em <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/correio-da-manha>

(Continua na 2ª pag.)

Figura 4 - Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1944, 1ª Seção, p. 1.

(Continua na última pag.)

Figura 5 - Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1944, 1ª Seção, p. 1.

(Continua na 2ª pág.)

Figura 6 - *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1945, 2ª Seção, p. 1.

Observamos que a “quebra” de notícia é uma estratégia constante nas edições do periódico, não só nas primeiras páginas, mas também em outras rubricas. O efeito “puzzle” causado pelas frequentes “quebras” instigava o leitor a folhear todo o jornal de forma descontínua, passando pelas páginas de classificados imobiliários, classificados agrícolas, produtos domésticos, anúncios de espetáculos, entre outros, para que concluísse a leitura de diferentes notícias somente nas últimas páginas de cada seção. Portanto, podemos considerar que as imagens 04, 05 e 06 representam o efeito “puzzle” no periódico, estrutura radicalmente mosaical em relação à das crônicas e dos jornais do XIX.

Agora que compreendemos a estrutura do jornal, a seguir continuaremos nossas análises focando no espaço pertencente às crônicas de Rachel de Queiroz no *Correio da Manhã*.

2.2 As crônicas no espaço do *Correio da Manhã*

Como apontado na seção anterior, a crônica é um texto jornalístico-literário. Apesar de, pelo lado literário, ao ser publicada em livro, ela mostrar as suas pretensões à durabilidade - aludindo novamente aos conceitos de Candido⁶⁰ - para que possamos compreendê-la, muitas vezes, é necessária, ou mesmo imprescindível, a leitura das notícias do jornal.

Um exemplo desta necessidade premente ocorre em relação à crônica de 11 de junho de 1944, publicada no *Correio da Manhã*, na primeira página da “2ª Seção” (caderno voltado à cultura). Nessa edição, a crônica de Rachel de Queiroz intitulada “Carta aos soldados que estão combatendo” traz em seu conteúdo a indignação da autora em relação aos pesares e às mortes dos jovens soldados que estavam combatendo na guerra. No entanto, aquilo que poderia parecer, em uma edição em livro, expressão da subjetividade da autora por meio de seu narrador-cronista, muda de figura quando observamos a primeira “nota” (uma espécie de notícia de última hora), em destaque na primeira coluna da primeira página do caderno principal periódico. Trata-se de um agradecimento do presidente Roosevelt ao presidente Getúlio Vargas, em que se mencionava que o Brasil continuava enviando seus filhos, ou seja, os jovens para lutarem a seu favor. A imagem abaixo nos dá a medida da atualidade jornalística daquilo que, na crônica, pareceria, na publicação em livro, à primeira vista, expressão pessoal:

⁶⁰ CANDIDO, Antonio (1993). “A vida ao rés-do-chão”, in: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 6

Figura 7 - *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1944, 1ª Seção, p. 1. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Na primeira coluna, dentro de uma espécie de “box”, encontramos o texto *“A libertação das populações cativas e a restauração da paz no mundo”*, que transcrevemos abaixo:

A LIBERTAÇÃO DAS POPULAÇÕES CATIVAS E A RESTAURAÇÃO DA PAZ NO MUNDO

O presidente Roosevelt responde ao presidente Getúlio Vargas

O presidente Franklin Roosevelt enviou, ontem, ao presidente Getúlio Vargas, a seguinte mensagem:

“Fiquei profundamente emocionado com a expressão dos sentimentos de Vossa Excelência e do Povo Brasileiro na mensagem que me dirigiu no primeiro dia de desembarque das tropas aliadas na França para libertarem as populações cativas da Europa e restaurarem a paz no mundo. Tenho a satisfação de comunicar-lhe que estou mandando transmitir ao general Eisenhower os termos do telegrama do Chefe do Governo do grande povo aliado do Brasil que também vai enviando os seus destemidos filhos para lutarem no estrangeiro contra os inimigos da liberdade. (a) – Franklin D. Roosevelt”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1944, p. 1.

Ocorre que o texto de Rachel dialoga intensamente com essa primeira nota, mostrando que a substância da crônica está ligada ao noticiário do jornal ou à leitura que os seus textos fazem do cotidiano dos acontecimentos. Para demonstrarmos essa ligação, observemos o nono parágrafo da crônica:

É que no fundo do coração, bem no fundo, sabíamos que havia sempre a imensa reserva dos moços, para nos escudar, para morrer por nós, quando chegasse a hora. Por isso temos vivido nesse insensato descuido, desde que a outra guerra acabou. Por isso deixamos prosperar os monstros, deixamos que afiassem impunemente as garras, os chifres, as baionetas. Vós, rapazes, crescíeis, fazendo ginástica para criar músculos, entrando nos tiros de guerra, aprendendo a lidar com armas, temperando a alma com as

heroicas façanhas dos mocinhos de cinema, com as proezas de toda a legião de valentes que a lenda e a ficção descrevem, para vos manter a todos sempre vibrantes e prontos – Roldão e os doze Pares de França, Robin Hood e o Rei Ricardo, D’ Artagnan, Buck Jones, o Fantasma Voador e o Poppeye e o Marinheiro.⁶¹

Assim como na “nota” da primeira página são citados os “destemidos filhos”, ou seja, os jovens soldados brasileiros, que foram batalhar na guerra, com uma investida mais literária, a crônica da autora faz referência aos soldados como rapazes que cresceram sendo preparados para o confronto e os comparou aos destemidos heróis da ficção. Então, a crônica é uma voz intensificadora do sentimento geral (e mesmo lugar-comum, principalmente àquela época) de que as pátrias sacrificam seus filhos em uma empreitada necessária à liberdade. No entanto, ao mesmo tempo, o texto de Rachel acrescenta os efeitos de uma reflexão mais humanizadora que, nesse caso, o literário tem o poder de colocar em marcha. Então, “a imensa reserva de moços” que morreria por todos, nessa figura massacrante das culpabilidades empregada pela escritora, aparece desdobrada na estrutura sintática paralela de “Por isso temos vivido nesse insensato descuido, desde que a outra guerra acabou. Por isso deixamos prosperar os monstros, deixamos que afiassem impunemente as garras, os chifres, as baionetas.” Em relação ao discurso de Roosevelt, o discurso da crônica individualiza a consciência e se torna mais crítico ao reiterar o descuido de todos que deixou prosperar, no território europeu, as tensões que levam ao conflito maior.

Reverendo a imagem 08, é relevante citarmos que o título em destaque na primeira página do periódico fez menção à violência da batalha descrita na notícia, fato que dialoga diretamente com outro trecho da crônica. Vejamos:

E enquanto estamos nós aqui, falando, profetizando, levianamente, lá nas areias da Normandia estais vós morrendo. A cada pancada que dou na tecla desta máquina, morre um homem. Nunca, em toda a história do mundo, nem por ocasião do dilúvio, morreu tanta gente. Morrem homens na Ásia, na Europa e na Oceania. Morrem homens nas Ilhas do Pacífico, nas estradas da China, nas praias da França, nas campinas da Itália, nos pântanos de Pripet. Enquanto comemos, enquanto saímos e tomamos o bonde, eles morrem. No céu, debaixo do mar, por cima e por dentro da terra, eles morrem. Nós aqui vivemos; e marcando o compasso da nossa vida, eles morrem. Ouvimos o rádio? eles morrem. Damos um abraço no nosso amor? e eles mordem o chão, ou dão um salto no ar – e morrem.

⁶¹ A crônica “Carta aos soldados que estão combatendo” foi transcrita na íntegra e consta neste trabalho como Anexo.

Este trecho reitera, novamente por meio do literário, a violência da guerra em uma visão geral. Ao lermos, é notória a indignação da cronista com a quantidade de mortes causadas pela guerra em diferentes regiões mundiais; observando que em nenhum momento ela se referiu à morte especificamente de soldados, sendo que utilizou o termo “homem”, temos que sua indignação é pelo número incalculável de mortes de homens, mulheres e crianças. As “pancadas” nas teclas da máquina de escrever são diretamente associadas aos tiros que matam na Normandia e em todas as partes pelas quais a guerra se espalhou. Cada compasso de vida, cada mínima ação do autor e do leitor, marca, por outro lado, correspondência com a morte que ocupa os espaços variados da terra, água e ar.

Para compreendermos melhor o morticínio daquele momento histórico anômalo que foi a Segunda Guerra Mundial, recorremos aos estudos de Hobsbawm em sua obra *A era dos extremos*.

A Segunda Guerra Mundial ampliou a guerra maciça em guerra total. Suas perdas são literalmente incalculáveis, e mesmo estimativas aproximadas se mostram impossíveis. pois a guerra (ao contrário da Primeira Guerra Mundial) matou tão prontamente civis quanto pessoas de uniforme, e grande parte da pior matança se deu em regiões, ou momentos, em que não havia ninguém a postos para contar, ou se importar.⁶²

Ainda sobre o morticínio da guerra, porém com foco na morte dos soldados, a cronista demonstrou seus sentimentos no décimo parágrafo da crônica.

E pensando em vós, soldados, que morreis aos milhares - talvez os milhões - n'afrente russa, na frente japonesa, na frente da Itália, na frente da França, em todas as mil frentes subterrâneas dos países dominados, meu sentimento não é só admiração, não é só uma gratidão imensa, - é principalmente uma humílita contrição.

Neste excerto, ainda podemos verificar como Rachel de Queiroz pretendia demonstrar ao leitor a “geografia da guerra”, uma vez que citou as frentes de batalhas e as frentes subterrâneas dos países dominados. Nos parágrafos iniciais da crônica, também percebemos essa “geografia” que é acompanhada de uma espécie de “cronologia topográfica da guerra”. Leiamos um trecho:

⁶² HOBBSAWM, E. *Era dos extremos (O breve século XX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.50.

Depois veio a Blitz, o desastre. Polônia, Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica, França, Iugoslávia, Grécia. Um luto trêmulo se abateu sobre todos. O ataque à Rússia, Pearl Harbor. O vai e vem tenebroso de Rommel e Montgomery no deserto. Afinal o desembarque na África do Norte. Stalingrado, as ofensivas russas, a Sicília, a Itália...

No trecho, notamos que a cronista não citou de forma aleatória os ataques, as batalhas e os países dominados, assim como as notícias sobre a guerra no periódico, ambos seguem a ordem cronológica dos fatos. Para exemplificar esta afirmação, lembremo-nos que os países europeus foram “caindo” sob domínio alemão na ordem referida na crônica, sendo que a Polônia foi invadida em setembro de 1939; já a batalha de Stalingrado ocorreu em agosto de 1942 e, por último, a Itália, que acabou invadida e dividida politicamente, em setembro 1943⁶³. Podemos concluir que, no parágrafo, há uma espécie de “cronologia da guerra”, que se torna uma espécie de sumário do conflito até aquele momento.

Continuando a análise, observemos o último parágrafo da crônica:

E por nós, tende compaixão, caridade. Desculpai se continuamos a ocupar este pedaço de terra que custa o preço de vosso sangue. Perdoai se usamos esta roupa que deveria ser vossa, se comemos essa comida, se bebemos esta água limpa que vossos lábios jamais hão de tocar. Perdoai porque continuamos vivendo. Perdoai nossa maldade em nossa inconsciência. Perdoai-nos as vossas dores e a vossa morte. Ai, perdão, rapazes, perdão.

Neste parágrafo, percebermos que o “drama” da história e o “drama” do indivíduo encontram-se, afinal, exprime-se um sentimento ligado à culpa por continuar vivendo e usufruindo das condições consideradas dignas a um ser humano, enquanto que, em outro país, soldados brasileiros estavam vivenciando todos os horrores da guerra. É possível considerarmos que nesse trecho a autora se referia aos soldados brasileiros, pois ao utilizar a expressão “continuamos a ocupar este pedaço de terra” significa que os soldados que estavam agora em batalha também já tinham sido outrora ocupantes desse mesmo espaço, remetendo-nos novamente à primeira “nota” do periódico, que mencionava o envio de tropas nacionais à guerra. Dessa maneira, Rachel de Queiroz termina seu texto ainda dialogando a página inicial da “2ª Seção” com a

⁶³ BERTONHA, J. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora Saraiva, 2001, p. 58 e 59.

primeira página do caderno principal, ou seja, mantendo o elo entre Literatura e História.

Tal elo também é evidente na crônica pela citação de três nomes: Chamberlain, Rommel e Montgomery. Estes três homens foram personalidades importantíssimas no período da Segunda Guerra. No início, Arthur Neville Chamberlain ocupava o cargo de Primeiro-Ministro do Reino Unido; o militar alemão Erwin Rommel foi considerado um dos maiores generais da Segunda Guerra; Bernard Montgomery foi comandante do exército britânico e lutou contra Rommel no norte da África ⁶⁴. Assim, ao fazer referências a estas personalidades na crônica, o texto de Rachel de Queiroz, como vimos acima, revisita o momento histórico em que foi publicado.

Até agora, verificamos que a crônica “Carta aos soldados que estão combatendo” dialoga de maneira direta com a primeira seção do jornal, ou seja, seção destinada principalmente aos acontecimentos históricos. Enquanto isso, a crônica em questão nos permite ir além desses diálogos, sendo possível estabelecermos “pontes” entre ela e os textos literários que também compartilhavam a primeira página da “2ª Seção”. Vejamos a imagem 08:

⁶⁴ VIZENTINI, P. *As Guerras Mundiais*. Porto Alegre: Editora Leitura XXI, 2003, p.106

Figura 8 - *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1944, 2ª Seção, p. 1. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Analisando a imagem, notamos que a primeira página da “2ª Seção” é dividida na parte superior em sete colunas, sendo: as duas primeiras pertencentes à crônica de Rachel; a terceira e a quarta colunas ao texto “O arquiteto e a casa” de Gustavo Corção; ao lado, com uma divisão do espaço diferenciada, o poema “Saudação ao Mundo”, de Walt Whitman, na tradução do conhecido jornalista e político Roberto Pompeu de Sousa Brasil; nas duas últimas colunas o texto “Bailado popular e história”, de Mário de Andrade. Na parte inferior da página, no

rodapé, foi publicada uma espécie de “folhetim-conto”, o texto “Tenho tanta coisa a dizer-lhe” (Pirandello).

Para conseguirmos estabelecer as “pontes” entre os textos é necessária a leitura das colunas. Em “O arquiteto e a casa”, Corção aborda as críticas que o arquiteto Oscar Niemeyer publicara em um artigo sobre o poeta Vinícius de Moraes. Nosso foco, porém, é a presença da Guerra, de forma significativa, no quarto parágrafo do texto. Leiamos a transcrição:

(...) Para mim, essa curiosa coincidência⁶⁵ prova diversas coisas das quais, aliás já suspeitava. A primeira é a incontestável superioridade do poeta sobre o arquiteto na reconstrução do mundo depois da guerra; a segunda é a grande missão do poeta durante a guerra; a terceira é a resistência extraordinária que a poesia oferece à lava de quilômetros de altura produzida pela mediocridade.⁶⁶

Neste excerto, vemos que, na opinião do articulista, o mundo pós-guerra necessitaria mais de poetas do que de arquitetos, o que nos fala da natureza da destruição que sopesava sobre os espíritos naquele momento. Logo, é possível associarmos o texto de Corção à crônica de Rachel, pois, em ambos, a Guerra é contraponto para a abordagem das questões culturais mais comumente desenvolvidas nessa seção do jornal; outro ponto de contato são as reflexões sobre humanidade nos dois textos, já que Corção declara que um poeta seria mais capaz de reconstruir o mundo mais propriamente do que um arquiteto. Retomando a crônica, deparamo-nos, ali também, com a ideia da reconstrução do mundo, mas, nesse caso, apostando-se nas crianças que, justamente pela guerra em curso, provavelmente seriam poupadas da matança no futuro:

Felizmente há as crianças. Pensai nelas na hora da luta; pensai unicamente nelas. Pensai nelas que vão crescer, e talvez, por causa da vossa imolação de agora, sejam poupadas à matança, quando por sua vez forem homens.

⁶⁵ A coincidência em questão, segundo explica o texto de Corção, é o fato de Niemeyer ter-se zangado com um artigo de Vinícius de Moraes, no qual ele fizera uma lista irônica de todos os pensamentos estereotipados relativos à reconstrução do mundo pós-Guerra, que o arquiteto teria levando a sério.

⁶⁶ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1944, 2ª Seção, p. 1.

Partindo para a análise dos diálogos entre a crônica “Carta aos soldados que estão combatendo” e o poema “Saudação ao mundo”, verificamos que também estes dois textos têm pontos em comum.

A tradução, no jornal, do trecho do longo poema de Walt Whitman (“Saudação ao mundo”) aparece como novidade, à medida em que a obra do poeta começava a circular em português no jornal. Foi só alguns anos mais tarde, que Whitman mereceu a publicação de uma coletânea de poemas traduzidos em português (*Folhas de relva*⁶⁷, publicado no Brasil em 1964 pela editora Civilização Brasileira, na tradução de Geir Campos). No contexto da Guerra, o trecho do poema recortado na coluna do jornal traz-nos um “eu-lírico” que sente intimamente as distâncias, continentes, linhas e acidentes geográficos, entre outros, e vê a Terra como um “um grande e redondo assombro rolando através dos espaços”, sem deixar de saudar o mundo em seus diversos espaços e temporalidades:

Dentro de mim se dilatam as latitudes, as [longitudes se alongam,

A Ásia, África, Europa ocupam o leste – a [América foi provido o oeste,

Envolvendo o bojo da terra corre o quente [equador;

Dentro de mim está o mais longo dos dias, o [sol gira em círculos oblíquos, e não se deita por meses,

Surgido no devido tempo dentro de mim o sol [da meia noite apenas aponta por trás do horizonte e afunda de novo,

Dentro de mim, zonas, mares, cataratas, [florestas, vulcões, arquipélagos,

Malásia, Polinésia, e as grandes ilhas das [Índias Ocidentais.

Eu vejo uma grande e redondo assombro [rolando através dos espaços,

(...)

⁶⁷ O livro geralmente conhecido como *Folhas de relva* é a edição final, impressa alguns meses antes da morte do poeta. Entre os anos de 1855 e 1892, Whitman publicou e imprimiu às suas próprias custas nove edições do *Folhas de relva*, todas diferentes em conteúdos e arranjos poéticos até que em 1881 (a 8ª edição), adotou um grupo permanente de seus poemas. A 9ª edição da obra, teve apenas poemas adicionados como anexos, não alterando os poemas da edição anterior.

Vejo terras distantes, tão reais e tão próximas [para seus habitantes como minha terra o é para mim.

Vejo os longos caminhos dos rios da Terra.

Vejo o Amazonas e o Paraguai,

Vejo os quatro grandes rios da China: o Amur, [o Rio Amarelo, o Yiang-tee e o das Pérolas.

Vejo onde o Sena corre, e onde o Danubio, o [Loire, o Rodano e o Guadalquivir correm,

As sinuosidades do Volga, do Dnieper, do [Oder,

Vejo o toscano descendo o Arne e o venezia no [ao longo do Pó,

Vejo o marinheiro grego saindo da baía de [Egíria.

Eu vejo a região do velho Império da Assíria, e [do da Persia, e do da Índia.

(...)

Vejo o local das sucessões dos sacerdotes da [Terra, oráculos, sacrificadores, brahmanes, sábios, lhamas, monjes, muftis, predicadores,

Vejo onde os druidas caminharam as alamedas [de Mona, vejo o visco e a verbena,

Vejo os templos dos mortos, dos corpos dos [Deuses mortos, vejo os velhos símbolos.

Eu vejo Cristo comendo o pão de sua última [Ceia, em meio de jovens e anciãos,

Vejo onde o forte e divino jovem Hercules [trabalhou duro e longo e por fim morreu. Vejo o lugar da inocente vida e desgraçado [destino do belo filho noturno, o magnífico Baco

(...) ⁶⁸

Tudo o que o eu-lírico vê e sente aponta para a diversidade geográfica (retomada pelos rios, locais, acidentes geográficos que menciona), temporal (o presente da América como “oeste” e o passado que desfila na sucessão de sacerdotes), cultural (considerando-se, por exemplo, a diversidade de religiões), assim como para o espacial simbólico em que existe a alternância de planos (mítico e histórico, de Hércules e Baco a Jesus Cristo, por exemplo), tudo isso compondo o “grande e redondo assombro”, que rola através dos espaços. Ora, nem é necessário explicitar o diálogo que o poema de meados do século XIX

⁶⁸ O trecho do poema traduzido e publicado no jornal *Correio da Manhã*, em 11 de junho de 1944, foi transcrito na íntegra e consta neste trabalho como Anexo

efetua com o conflito mundial, em suas raízes, diversidade, amplitude geográfica e “assombro” produzido.

Nesse mesmo espírito de “assombro” com a dimensão da Guerra, retornamos ao quarto parágrafo da crônica de Rache de Queiroz:

Depois veio a Blitz, o desastre. Polônia, Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica, França, Iugoslávia, Grécia. Um luto trêmulo se abateu sobre todos. O ataque à Rússia, Pearl Harbor. O vai e vem tenebroso de Rommel e Montgomery no deserto. Afinal o desembarque na África do Norte. Stalingrado, as ofensivas russas, a Sicília, a Itália...

Se analisarmos este trecho, fica evidente a enumeração de países no poema e na crônica, reforçando a ideia da guerra dominando o mundo. Ressaltamos, então, a universalidade do espanto que o eu-lírico e a cronista colocam em cena, diante da Guerra que domina o mundo e do “vasto mundo” em tempos e espaços que o eu-lírico elege como alvo de seu assombro. Aí está o diálogo da crônica com os outros textos, nesse caso, da “2ª Seção”.

É válido enfatizarmos que ainda há múltiplas possibilidades de diálogos entre as diferentes rubricas desta edição do periódico, mas os exemplos acima já servem a confirmar nossa análise. Partimos, assim, para as outras sete crônicas selecionadas para este estudo.

2.3 “Retratos Proféticos do Fascismo”

A crônica intitulada “Retratos proféticos do Fascismo” foi publicada em 09 de julho de 1944. O texto marcado por intertextualidade e referências históricas possibilita-nos diferentes diálogos com elementos externos ao periódico, além da ponte entre a notícia inicial do jornal e a crônica de Rachel.

Iniciaremos a análise desta crônica pela vertente do texto e seus diálogos com os elementos externos, questão que já podemos observar no primeiro parágrafo:

Amarga foi a experiência política de Dostoievski. A prisão, a condenação à morte, suspensão teatralmente à um décimo de hora, a deportação, o presídio com seus horrores, o exílio na cidadezinha da Sibéria - isso tudo, trabalhando uma alma morbidamente sensível, um organismo enfermo, um profundo sentimento religioso, - juntou-se ao horror que lhe inspiravam certos processos de combate, certos métodos de luta e terrorismo, incompatibilizando-o de vez com as correntes revolucionárias da sua terra e da sua época.⁶⁹

A cronista, inicialmente, faz uma breve referência à vida e à visão política do autor russo Fiódor Dostoievski (1821-1881), garantindo desta maneira que o leitor compreendesse, mesmo não conhecendo a história e a obra do escritor russo, o restante de sua crônica. Ainda, situando o leitor, no segundo e terceiro parágrafos menciona uma das obras mais importantes de Dostoievski, o livro *Os Demônios* e compara o escritor russo a Shakespeare.

Mas é tão grande o privilégio do gênio, que onde qualquer mortal faria apenas um livro medíocre, de recriminações e ressentimentos particulares, Dostoievski traça retratos imortais e põe em cena um drama que é uma obra prima, integralmente bela e perfeita. E entendendo a alma humana como ninguém mais a entendeu, depois de Shakespeare, exibiu-lhe nessas páginas todo o avesso esfiapado e imundo, - os crimes, os recalques, a covardia, o ódio, e principalmente o medonho e inescrupuloso delírio da egolatria e da ambição.

Lendo os excertos, é nítido que Rachel de Queiroz admira a obra escrita por Dostoievski e a forma que o escritor expõe suas críticas e apontamentos perante as ações e os sentimentos mais desprezíveis do ser humano. Nesses três parágrafos que abrem a crônica, notamos que a autora ainda não elabora diálogos diretos com a atualidade, ou seja, a Guerra. Porém, do quarto parágrafo em diante, a cronista iniciará as pontes entre o conteúdo do romance russo e o momento histórico vivenciado. Observemos o quinto parágrafo:

Há, por exemplo, no romance, um certo Chigaliiov (personagem aliás secundário) que compõe um livro onde é descrito um plano de sociedade futura. E Piotr Stepanovitch Verkhovenski, o chefe e alma danada do "movimento" na pequena cidade de província onde decorre o drama, assim comenta esses planos - que lhe parecem excelentes, (passo a citar; perdoem-me a tradução e a intromissão de parênteses):

⁶⁹ A crônica "Retratos proféticos do Fascismo" foi transcrita na íntegra e consta neste trabalho como Anexo.

Ao final do quinto parágrafo, a autora explica que a partir dali citará trechos traduzidos do livro *Os Demônios* e, entre parênteses, irá fazer comentários que aproximam os trechos selecionados dos acontecimentos, teses e ideias que norteiam o conflito mundial dos anos 1940. Como veremos, a cronista utiliza a citação da tradição literária como procedimento de escrita de seu texto, além de mecanismo para destaque das ideias, o que já era um recurso da crônica. Por exemplo, segundo Granja,⁷⁰ Machado de Assis utilizou-se da autoridade da tradição literária para dar corpo aos comentários do narrador de suas crônicas, o que evidencia que a citação literária é um recurso recorrente do gênero em questão. Mas, aqui, Rachel faz dele a própria escrita da crônica:

“...ele (Chigaliov) se propõe a dividir a humanidade em duas partes desiguais. Um décimo obterá liberdade absoluta e ilimitada autoridade sobre os outros nove décimos que terão de perder a personalidade e transformar-se mais ou menos num rebanho; mantidos nessa submissão sem limites, passando por uma série de transformações, esses nove décimos atingirão um estágio de inocência primitiva - continuando porém obrigados ao trabalho...” (Não se reconhece com facilidade aqui o programa para o povo-senhor e os povos-escravos e especialmente o programa hitlerista para a Rússia, a América do Sul, as colônias africanas, etc., - para todos os povos ele fadados ao destino de pastores, lavradores e produtores de matéria prima?)

No trecho, Rachel de Queiroz elabora, pela justaposição, um diálogo entre a proposta do personagem russo de dividir a humanidade em duas partes desiguais e o seu próprio comentário sobre o programa hitlerista, transferindo parte da enunciação da ideia a um personagem de ficção, que com a cronista passa a compartilhar a generalização do pensamento enunciado no romance para a questão hitlerista, ao mesmo tempo em que confere autoridade ao discurso da crônica, por meio da verve dostoiévskiana.

No decorrer da crônica, ainda relacionando os trechos da obra russa com acontecimentos ou elementos da Segunda Guerra, a cronista estabelece pontes

⁷⁰ GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2000, p. 27.

entre a suposta “lei de espionagem” de Dostoievski e dois sistemas secretos a GESTAPO e a OVRA⁷¹:

“...é um projeto notável. Estabelece como lei a espionagem. Segundo ele todos os membros da sociedade se espiam mutuamente e têm obrigação de dar parte de tudo que lhes chega ao conhecimento. Cada um pertence a todos e todos pertencem a cada um.” (Não será esse o esquema de onde se originou a rede complicadíssima da "Gestapo" ou da "Ovra"?)

É interessante a ponte estabelecida pela cronista, uma vez que a “lei da espionagem” fictícia passa a ter um sentido verossímil, principalmente no momento histórico no qual a crônica é escrita e publicada, quando citadas as organizações secretas alemã e italiana. Em suma, o ficcional transferido para o discurso da crônica, que é o literário apoiado no referencial.

No parágrafo seguinte (décimo), Rachel traduz um trecho repleto de referências a importantes homens da história, literatura e cultura ocidentais: Cícero, Copérnico e Shakespeare são evidenciados por seus méritos e ao mesmo tempo punidos. Leiamos o parágrafo:

"...antes de tudo, rebaixe-se o nível da instrução, da ciência, dos talentos." - "Os homens de talento"... sempre fizeram mais mal que bem. Será mister bani-los ou matá-los. Cicero terá a língua arrancada, Copérnico os olhos furados, Shakespeare será lapidado"... (E igualmente ofendidos serão todos os grandes nomes da cultura europeia, sob o domínio fascista; os vivos massacrados ou banidos, os mortos queimados em efígie, suas obras destruídas em autos de fé.)

É notório também, que a escritora supõe entre parênteses que sobre o domínio dos fascistas “todos os grandes nomes da cultura europeia” também serão punidos ou eliminados, mostrando assim que como igualmente à obra, ações de estadistas totalitários fazem uso dos meios (como a cultura e as ciências) para atingir seus fins.

Prosseguindo com a leitura e a análise do texto, vemos que fatos ocorridos anteriormente a Segunda Guerra Mundial são relatados nos parênteses, em meio à tradução de *Os Demônios*, em um procedimento parecido com aquele da justaposição de trechos do romance e comentários do narrador-cronista:

⁷¹ LENHARO, Alcir. Nazismo, o triunfo da vontade. SP: Ática, 1995, p. 89.

"... Ah, se tivéssemos tempo! Nossa única desgraça é a falta de tempo. Proclamariamos a destruição... porque, porque essa ideia é tão fascinante? Atearemos incêndios"... (O Reichstag, não?) "Criaremos lendas" (Como a de Hort Wessel?) "E para esse fim qualquer ínfimo grupo é útil. Posso encontrar nesses grupos voluntários que iniciarão os tiroteios, que se considerarão honradíssimos em serem os primeiros". (Não está aí a semente de todos os putschs?)" E então começará a confusão. Será um cataclisma como jamais o mundo assistiu ..."

Neste excerto, temos três menções relevantes: o incêndio de causa até hoje desconhecida ocorrido no Reichstag (Parlamento Alemão) em 1933, a “lenda” de Hort Wessel, o ativista nazista transformado postumamente em herói pelo movimento nazi após seu assassinato em 1930 e, por último, a citação da origem de todos os “putschs”, termo que na língua alemã podemos traduzir como “golpe”. Ao relacionar estes fatos passados com os fragmentos da obra, parece-nos que a cronista retoma algumas das questões que fizeram eclodir o “cataclisma que o mundo jamais viu”, em meados de 1870, porém via e vivia naquele momento.

No penúltimo parágrafo, Rachel de Queiroz para de citar os trechos traduzidos de *Os demônios* e resume em uma espécie de grand finale a ideia do Líder dentro do contexto exposto.

E depois, como coroa de tudo, vem a ideia do Líder, do chefe-deus, perfeito e infalível, que mais tarde seria o Führer, o Duce, o Caudillo. Mas nesse caso a citação é impossível, pois exigiria a reprodução de um capítulo inteiro. Ao leitor curioso, dou o nome desse capítulo; é o "O Tsarevitch Ivan".

Ao citar os termos em alemão, italiano e espanhol referentes aos líderes totalitários, notamos o tom irônico da cronista ao compará-los ao “chefe-deus”, “perfeito” e “infalível”. Ainda, para encerrar o parágrafo, a cronista instiga mais a curiosidade do leitor ao dizer que tais diálogos entre os líderes (figuras de suma importância no momento da guerra ali presente) e a obra de Dostoiévski seria possível com a leitura de outro capítulo o "O Tsarevitch Ivan".

Para finalizar seu texto, Rachel de Queiroz utiliza o recurso textual do “nota bene (N.B)” para justificar a assinatura de um texto feito praticamente só de citações de outro autor, porém acrescenta que o leitor se beneficiou com este fato por ler as palavras de um importante escritor. Observemos o parágrafo final:

N.B. - Será contra a ética, talvez, assinar um artigo feito quase que só de citações. Mas se cometi uma falta, em compensação lucrou o público, lendo a palavra de Dostoievski, em vez de uma das minhas jeremiadas habituais.

R.Q.

Como boa fingidora, a cronista termina seu “artigo” e o assina como se fosse só dela, sem compartilhar as suas ideias e escrita com as de Fiódor Dostoievski, embora o glorifique.

Retomando uma das propostas iniciais deste capítulo, a partir deste ponto analisaremos os diálogos da crônica “Retratos Proféticos do Fascismo” com outro elemento: a notícia inicial do periódico.

A página 01 do *Correio da Manhã* de 09 de julho de 1944 trazia como notícia inicial informações do front de batalha na Itália, mais precisamente na região de Livorno, intitulada “Após encontros extremamente violentos, caíram Rosignano e Castellina no caminho de Livorno”. É interessante a suposta coincidência entre a primeira notícia do jornal e a crônica de Rachel, na Segunda Seção, ocuparem espaço similar, o mesmo quadrante da página, e terem temas coincidentes e como tema praticamente as tomadas das cidades italianas estarem no mesmo quadrante da página, tanto na primeira do caderno geral quanto na primeira da “2ª Seção”, espaço o qual Rachel de Queiroz escreve na mesma edição uma crônica com o tema baseado no Fascismo. Observemos a imagem da primeira página do caderno principal e a imagem da primeira página da “2ª Seção” para melhor associação visual:

Figura 09: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1944, 1º Seção p.01. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Figura 10: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1944, 2ª Seção, p.01. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Como vemos, é nítida a associação visual de ambas rubricas em relação ao espaço ocupado nas páginas, além do elo temático “fascismo/Itália”. Ocupação tão similar, talvez seja possível por outro aspecto: a ficcionalização. Leiamos os conceitos sobre a ficcionalização e os gêneros jornalísticos de Marie-Ève Thérenty:

A ficcionalização, podemos dizer, não está presente uniformemente em todas as partes do jornal. Algumas rubricas são geralmente refratárias a ela, como por exemplo cursos da Bolsa ou anúncios de espetáculos. Outras, porém, como os fait drivers, são particularmente receptivas a ela, em razão do seu caráter narrativo e de sua proximidade temática com a ficção. A crônica, a entrevista, a reportagem, mas também os pequenos anúncios e a publicidade podem suscitar análises frutíferas sobre a sua relação com a ficção.⁷²

Seguindo os conceitos de Thèrenty, podemos considerar que a nossa hipótese de associação visual também está interligada por outro viés o da ficcionalização, uma vez que a pesquisadora afirma que em razão do seu caráter narrativo e de sua proximidade temática com a ficção, a crônica, e no caso deste estudo, a reportagem já possuem de forma indireta uma ligação, diferentemente de outros gêneros jornalísticos que não permitem a ficcionalização, logo não nos permitindo também uma associação visual devido as mais diversas estruturas textuais.

Para encerrarmos as análises referentes à crônica “Retratos proféticos do Fascismo” e seus diálogos com os outros textos do periódico, ainda é coerente citarmos o texto lateral à crônica de Rachel de Queiroz na primeira página da “2ª Seção”. O artigo nomeado “V. E. Orlando e a casa que Petain construiu”, assinado por Orlando M. Carvalho, traz em sua temática outro “elemento” italiano em destaque, o ex- Premier italiano Vittorio Emmanuele Orlando.

O artigo, acompanhado de um retrato de Vittorio na parte central da página, relata resumidamente a história pública política do influente ex-premier e a maneira como suas ideologias em relação à reorganização do Estado fazendo ligações com as ideologias do político italiano já considerado morto com o atual (na época) Primeiro-Ministro francês Philippe Pétain. Em suma, como um dos objetivos deste trabalho é estabelecer os diálogos entres os mais variados textos de um mesmo periódico, ter na mesma página uma crônica cujo

⁷² THÉRENTY, Marie-Ève. *La Littérature au quotidien*. Seuil. Paris. 2007.p.130 (La fictionnalisation, on s'en doute, ne hante ni ne tente uniformément toutes les parties du journal. Certaines rubriques y sont généralement réfractaires, comme les cours de la Bourse ou les annonces de spectacles. D' autres, comme le fait divers, y sont particulièrement réceptives, en raison de leur caractère narratif et de leur proximité thématique avec la fiction. La chronique, l' interview, le reportage mais aussi les petites annonces et la publicité pourraient susciter des analyses fructueuses sur leur part de fiction.)

tema central é o fascismo italiano, no quadrante ao lado um artigo baseado em ideologias governamentais de um influente político italiano, sendo que ambos os textos fazem parte da mesma edição a qual a primeira notícia trazia informações dos fronts de batalhas na Itália, parece-nos estabelecer o periódico como um todo.

2.4 “Tangerine-Girl”

Na seção anterior, analisamos a crônica “Retratos proféticos do Fascismo”⁷³ e verificamos que a temática da guerra aparecia de maneira direta no texto. Para esta seção, analisaremos a crônica “Tangerine-Girl”⁷³, a qual, embora publicada em 03 de setembro de 1944, traz como tema central a breve história de uma jovem inocente e apaixonada. Contudo, mesmo sendo uma crônica com tom lírico e ficcional, a questão da guerra ainda é abordada.

A temática da guerra pode ser observada na crônica de maneira mais subliminar, uma vez que a autora relata que a jovem Tangerine-girl se apaixonara por um suposto e idealizado soldado da marinha americana. Nossas análises dos diálogos entre essa crônica e o restante do jornal partirão deste aparente detalhe: o marinheiro idealizado pela jovem era americano. O fato de o herói romântico ser um soldado americano dialoga com a notícia, que fala dos americanos no front das batalhas, os “libertadores da Europa”, portanto, como vemos na notícia publicada em destaque no jornal do dia 03 de setembro de 1944:

⁷³ A crônica “Tangerine-girl” foi transcrita na íntegra e consta neste trabalho como Anexo.

Figura 11: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1944, 1ª Seção, p.01. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Como vemos, a notícia é sobre a aproximação dos soldados aliados, sobretudo os americanos, da Alemanha, enfatizando também a invasão da Bélgica. Transcrevemos abaixo, o parágrafo inicial do texto:

“Londres, 3 (Joseph W. Grigg, da U.P.) - 5 colunas blindadas americanas avançaram sobre as fronteiras da Alemanha, Bélgica e Luxemburgo numa frente superior a 160 kms. Um porta-voz alemão advertiu o povo de Reich que a qualquer minuto, nas próximas 24 horas, as forças aliadas estarão em território da Alemanha.”

A notícia cita os soldados americanos e enfatiza a velocidade com que a tropa avança rumo à Alemanha. Com o decorrer da leitura, já ao fim da segunda coluna, observamos, novamente, a exaltação do avanço dos soldados americanos, trecho o qual destacamos com a imagem 11, em que se ressalta, na nota, que faltam apenas 18 Kms para o objetivo final, a invasão da Alemanha:

Figura 12: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1944, 1ª Seção, p.01. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

É notório que os soldados americanos estão sendo glorificados por serem a tropa que, naquele momento, fazia frente à Alemanha. Essa glorificação do soldado americano também é nítida na crônica "Tangerine-girl", pois há um momento no texto em que a jovem compara o soldado da marinha americana aos galãs do cinema da época. Leiamos o excerto:

Pôs-se a estudar com mais afinco o seu livro de conversação inglesa; quando ia ao cinema, prestava uma atenção intensa aos diálogos, a fim de lhes apanhar não só o sentido, mas a pronúncia. Emprestava ao seu marinheiro as figuras de todos os galãs que via na tela, e sucessivamente ele era Clark Gable, Robert Taylor ou Cary Grant. Ou era louro e romântico como um mocinho que morria numa batalha naval do Pacífico, cujo nome a fita não dava; chegava até a ser, às vezes, careteiro e risonho como Red Skelton.

Além da alusão ao "heroísmo" americano, outro ponto importante nesse excerto é a preocupação que a personagem principal tem em aprender a língua

inglesa, a fim de conseguir romper as barreiras idiomáticas e comunicar-se claramente com o marinheiro. Nessa crônica, as questões idiomáticas aparecem enfaticamente em todo o texto; o próprio título, “Tangerine-girl”, já nos permite antecipar a importância que a língua inglesa terá no decorrer dele.

Por esse viés idiomático, logo no parágrafo inicial da crônica, verificamos que a autora adotará o termo em inglês “blimp” para mencionar o dirigível. Vale ressaltarmos, que o vocábulo “blimp” continuará a ser utilizado no decorrer do texto. Observemos:

De princípio a interessou o nome da aeronave: não “zeppelin”, nem dirigível, ou qualquer outra coisa antiquada; o grande fuso de metal brilhante chamava-se modernissimamente *blimp*. Pequeno como um brinquedo, independente, amável. A algumas centenas de metros da sua casa ficava a base aérea dos soldados americanos e o poste de amarração dos dirigíveis. E de vez em quando eles deixavam o poste e davam uma volta, como pássaros mansos que abandonassem o poleiro num ensaio de vôo. Assim, de começo, aos olhos da menina, o *blimp* existia como uma coisa em si — como um animal de vida própria; fascinava-a como prodígio mecânico que era, e principalmente ela o achava lindo, todo feito de prata, igual a uma jóia, librando-se majestosamente pouco abaixo das nuvens.

Optando pelo termo “blimp” e reiterando-o continuamente, a cronista alude ao desenvolvimento tecnológico que traz a Guerra, enfatizando a inovação americana e os ares de modernidade que a solução do conflito propõe.

Em outro parágrafo, notamos que o vocábulo estrangeiro mencionado é, ainda, retomado várias vezes e faz-se uma alusão à escrita que identificava o transporte, o que retoma a problemática do idioma. Leiamos o trecho:

A menina que sacudia a toalha erguera realmente os olhos ao ouvir o motor do *blimp*. Viu os braços do rapaz se agitarem lá em cima. Depois viu aquela coisa branca fender o ar e cair na areia; teve um susto, pensou numa brincadeira de mau gosto — uma pilhéria rude de soldado estrangeiro. Mas quando viu a caneca branca pousada no chão, intacta, teve uma confusa intuição do impulso que a mandara; apanhou-a, leu gravadas no fundo as mesmas letras que havia no corpo do dirigível: “U. S. Navy”. Enquanto isso, o *blimp*, em lugar de ir para longe, dava mais uma volta lenta sobre a casa e o pomar. Então a mocinha tornou a erguer os olhos e, deliberadamente dessa vez, acenou com a toalha, sorrindo e agitando a cabeça. O *blimp* fez mais duas voltas e lentamente se afastou — e a menina teve a impressão de que ele levava saudades. Lá de cima, o tripulante pensava também — não em saudades, que ele não sabia português, mas em qualquer coisa pungente e doce, porque, apesar de não falar nossa língua, soldado americano também tem coração.

A cronista faz questão de enfatizar o que está escrito no dirigível, pois a sigla “U.S. Navy” está tanto no meio de transporte quanto na caneca atirada à garota. Aí, reforça-se a associação entre o veículo aéreo feito pelos americanos com material anti-inflamável, o que coloca em questão, também, modernidade da guerra, e a força bélica americana, que está tanto no dirigível militar quanto na inscrição da caneca, sendo que, nesse último caso, o “U. S. Navy” serve de ligação afetiva entre a personagem da crônica e o(s) pretendente(s) idealizado(s), o que dá à ação americana na Europa uma dimensão também humana. Nesse particular, a cronista vai ao ponto de expor que o soldado não fala a língua portuguesa, porém, mesmo não sabendo o significado da palavra “saudade”, os soldados americanos compartilham deste sentimento, dando um “tom” mais lírico à crônica.

Para fazer a relação com os outros textos da “2ª Seção”, vemos que, ao se apaixonar pelo suposto marinheiro, Tangerine-girl coloca-se diante do problema das diferentes línguas, que, evidentemente, qualquer processo de globalização traz à cena principal. Nesse caso, estamos diante do prestígio ascendente do inglês e não é à toa que o texto que, no caderno do *Correio da Manhã* é colocado ao lado da crônica, fala sobre o “duplo aspecto da tradução”, no qual Olívia Krahembuhl questiona a tradução de textos por jornalistas e escritores, que não são profissionais especializados nesse tipo de trabalho intelectual. Na mesma página, temos a publicação em capítulos de *Amar, verbo intransitivo*, romance que, como se sabe, Mário de Andrade tinha publicado em 1927, e imaginamos que o romance reatualize a referência à imigração alemã nos tempos difíceis posteriores à Primeira Guerra.

2.5. “Aí vem a paz”

A crônica “Aí vem a paz”, publicada em 17 de setembro de 1944, traz em sua temática o mapeamento do “demasiado humano” na situação de conflito mundial, como já apontamos na Introdução desta dissertação, juntamente com o início do texto onde Rachel de Queiroz expõe a necessidade de como cronista

dar seu ponto de vista sobre a guerra. Porém, a partir deste capítulo retornaremos a temática da crônica, junto a uma análise minuciosa do texto queiroziano.

Logo na leitura do segundo parágrafo, a autora demonstra sua indignação com os horrores da guerra e supõe que sua missão é de testemunhar os fatos ocorridos.

Deixa-me, pois, hoje, estudar os meus mapas. Andamos vivendo uma hora de tão medonha grandeza, que mais tarde, quando estivermos velhinhos, ou quando depois de mortos há muito tempo a nós se referirem, os nossos netos dirão: “Aquele assistiu à catástrofe de 1939...” Nem outra glória maior teremos na nossa vida, por mais que nos esforcemos, por mais que o queiramos, senão essa referência ao nosso testemunho. Fala a Bíblia nuns eleitos que vieram ao mundo com o simples destino de “testemunhar”: os reis magos, o Batista, senão me engano; pois nós teremos também esta marca, esta tarefa: seremos as testemunhas.

É perceptível que a escritora ao mencionar “Aquele assistiu à catástrofe de 1939” está fazendo menção ao fato de ele e seus leitores serem testemunhas da Segunda Guerra Mundial, o que traz veracidade às suas palavras, no âmbito da vida compartilhada entre cronista e leitores. A seguir, depois desse recurso, a cronista mergulha no particular.

Tendo embora essa missão, vamos entretanto vivendo as nossas existências com relativa regularidade, cuidando da nossa vidinha particular, enquanto a grande história vai acontecendo aos nossos olhos. Com o passar do tempo, milhares de pesquisadores se dedicaram a exumar fatos, a discutir datas, a apurar nomes – emaranhados em um labirinto de dúvidas que hoje nós resolveríamos com um simples olhar aos comunicados dos jornais ou com uma volta ao dial do rádio.

Além da “vidinha particular”, nesse trecho, a cronista projeta seu escrito e as informações que ele traz para o futuro, mostrando a alta consciência da efemeridade das notícias miúdas sobre as quais muitas vezes a crônica se debruça, para além do grande fato da ordem do dia.

Ao continuar o texto, Rachel de Queiroz cronista ainda enfatiza a questão do suposto egoísmo dela e das outras pessoas, por seguirem com suas rotinas,

ao mesmo tempo que em outra região, pessoas, assim como ela e os leitores, estavam vivenciando a barbárie da guerra.

Creio que só estou a dizer incoerências e a fazer má literatura em torno de coisas sérias, mas é natural essa desorientação em que me vejo. Decorre da vergonha, da vergonha que sempre experimentei ao constatar que sinto fome, frio, sono, vontade de dar risada, vontade de fumar, vontade de passear nas horas mais sérias de minha vida ou da vida do mundo.

Ao lermos o excerto, a cronista relata seu sentimento de vergonha ao sentir vontade de praticar ações corriqueiras e justifica-se, ao finalizar o parágrafo, comparando “as horas mais sérias de minha vida ou da vida do mundo”, ficando explícita a consciência dela, mais uma vez, frente ao conflito mundial.

No sétimo parágrafo, verificamos, mais uma vez, a linha tênue existente entre as “fronteiras” da ficção e da não-ficção e, na prática, o fato de que o gênero crônica é um gênero pertencente ao “seu próprio tempo”.

Os comunicados de hoje, dia 15 de setembro, anunciam a irrupção dos americanos através da linha Siegfried e a penetração feita pelos russos na Prússia Oriental. E todo o meu interesse está em saber que forma assumirá a resistência alemã, agora que se processa às avessas a invasão de 1940, tal como um filme cinematográfico passado de trás para diante. Terão os super-homens força e ânimo iguais os das míseras populações de raça inferior que resistiram como puderam ante os seus tanques, seus aviões, seus carros blindados?

Ao trazer para a crônica informações sobre os comunicados da guerra daquele dia, especificando a data para que essas informações praticamente possam ser conferidas, Rachel de Queiroz, que publicou a crônica no dia 17 de setembro, mostra estar escrevendo seu texto dois dias antes e confirma o diálogo intenso com o noticiário atualizado do jornal. Ainda sobre este parágrafo, a autora retoma de maneira subliminar o início do seu texto, o qual se referia à mapas e estratégias desde o início da guerra, quando os alemães dominavam o conflito e traz indagações sobre qual será a reação/estratégia do mesmo exército, uma vez que a situação naquele momento de 1944 havia mudado, fazendo ainda uma ironia sobre a resistência dos de “raça inferior”, no início do conflito. É de suma importância nesta crônica recorreremos ao jornal do dia 15 de setembro de 1944, para que enfim sejamos capazes de compreender “os

comunicados de hoje”, portanto observemos a imagem da primeira página do periódico:

Figura 13: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1944, 1ª Seção, p 01. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Os comunicados do dia 15 de setembro daquele ano traziam informações favoráveis aos países aliados, sendo que a notícia principal do jornal avisava que tropas americanas haviam invadido a Alemanha e obtido vitórias no solo alemão, o que nos faz compreender perfeitamente as palavras da crônica de Rachel, seu posicionamento político aliado ao do jornal e de toda a imprensa àquela altura, o que a faz enunciar: “E todo o meu interesse está em saber que forma assumirá a resistência alemã, agora que se processa às avessas a invasão de 1940”.

Retornando para o diálogo em relação ao mapa, Rachel menciona-o novamente em outro trecho:

Estudo o meu mapa, estudo, procuro recordar como caíram todas aquelas nações que uma a uma fui riscando de vermelho; como cairá a Alemanha? Falam que a história se repete; repetirá, portanto, o Reich a queda de alguma das suas vítimas?

Vemos que, sob a inspiração do pensamento de Marx,⁷⁴ a cronista não acredita na repetição completa dos fatos e, estudando seus mapas, ela nos indica que busca as estratégias que os nazistas utilizaram para conquistarem

⁷⁴ “A história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa”. Karl Marx MARX, K., Dezoito Brumário de Louis Bonaparte, 1852.

cada nação no decorrer da Guerra, o que, inteligentemente, aponta para o fato de que não serão os mesmos caminhos que derrubarão o Eixo. Resta saber porque a sua opinião precisa ser tão insinuada, ao invés de declarada, no texto. Acreditaria a maioria em uma tomada da força pelos mesmos caminhos em que a paz fora derrubada pelo Eixo?

Desse ponto da crônica a seguir, a escritora enfatiza a figura de Hitler como uma espécie de “deus-nazista”, que até então estava vitorioso no combate, e começa a duvidar da “fé” dos soldados nazistas em seu Führer.

E sem o seu Führer, sem fé na sua doutrina política porque ela era o próprio Führer, sem um velho passado glorioso a defender – (que a Alemanha é uma colcha de retalhos tardiamente alinhada, reunindo num ódio de maus vizinhos romanos, austríacos, bávaros, meklemburgueses, etc., fumegante ainda em rixas mais antigas que o próprio Reich) – que chama alimentará o heroísmo nazista?

Ou seja, a História já estava se tornando tragédia e talvez viesse a ser farsa. A questão da credibilidade em uma vitória nazista, sendo que agora a Alemanha perdera suas forças no conflito, já encaminha seu leitor a outro viés: o ódio das nações vizinhas. Assim, no parágrafo seguinte, Rachel cita que o sentimento de ódio e de repulsa causados pelos atos desumanos dos alemães, fizeram com que grandes nações como Rússia, França, Estados Unidos, entre outros também exigissem vingança, o que mostra que ela está inclinada a analisar os fatos presentes, esperando, talvez, que essas informações não se dissipem no futuro.

Com os nazistas praticamente abatidos e as hipóteses de vingança, a cronista aborda outro ponto, o ponto final do conflito, como iriam chegar ao fim da Segunda Guerra sem causar mais martírios às pessoas inocentes.

Fala-se sempre em “rendição incondicional”; como há de ser essa rendição incondicional? Conforme o sugerido muito a proposito um comentarista de guerra dos Estados Unidos, temos que perguntar: quem poderá tratar a paz em nome da Alemanha vencida? Os generais? E o povo os acompanhara? Acompanhá-los-ão os elementos do partido nacional-socialista, todos criminosos de direito comum, assassinos de alemães, homens, mulheres, judeus, operários – assassinos e não adversários que o foram de todas as populações inermes da Europa, assassinos que da paz só uma coisa podem esperar: a força?

Notamos as indagações de Rachel a respeito de como acabar com o conflito de forma pacífica e com quem seria dialogado um suposto acordo de paz por parte da Alemanha vencida, preocupada com a inviabilidade “rendição incondicional”. Assim, para finalizar seu texto, expõe:

Só uma certeza segura já temos todos, no meio de tanta dúvida: é que enquanto houver no mundo um nazista, um fascista, com uma arma ao seu alcance, vivente nenhum da terra poderá ter confiança na paz.

Neste último parágrafo, temos as hipérboles da autora quando a mesma afirma que enquanto existirem nazistas e fascista armados nenhum ser humano poderá acreditar na paz, finalizando, assim, com um certo apelo ao sentimentalismo universal. Porém, antes desse final retórico e que aponta para um final idílico, caso nazistas, fascistas e armas fossem eliminados, vemos que a crônica de Rachel de Queiróz transcende o mero intimismo e a superficialidade das opiniões de um comentarista que apenas flana pelos assuntos da semana.

2.6 “Aquela rua em Paris”

A “2ª Seção” do *Correio da Manhã* de 12 de novembro de 1944 traz na primeira coluna do alto da página a crônica de Rachel de Queiroz contendo o título de “Aquela rua em Paris”. A crônica trata faz uma comparação entre a vida nas ruas do Rio de Janeiro e de uma rua em específico na capital francesa, a Rua Le Huchette, palco principal do livro “The last time I saw Paris”, de Elliot Harold Paul⁷⁵, obra a qual é também mencionada na crônica. Nesse caso, uma das principais estratégias da crônica é a da intertextualidade.

Abrindo o texto com um pequeno trecho de uma cantiga de ninar, a escritora já apresenta de maneira indireta o assunto que será abordado: “Se essa rua fosse minha, eu mandava ladrilhar”.

Com o título da crônica enfatizando uma rua em Paris e como introdução o verso da cantiga popular “Se essa rua fosse minha”, já notamos que o

⁷⁵ Elliot Harold Paul (1891- 1958), jornalista americano que morou em Paris entre o período das duas Grandes Guerras, publicou “The last time I saw Paris” em 1942.

desenrolar do texto terá como temática “ruas”, ou de que maneira as ruas estão interligadas e associadas à temática macro da Segunda Grande Guerra, veremos detalhadamente através das próximas análises.

No parágrafo inicial, a escritora já situa o leitor sobre sua posição social e territorial: “Mas nenhuma rua é minha. Todas são do Prefeito, da Light, dos incorporadores dos gasogênios e dos guardas!” . Ao citar que as ruas pertencem ao Prefeito, à Light e aos guardas, a cronista dialoga com o espaço geográfico e o período em que seu texto foi escrito, uma vez que cita a empresa que fornecia energia para o Rio de Janeiro na década de 40, mencionando ainda o seu caráter público (a rua também era do governo e dos guardas), assim, nos remetendo ao período sociopolítico vivido.

Outro trecho bem exemplificador de como era rígido e controlado qualquer movimento público ou de expressão individual dos cidadãos cariocas:

Andar, por exemplo. Cuida alguém que andar é uma atividade da iniciativa individual, que o próprio dono das pernas regula e ordena: Talvez em outros lugares, mas não na rua. Senão, experimente alguém deter-se, ficar olhando o piscar dos sinais automáticos, no meio do asfalto. Virá o inevitável guarda, e com zelo e autoridade dar-lhe a ordem concisa: “Circule!”

No terceiro parágrafo, também se abre quase que uma explicação para todos os apontamentos que limita, ou mesmo cerceia a liberdade de expressão do povo:

Sair de calção de banho ou pijama não pode. Dormir na rua, nunca-nem que seja em horas tardias e num vão escuro de porta. Cantar, só no Carnaval; dançar idem. Bebedeira, precisa ser discreta; a qualquer tombo, ou entusiasmo mais acentuado, vem o guarda e leva o manifestante para o distrito.(...) Não é lícito rezar na via pública, nem fazer discurso, nem mesmo explicar temperamento. Muito menos plantar um arbusto, um pé de couve ou uma roseira, criar um passarinho ou um cachorro, atividades poéticas e inofensivas, mas rigorosamente vedadas.

A cronista demonstra sua indignação com tal ordenamento das coisas e, mesmo justificando a diferença entre as ruas carioca e parisiense, deixa claro seu desagrado e se refugia onde possa ter um livre agir, um dos motivos pelos quais tomou graça pela Rua Huchette, uma das ruas mais relevantes de Paris, por localizar-se no coração comercial de St. Michel, região original do povoamento de Paris, no caso da Rua Huchette, praticamente a primeira a se

formar depois que a vila cresceu para fora das Île Saint-Louis e Île de la Cité. A rua em questão, no decorrer do desenvolvimento da capital francesa, foi endereço de vários prédios públicos, e mesmo considerada padrão de medida mínima de largura para as ruas, à época do Imperador Luís Napoleão⁷⁶. Agora vejamos como é descrita a rua de Paris no texto:

A gente feliz daquela rua, na chamada capital do mundo, morava praticamente em via publica. Limitada entre um boulevard e uma ponte, a rua toda era uma enorme cabeça de porco, onde tudo havia, e onde um homem poderia até nascer e morrer passando a existência inteira insulado dos demais parisienses, mas não insulado do mundo.

Neste excerto, há uma comparação implícita entre a rua parisiense e um cortiço carioca chamado “Cabeça de porco”. É interessante esta comparação, ao considerarmos que o cortiço carioca citado foi o mais célebre entre os anos de 1880 e meados de 1890. Demolido em 1893, após estar parcialmente interditado pela Inspetoria Geral de Higiene, o local que chegou a abrigar mais de 2 mil pessoas, foi esvaziado por forças militares e dividiu a opinião publica no período.⁷⁷ Novamente, Rachel fez uma inferência histórica em seu texto, o que configura mais um exemplo de como o “externo” presentifica-se na elaboração do literário.⁷⁸

Procedendo com a análise do texto, mais adiante a escritora ressalta que não é o povo em si, mas sim a rua e que, inclusive, se nós lá fôssemos, faríamos boa aparição, visto que adaptaríamos a sua essência que nos levaria a nos comportarmos tal quais os franceses.

Dirá o leitor que a virtude excepcional dessa rua estaria no povo que a habitava, na língua e o povo que a fala um grande povo. (...) Não sei. Para mim, a maior virtude está mesmo na rua em si.

Mantendo o foco na rua francesa, em seguida, a escritora faz uma breve descrição do espaço físico e da população que ali vivia:

Que a rua Huchette com seus casarões, seus hotéis, sua secular sujeira, seus botequins, seus vagabundos, o posto de polícia, os

⁷⁶ Dictionnaire administratif et historique des rues de Paris et de ses monuments / par Félix Lazare et Louis Lazare - 1844-1849. Éditeur F. Lazare (Paris), pp. 327 e 446.

⁷⁷ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. Companhia das Letras. São Paulo. 2006. p.15.

⁷⁸ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro. 2006. p.04.

pobres laboriosos, os tráfugas, os artesãos e os letrados. – aquela rua era como uma casa de pensão familiar: tinha um clima favorável às intrigas, às pulgas, às bebedeiras e aos debates políticos. Lá morava o fascista e o voluntário da Espanha, a donzela e a mulher da vida. – que às vezes se revessavam: a segunda casando e a primeira errando. Assim mesmo é o mundo, uns caem outros se levantam.

No parágrafo acima, também é exposta a diversidade de tipos que moravam e frequentavam a Rua Huchette, comparando-a a uma casa de pensão, o que remete mais uma vez à desorganização urbana da Paris pré-Hausmann e ao Rio de Janeiro anterior a Pereira Passos. Como mencionamos no início do capítulo, esta crônica utiliza-se fartamente da intertextualidade em sua composição, sendo que este trecho nos remete à obra *Casa de pensão*⁷⁹, do escritor Aluísio de Azevedo, obra que traz a habitação coletiva como local principal para o desenvolvimento do enredo, da mesma maneira que a Rua Huchette serviu para a escritora. Porém, vale ressaltarmos que esta comparação não é feita pela vertente negativa, como observamos adiante na crônica pelo trecho:

A qualidade que entretanto separa Elliot Paul da muita de caçadores de pitoresco é que ele soube amar a rua descoberta pelo seu faro de turista, ajudado é lógico pela garota do dancing e pela adega frequentada outrora por Robespierre.

Existe uma ironia que se constrói a partir do reconhecimento de que existe uma convivência de diferentes temporalidades (turistas e garota do dancing contemporâneos) e a adega frequentada pela importante personalidade da Revolução Francesa, utilizada por Rachel para exemplificar a qualidade da obra do escritor Elliot Paul com os demais escritores que buscam preencher suas obras de maneira inusitada.

Para encerrar a crônica, a autora mantém seu foco na Rua Huchette, mas traz a temática da Guerra novamente à tona utilizando-se de uma metonímia, vejamos:

Hoje, que haverá na rua Huchette? Depois de dispersos, nunca mais os grupos humanos se reconstituem – e por lá de certo andou a bota do alemão (...)

A “bota do alemão” acrescenta a referência da história contemporânea ao literário e ao passado evocado pela crônica. Trata-se da referência para o exército alemão, soldados e oficiais, que se instalaram rapidamente em Paris no

⁷⁹ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

início da Guerra, dispersando familiares, amigos ou qualquer grupo humano que temiam os horrores do nazismo.

Com o final da crônica, estabeleceremos a ponte entre o texto queiroziano e a primeira notícia do caderno principal do dia 12 de novembro de 1944. Como notícia em destaque do dia, era anunciado que a França retomava o seu lugar de grande potência, pois havia sido libertada de Hitler e recebia com aclamação o presidente americano Churchill. Observemos a imagem 14:

Figura 14: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1944, 1ª Seção, p.01. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Assim, pressupondo que as notícias que decorriam durante aquele início de novembro de 44 eram sobre os acontecimentos na França, não seria inconsciente ou aleatória a elaboração do texto de Rachel de Queiroz com uma temática em primeira instância sobre a rua Huchette e muito menos, a menção da presença do nazismo no mesmo local, portanto mais um exemplo da relação entre o interno com o externo, além dos possíveis diálogos existentes em uma mesma matriz midiática.

2.7 “Morreu um expedicionário”

Em 10 de dezembro de 1944, no caderno voltado à cultura, foi publicada a crônica “Morreu um expedicionário”. Nessa e nas próximas três crônicas, como

no caso de “Tangerine Girl,” estaremos diante de um novo tipo de texto, maiormente narrativo. Este é um dos textos queirozianos selecionados que tem em seu conteúdo a presença marcante da narrativa, porém, diferentemente das outras, em “Morreu um expedicionário” a temática da guerra aparece de forma explícita e emocional.

Nesta crônica, em suma, Rachel de Queiroz destrincha com certo sentimentalismo a vida de um jovem brasileiro, desde sua meninice, o qual, diante da necessidade inevitável de sua pátria ingressar em uma guerra, vê-se subitamente mudar o foco de seus interesses, até então simplórios, e dedicar-se a tornar-se apto para o front.

A escritora começa descrevendo o menino protagonista da história, contando seus hábitos normais quando ainda criança.

Nos primeiros parágrafos, a narrativa traz a infância humilde do protagonista criado praticamente pela mãe, já viúva, e sem maiores pretensões na vida, mas numa visão bem humanizadora.

Foi batizado aqui mesmo, na Igreja de São José. O padrinho lhe deu de presente duas libras de ouro, dizendo que eram para fazer uns botões de punho, quando ficasse homem.

Como todo menino, sofreu a sua enterite e quase morreu de coqueluche. Também quase morreu afogado, aos onze anos de idade, num piquenique com banho de mar em Jurujuba. Teve sorte, foi escapando. Um anjo de menino não era propriamente. Gazeava aula, atirava pedras nos pardais da rua, de caminho para a escola, e certa vez fez malcriação à professora de Ciências. Mas diziam em geral os mais velhos que tinha bom coração.⁸⁰

Logo a seguir, aos 18 anos, quando rebentou a Guerra, o que sentia e pensava a respeito de tudo o que acontecia no mundo, que não deixava ninguém escapar ileso, mas acentuava no menino a ira e a certeza de que só apoiava lutas leais.

Já no quinto parágrafo constatamos várias menções sobre fatos e nomes que nos remetem à característica sincrônica do texto. Citações que envolvem desde a guerra na Espanha, ocorrida entre os anos de 1936-1939, como também Hailé Selassié, imperador da Etiópia entre 1930-1974. E, ainda neste

⁸⁰ A crônica “Morreu um expedicionário” foi transcrita na íntegra e consta neste trabalho como Anexo.

âmbito sincrônico, no sexto parágrafo reverencia as glórias do jogador de futebol Leônidas, mencionando a Copa do Mundo de 1938, deixando claro, portanto, sua ligação direta com o externo. Vejamos os excertos:

Voltando ao menino: teve a sua fase de futebol e mais tarde o que se poderia chamar a fase das ideias gerais. Isso aconteceu quando estudava nos últimos anos do curso secundário, na aula noturna. Não que fosse um intelectual. Mas interessou-se pela guerra na Espanha e por Hailé-Selassié.

Também se interessou muito pelo Campeonato Mundial, pelas glórias de Leônidas nos gramados europeus e o desgraçado desenlace do jogo com os tchecoslovacos. Foi mesmo o drama esportivo da Taça do Mundo que lhe propinou os primeiros venenos de curiosidade internacional.

A importância, no contexto da crônica, de um evento de caráter global como uma Copa do Mundo não está no quesito esporte, mas na evocação das diversas nações envolvidas pelo mesmo. É possível pensar na comparação entre as batalhas dos países com aquelas travadas nos campos de futebol uma vez que ambos conflitos – esportista e bélico – envolviam a população de maneira global.

Nos parágrafos seguintes, entre o sétimo e décimo primeiro, o que vemos é uma drástica mudança dos focos do até então despretenso menino, passando de total desinteresse pelo serviço militar até sua entrada no exército, agora já com dezoito anos, assumindo sua posição idealista/nacionalista - características presentes em outros textos já analisados da escritora - em relação à guerra, demonstrando que a coragem e determinação podem superar o medo e as fraquezas do homem. Observemos o parágrafo referente à entrada do Brasil na guerra:

No dia em que o Brasil entrou na guerra, ele estava com a mãe, na sala, ouvindo o rádio. A velha fez o que costumam fazer mulheres nessas horas: chorou e foi rezar no quarto. O moço ficou sozinho, num estado de exaltação indefinível. Guerra. A palavra ainda não lhe significava nada de imediato e pessoal – era ainda uma coisa longínqua, abstrata. Jamais vira guerras senão no cinema ou nos livros. Matar e morrer. Sim, teria agora que matar e morrer. Ia fazer vinte e dois anos.

Podemos considerar que a partir deste trecho a vida do jovem, que beirava os vinte e dois anos, estava destinada aos horrores da guerra, pois “agora teria que matar e morrer”. Assim, como o próprio nome da crônica

anunciava a morte do protagonista, está afirmação sendo repetida, revela-nos um apelo sentimental da autora perante o grande conflito. Tal apelo é retomado no décimo segundo e décimo terceiro parágrafos através das descrições do rapaz, agora “ futuro pracinha”, prestes a ir para a tão temível guerra.

Custaram um pouco a aceitar o nosso rapaz. Bem, não fora criado com vitaminas nem ginástica sueca. Menino modesto, seu corpo crescera sozinho sem se preocupar com as medidas de tórax indispensáveis aos que vão para a guerra. Precisou consertar uns dentes, e o médico insistiu muito com o coração. Teria um sopro no coração aquele moço? Precisava apresentar um coração perfeito, integral, batendo como um cronômetro, usando apenas sangue rico, padronizado.

Ainda sobre a aptidão física perfeita para o combate, Rachel, conclui:

Afinal, o coração serviu. Perfeito coração, que me contas agora, no teu sono sob o chão devastado da Itália? Quem sabe se estás te misturando às cinzas de outros corações ilustres, naquele solo que há milênios vem recebendo corpos de heróis, de servos e de tiranos? Parece que ali, se a gente colhe do chão um punhado de terra, arrisca-se sempre a profanar as cinzas de um tribuno de Roma ou de um chefe bárbaro. Como hão de receber contentes os corpos dos moços da América aquelas cinzas de romanos ou gibelinos que há mais de vinte anos só de fascistas tinham a companhia!

Há um tom irônico ao afirmar que o coração serviu, sendo que a cronista já ressaltou o destino trágico do rapaz. A ironia torna-se explícita no momento em que temos o questionamento sobre onde estaria o corpo do jovem protagonista, através da antonomásia “Perfeito coração” e do eufemismo “no teu sono sob o chão” .Para finalizar o parágrafo, outra ironia é usada de forma sutil ao mencionar que as cinzas de romanos e gibelinos (ambos guerreiros que defenderam seus territórios, na Antiguidade e na Idade Média) iriam se alegrar com a chegada dos corpos dos “mocinhos americanos”, uma vez que em solo italiano há mais de vinte anos predominava as cinzas fascistas.

Continuando a análise, no décimo quarto e décimo quinto parágrafos, temos os momentos que antecedem à partida do nosso menino para a guerra, mostrando quais eram suas preocupações e seus últimos pensamentos antes de ingressar no front de batalha. Leiamos um desses trechos:

Sim, porque só pensava em morrer no mar. Quando atravessou todo o grande oceano sem que os submarinos lhe alcançassem o

navio, respirou tranquilo. Possivelmente lhe haviam ficado terrores subconscientes do quase afogamento na infância. Só sei que, ao pisar no porto italiano, parecia-lhe já haver ganho a guerra.

É notório que os temores referentes à guerra sejam relacionados ao front de batalha, porém como vemos no trecho, atravessar o oceano rumo à Itália, fato que devido ao momento histórico, causava tanto medo ao jovem rapaz como o front.

Finalizando as análises de caráter literário desta crônica, nos três últimos parágrafos é narrada de forma sucinta e sem maiores explicações a morte do protagonista, supostamente deixando esse momento “triunfal”, uma vez que encerra o texto com “achou decerto que morreu muito bem”, para que cada leitor imaginasse o desfecho à sua maneira, ou ainda, para mostrar o vazio do discurso militar. Nesse caso, é citado o personagem como um herói de guerra pelo simples fato de o soldado ter falecido no estrangeiro, sem explicação ou tentativa de relatar a real causa do ocorrido, o que se constitui em uma crítica genérica, quase lugar-comum, que esconde a real posição da narradora-cronista, como acontecerá também nas outras crônicas em que se conta uma história. Retoma-se a diferença que estabelecemos, no início, entre Rachel e outros cronistas de guerra contemporâneos.

Outro fato interessante é que a cronista não nomeou seu personagem, chamando-o apenas por “menino/nosso rapaz”, generalizando o protagonista e causando, no leitor, a impressão de que o jovem podia representar qualquer um dos soldados brasileiros que serviram e morreram na guerra.

Transmutando para o diálogo entre a crônica “Morreu um expedicionário” e o periódico como um todo, é possível estabelecermos pontes diretas com a notícia “Rumo ao vale do Pó, o Pavilhão Brasileiro”. Publicada na última página do caderno principal, localizada no quadrante superior direito.

Figura 15: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1944, 1ª Seção, p. 32. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

A rubrica trazia o discurso do comandante da 1ª Região durante a entrega de certificados aos novos reservistas, no caso, trezentos e quatro jovens que haviam se formado na escola de preparação militar. O conteúdo do discurso citado faz menção aos soldados que já tinham passado pela seleção para o conflito bélico e se encontravam combatendo na Itália, como podemos observar a seguir:

Cada um dos oficiais que lá estão terá pelo menos uma promoção por ele referendada. E cada um dos soldados que se batem contra a selvageria germânica é um conscrito, voluntário ou convocado por ele admitido ao honroso ofício de servir à Pátria.⁸¹

E mais adiante no texto:

E começam a morrer nossos irmãos nos campos de batalha, porque não é sem derramar de sangue e sem o holocausto de vidas que se conseguem vitórias. Choram as famílias enlutadas, mas sem um brado de revolta, dominada pelo heroísmo de seus filhos que se fizeram heróis. E o Pavilhão Brasileiro, já banhado no sangue de bravos, marcha orgulhoso, de colina em colina, rumo ao vale do Pó (...).

Ao lermos estes excertos, imediatamente, conseguimos dialogá-lo com a crônica em dois momentos diferentes: primeiramente com o processo seletivo e formação do protagonista, o qual se tornou um herói a serviço da Pátria, assim como os trezentos e quatro jovens que se formaram na escola militar. E o

⁸¹ A rubrica completa consta neste trabalho através de imagem e como Anexo.

segundo diálogo acontece com a morte do personagem em solo italiano, o aviso da morte encaminhando à sua mãe com “choram as famílias enlutadas” e a conclusão que “achou decerto que morreu muito bem” com a glorificação mencionada “o Pavilhão Brasileiro, já banhado no sangue de bravos, marcha orgulhoso”.

Logo, podemos concluir que em ambos os textos, o de cunho literário e o de cunho informativo, a morte dos rapazes brasileiros no decorrer da Segunda Guerra Mundial, tornou-se algo corriqueiro ao ponto de nem citarem pelo menos um de seus nomes, remetendo-nos a conclusão que a vida dos meninos/jovens, durante este período, era vista meramente como mais um número militar destinado a barbárie do conflito.

2.8 “A dor de amar”

A crônica “A dor de amar” de Rachel de Queiroz, foi publicada no periódico *Correio da Manhã* no dia 21 de janeiro de 1945, na “2ª seção”. Vale ressaltarmos que o texto de Rachel inicia-se na página 01 do caderno voltado à cultura e, com uma quebra de rubrica mantendo o efeito mosaical do periódico, é finalizado somente na página 02. Como ponto de partida, analisaremos os aspectos literários e, quando possível, relacionaremos o texto literário e ficcional com os elementos externos à narrativa.

Resumidamente, a narrativa tem quatro personagens principais: Araci, os soldados Jim e Steve e a avó de Araci. Vale já ressaltarmos que o narrador não hesita em expor os personagens as mais diversas situações para que desta forma possa abordar as diferenças culturais causadas pelo contato forçado entre povos/nações, utilizando este recurso como uma metonímia de um resultado cultural inesperado e impensado que todo o conflito bélico mundial, certamente, causava e causaria nos anos vindouros. Logo, em sua temática, a crônica monta uma discussão da ambígua posição de amar um soldado estrangeiro, ao invés de um compatriota. Com a evolução do enredo, a escritora começa a elencar as contradições desse relacionamento, em plena Segunda Guerra Mundial. Assim,

retomando os conceitos de Chartier⁸², pensar nesta crônica pela vertente da sua relação com seu contexto histórico-social, uma vez que a mesma é um produto cultural de seu tempo, profundamente inscrita em sua contemporaneidade, práticas sociais e fatos com os quais dialoga.

Agora, vejamos um trecho do primeiro parágrafo já situando o leitor sobre a temática do texto:

Araci suspirava: - Ai, como é diferente o amor em Botafogo! Verdade que não conhecia outros amores. Mas afinal, parece tão fácil amar um soldado! Mormente em tempo de guerra. Quem vê, pensa que tudo já foi previsto pelos livros ou pelas fitas de cinema. Será porque ele é americano? Mas soldado americano, brasileiro ou chinês são todos das Nações Unidas, rapazes com alma, corpo, corações iguais uns aos outros, pois não é?

Nesse primeiro trecho, já é situado o tempo e espaço em que a crônica se desenvolverá: em “Botafogo”, depois “em tempo de guerra”, onde já cita outros elementos que também nos remete à época: “-Será porque ele é americano? Mas soldado americano, brasileiro ou chinês são todos das Nações Unidas⁸³.”

Entretanto, ainda no primeiro parágrafo, a cronista já abre outros questionamentos que indicam que não é assim tão simples relacionar-se com um soldado estrangeiro, pois, até mesmo o caminhar da conversa entre ambos tem que ser cuidado, haja vista que em tempos de guerra qualquer interesse em demasiado sobre o assunto pode levar a suspeitas sobre si, a ponto de considerar a pessoa um espião alemão. Vejamos:

Sabem do mesmo jeito ronronar no banco do jardim público agarrados à mão da pequena, dão o mesmo beijo de despedidas à porta de casa, às dez da noite. O fato é que se tem a impressão de que

⁸² CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

⁸³ Durante a Segunda Guerra Mundial, usou-se o nome de Nações Unidas para designar os países aliados contra a Alemanha, Itália e Japão. Mais tarde, adotou-se como nome da organização mundial que surgiu do acordo entre os vencedores. A Declaração das Nações Unidas, assinada por 26 estados em 1º de janeiro de 1942, expressava a vontade das potências aliadas de não firmar nenhum armistício em separado. Na Conferência das Nações Unidas sobre a Organização Internacional, reunida em São Francisco, nos Estados Unidos, em 25 de abril de 1945, redigiu-se a Carta das Nações Unidas, que foi assinada em 26 de junho e entrou em vigor em 24 de outubro do mesmo ano, firmada por 51 estados: os 26 que haviam assinado a Declaração das Nações Unidas, outros vinte que haviam declarado guerra às potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) antes de março de 1945, e mais cinco que foram admitidos durante a conferência.

já existe uma rotina para namorada de soldado: tem que esperar dia de folga, tem que fechar os olhos à tal de “cantina”, tem que perguntar muito pouca coisa a respeito de navio ou de armamentos, para não pensarem que a gente está trabalhando de alemão.

Seguindo com a análise, no terceiro parágrafo notamos outra marca cultural do período através da comparação entre a conduta nos relacionamentos.

A princípio, parece que o grande obstáculo é unicamente a língua. Mas língua estrangeira depressa se faz entendida. Cada um fala um pouco da outra, e está tudo feito. Para ajudar a língua perra há os olhos, as mãos, o coração apaixonado. E nos primeiros dias tudo é ainda um céu aberto. Amor à americana é outra coisa. Não tem nada do ciúme bobo destes rapazes daqui. Eles lá na América acreditam em feminismo, e mulher deles goza de liberdade igual à dos homens. Moça da América, embora tenha namorado firme, pode conversar com outro rapaz, pode sair com ele, ir até a matinê de cassino – imaginem!, pode-se até beijar sem maldade. Jim sempre diz que na América tudo isso é natural. E Jim, aqui, procura usar nos namoros as modas de sua terra. O diabo é que, depois de certo tempo, tanto desprendimento começa a provocar despeito. E a gente acaba pensando que se ele não tem ciúme não é de bonzinho coisa nenhuma – quem sabe não quer passar a pequena adiante?

É notório neste excerto uma das características frequentes da obra de Rachel de Queiroz, a reflexão sobre a liberdade feminina, pois faz questão de ressaltar a condição cultural diferenciada da “Moça da América” perante a personagem que reside em Botafogo, cheia, ela mesma, das precauções impostas por uma sociedade conservadora e machista. Porém, concluindo o parágrafo, Rachel ainda explana outra questão no tocante a relacionamentos e o que a primeira vista parece vantagem o “Amor à americana”, logo se mostra um possível desinteresse e até descaso com a relação. O conflito entre condutas estrangeiras e nacionais permanece na continuidade da crônica:

Meu Deus, quanta noite mal dormida sofreu Araci, procurando conciliar a ética da América com a ética de Botafogo! Rememorando as passagens do seu romance, desde a primeira vez em que o vira – aliás em que os vira, porque conhecera a ambos ao mesmo tempo, Jim e Steve. (É engraçado ver como as pequenas aprendem depressa a pronunciar corretamente os nomes exóticos dos moços, parece até que nunca viram um Luís, um Joaquim, um Manuel...)

Neste trecho fica clara a confusão entre a liberdade da mulher americana e a incapacidade de escolha de Araci, que está ligada, como veremos no decorrer do texto, não à moderna condição feminina, mas à precariedade de sua vida. Para ilustrar as diferenças, a cronista investe na questão dos nomes. Os dos soldados americanos – Jim e Steve – mostram quão incomum eram esses nomes naquela época, considerando-os, como a própria escritora categoriza-os, como “exóticos”, visto que em nada se assemelham aos nomes nacionais. Outro dado interessante é o nome escolhido para a personagem principal da crônica, visto que o nome “Araci” é um nome de origem tupi que significa “A mãe do dia, a Aurora”, radicalizando-se, também pelo lado brasileiro, o exotismo (se pensarmos no olhar estrangeiro).

No relacionamento da personagem do Botafogo e Jim, do décimo segundo parágrafo em diante, o que podemos notar é o foco no desenrolar da história dos personagens e a tentativa de conciliarem as diferenças da época e culturais, pois ao mesmo tempo em que Araci gostava da liberdade com que os americanos levavam seus relacionamentos, ela também não gostava da frieza com que a tratava em outras ocasiões:

Quando Steve sumiu, Jim saiu da penumbra – a princípio fazendo papel de bom amigo, brincando com ela por causa da partida de Steve; oferecia o lenço para Araci enxugar as supostas lágrimas, e certa noite chegou muito satisfeito falando: “Saudade, saudade!” Aprendera a palavra naquele dia. Araci não gostava das brincadeiras, não tinha nada com Steve, onde ficava a graça? Bem diz o povo que esses americanos são mesmo que meninos, a vida inteira. Cada homenzarrão de dois metros de altura, com aquela cara inocentinha, um buço tão leve que mal se vê. Mas ai!, crianças, porém crianças bonitas – como Jim por exemplo. Alto, espadaúdo e com uns olhos incompreensíveis. Mesmo quando já dizia quase tudo em português (falava melhor que os colegas), os olhos continuavam esquisitos e estrangeiros, com a sua luz azul transparente.

E no décimo terceiro parágrafo:

E, aos poucos, o namoro foi ficando firme. Isto é, foi ficando firme talvez só no pensamento dela. Porque na tal carta que ele fez à vovó... Mas não antecipemos a carta à vovó. Namoro ou não namoro, o que havia ia continuando. Ele a levava ao cinema – com muito respeito, é claro. Segurava-lhe um pouco na mão, suspirava expressivo em certas cenas – e nada mais. Há muito desses americanos que são rapazes de família e sabem respeitar; graças a Deus Jim é um deles. O que eles não sabem direito é amar de verdade, com coerência, com seguimento. Amam de farra, pode-se dizer. Jim, por exemplo, andava com ela certa noite das sete e meia às dez, levava-a para tomar *Coca-Cola* na

Americana, falava baixinho todo o tempo, portava-se, senão como noivo, pelo menos como comprometido. Na noite seguinte nem dava confiança, passava sem parar, como um conhecido qualquer, ia conversar em outro grupo, antes de se chegar para Araci. Quando meia hora depois se aproximava, muito à vontade, ficava todo espantando porque encontrava a pequena deitando fumaça; e indagava, ante a saudação ríspida com que ela o recebera.

O que temos na sequência, do parágrafo décimo quarto ao décimo sétimo, é uma discussão entre enamorados, mantendo o foco narrativo a despeito do tratamento por ele dispensado a ela, que não a agradou, pois a “língua do amor” não é assim tão universal e os valores de ambos menos ainda. Diante de tal cena, chega a vez do soldado refletir sobre esse seu relacionamento com uma moça brasileira, colocando em xeque seus sentimentos, chegando mesmo a expressar certo preconceito com a mulher brasileira, o que o faz lembrar o motivo de estar no Brasil: a guerra.

Felizmente ele não entendeu metade da explosão; entendeu contudo que ela não queria ser tratada de “baby”. Esperou pacientemente que a zanga se abrandasse. E quando a moça repetiu que se chamava Araci, ele ficou pensando que justamente a pedra no caminho era aquele nome. Araci... Tão bárbaro, tão “South-America”, tão tropical! Ele já andava farto de exotismo. Aproximara-se dela justamente porque lembrava uma pequena de sua terra, de pele bem alva, uns olhos que, se não eram azuis, eram pelo menos verdes – nem castanhos nem pretos – e nem profundos, nem derramados como os das outras. Não tinha também as exuberâncias de formas e de cor das suas patrícias, que eram como as frutas da terra, saborosas porém excessivas – perfume demais, açúcar demais, polpa demais. Se não fosse o nome, tomaria Araci como uma de sua raça; mas o nome! Queria uma Molly, uma Betty, uma Maisie – qualquer coisa “like home” ... Que nostalgia da sua cidadezinha natal, do apito do trem, do *icecream* que tomava na confeitaria dos estudantes, servido por aquele polaquinho sardento – Ike! Coitado do Ike, também fora para a guerra, talvez andasse agora pelo mesmo chão de onde o haviam trazido os pais.

Como vemos, o diálogo com o período histórico é retomado pela cronista de maneira sutil, como um plano de fundo para os conflitos amorosos dos personagens. Posteriormente, podemos reconhecer outro traço da cronista Rachel de Queiroz, pois além de termos mais citações sobre os comportamentos da época, demonstrando uma preocupação da escritora em situar o leitor sobre os conflitos culturais locais, à medida que Araci não quer ser confundida com

qualquer pequena que anda com soldado americano fardado, ou seja, aventureiras, prostitutas etc. Observemos:

Enquanto Jim se afundava nessas saudades, baixava a fervura do furor de Araci e ela também calava a boca. Não havia mais ninguém junto aos namorados. Os outros tinham andado, deixando que os dois decidissem a briga sozinhos. Agora, que desabafara, Araci sentia uma vontade desesperada de chorar. Jim fitou-a, com seu ar ingênuo. Começou a explicar a eterna cantiga: na América os rapazes podem falar com outras moças, e as moças com outros rapazes, pois cada um conserva a própria liberdade. Isso de ciúme é atraso, é temperamento, não parece bem. As moças brasileiras têm muito preconceito. Ainda outro dia, quando ele aparecera fardado para o passeio ao Pão de Açúcar que tinham combinado com Terezinha e Johnny, ela se recusara a acompanhá-lo. Pois na América uma pequena fica orgulhosa por ver seu namorado vestindo uma farda.

- Se fosse farda brasileira eu gostava. Mas que diria o povo se me visse andando com um americano fardado! Você nem sabe a cotação baixa que tem por aí pequena de americano...

Seguindo a análise, no vigésimo quinto parágrafo temos um ponto importante da história dos protagonistas, uma interferência que pode causar até a ruptura do relacionamento,

No dia seguinte a pequena teve ciência de que a avó fizera uma coisa inesperada. Morava na pensão uma telefonista internacional da Light, que falava inglês muito bem, por dever de ofício. Pois a velha escrevera uma carta que a outra pusera na língua de Jim. Dizia na massiva que Araci era uma moça pobre, arrimo de avó enferma com o seu ordenado de datilógrafa. Moravam ambas naquela pensão modestíssima. Como a neta não tinha pai nem irmão que a protegessem, ela, a avó, vinha lhe perguntar quais eram as suas intenções.

O conhecimento da avó de Araci sobre o envolvimento da neta com o soldado a preocupa ao ponto de pedir auxílio para uma telefonista, a fim de se comunicar com ele, visto que não falava sua língua, Mostrando todas as diferenças entre culturas e de valores, também a avó, que as reforça pelo lapso geracional, pergunta ao rapaz quais os reais “interesses” com sua neta, deste modo protegendo-a de uma possível “desonra”.

É de crer que o americano a princípio nem entendesse direito aquela história de “intenções”, embora perguntada num inglês razoável. Talvez tenha recorrido ao livrinho confidencial de instruções onde se ensina aos soldados como agir em contato com as populações nativas. E os preconceitos de honra das raças latinas – ou seriam dos índios? Enfim, nem sabia mais. Ficou muito inquieto, a medir até onde tinham ido as suas intimidades. Afinal, passear de mãos dadas, um sorvete, um rápido beijo de boa-noite... Será que os brasileiros são

mesmo como se diz na América? Felizmente, como escrevia a avó, Araci, não tinha irmão ou pai que chegasse aí puxando faca... Pobre Jim, sentia-se mais do que nunca expatriado, incompreendido.

Tal interferência da avó gera uma tensão em Jim, como podemos constatar nos parágrafos seguintes, e, ainda voltados a análise dentro da perspectiva que a crônica é produto do seu próprio tempo, encontramos vários outros elementos sobre costumes que destacam o período em que foi escrita. Vejamos:

Pelo menos era isso o que se deduzia da carta cortês e honesta que fez à avó, chamando-a de “*Grandmother*” e explicando – talvez pela milésima vez depois que estava no Brasil – a diferença entre os costumes de cá e lá, afirmando que as suas intenções nada tinham de mal. E falando assim na América, chamando aquela senhora desconhecida de “*Grandmother*”, teve um acesso de sentimentalismo, lembrou-se da própria avó ainda viva, e virou a página muito terno, dizendo no papel coisas que jamais dissera nem a si mesmo. “Araci merece todo o amor deste mundo, avó...”.

Em relação à avó, o conflito desfaz-se, por um acaso, o sentimentalismo que a carta desperta em Jim, pela saudades de sua própria avó. No entanto, nos parágrafos seguintes, inicia-se o fechamento da história, após a resposta enlevada de Jim à carta da avó de Araci, e a protagonista decepciona-se com a atitude do “namorado”, como segue nos excertos seguintes:

No entanto, depois de fazer esse bonito, depois da troca de cartas, quando ela já estava tranquila, já o supunha seu de papel e tinta (não o “escrevera” na carta?), ele recomeçou suas independências, a sair com este e aquele amigo em vez de vir encontrá-la, e até a passear com outras moças. Para fazer pirraça, num dia em que ele no jardim se demorava com a tal de Terezinha e o Johnny, Araci chamou em voz alta um rapaz conhecido – um de bigodinho, sócio do Fluminense, que há muito tempo lhe andava atrás, fazendo declarações. Começou a conversar bem baixo, entre risadinhas – num grande contraste com o seu gênio esquivo de sempre.

E, ó milagre! Jim, ao chegar, fez uma cena.

Percebemos ao final do trecho a ironia da autora ao utilizar a expressão “ó milagre” em relação à próxima atitude de Jim. Rachel, ao usar este recurso estilístico, parece divertir-se com as reações do soldado americano em solo latino, pois as atitudes que ele inicialmente desprezava nas moças brasileiras agora era ele quem praticava, como, por exemplo, uma cena de ciúmes, vez que não admitiria ver sua “namorada” falando com outro rapaz, demonstrando desta

maneira, novamente, os traços psicológicos de suas personagens. Observemos a continuidade da crônica:

América coisa nenhuma! Jim estava uma fera. “Fosse como fosse na América, ela era brasileira. Vira todo muito bem. Compreendera tudo.” E chamou o rapaz de uma porção de coisas que deveriam ser nomes feios em americano. Deles Araci só entendeu “gigolô”. E o interrompeu a fim de protestar: gigolô nada, o rapaz ganhava bem, tinha dinheiro. E Jim interrompeu a raiva para explicar que gigolô na América não era o que ela estava pensando; era só dançarino de tango.

No âmagô do macho ofendido, Araci toca universalmente Jim. Para arrematar o texto, a cronista tece sua posição sobre a temática, enfatizando sua perspectiva da variedade cultural, e que nem tudo é assim tão ímpar no mundo.

Contudo, lembrando-nos, numa leitura atual, de que se faz necessário um conhecimento sócio-histórico-cultural prévio para que compreendamos as questões implícitas e explícitas das personagens citadas na história, visto que a crônica está inserida dentro de um contexto histórico específico. Para tais associações, ressaltaremos os diálogos do texto “A dor de amar” com outra rubrica do *Correio da Manhã*: uma pequena tradução poética, em destaque, publicada no quadrante central da primeira página do segundo caderno. O poema de Alfred Edward Housman⁸⁴ intitulado “Here dead we lie”, poeta inglês também conhecido como poeta da guerra, devido aos seus vários poemas relacionados ao tema, com tradução no jornal feita por Abgar Renault⁸⁵, poeta e famoso tradutor brasileiro da época. Observemos a figura:

⁸⁴ Alfred Edward Housman foi um poeta inglês, nascido em 1859 e faleceu em 1936. Publicou apenas dois livros de poesias: *A Shropshire Lad* (1896) e *Last Poems* (1922).

⁸⁵ Abgar de Castro Araújo Renault (Barbacena, 15 de abril de 1901 — Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1995) foi um professor, educador, político, poeta, ensaísta e tradutor brasileiro. Ocupou a cadeira 12 da Academia Brasileira de Letras e a cadeira 3 da Academia Brasileira de Filologia.

Vejam os a imagem do poema no periódico:

Observemos, agora, a íntegra do poema em questão:

Here dead we lie
Because we did not choose
To live and shame the land
From which we sprung
Life, to be sure,
Is nothing much to lose,
But young men think it is,
And we were young

A crônica queiroziana pode dialogar com o poema compactado pela tradução de Renault, que funciona como uma espécie de epígrafe no contexto da página do caderno de cultura em questão. Composto por dois quartetos, “Here dead we lie” ressalta dois temas claros aos tempos de guerra e às crônicas da guerra. O primeiro diálogo é possível pela questão do conflito, que desperta valores patrióticos, enquanto o segundo ponto de contato dá-se pela questão dos rapazes que desperdiçam algo que lhes é precioso, justamente por serem jovens, a vida (relativizado o seu valor conforme a maturidade avança) fato que podemos relacionar à situação do personagem Jim da, crônica.

Vale também mencionarmos que o diálogo da crônica com a temática da Segunda Guerra Mundial pode aparecer de forma secundária, em um texto onde o foco narrativo baseia-se em um romance. Porém, devido à importância e às influências do momento histórico em que este romance foi vivido, escolher a figura de um soldado como antagonista (embora falso, pois a sua vilania é relativizada todo o tempo pela questão cultural) faz com que o grande conflito esteja presente de maneira predominante na crônica e, como vemos, em muitos textos literários.

2.9 “Rosa e o fuzileiro”

A última crônica selecionada, “Rosa e o fuzileiro”, foi publicada em 04 de fevereiro de 1945 e manteve a mesma localização no espaço midiático que as demais sete crônicas analisadas de Rachel de Queiroz:

Figura 17: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1945, 2ª Seção, p.01. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Tendo como característica a narrativa de ficção, talvez composta a partir de acontecimentos do cotidiano carioca ligados à grande notoriedade da vida militar na época, a protagonista Rosa, de apenas quinze anos, envolve-se amorosamente com um fuzileiro naval, relacionamento que desagrada o pai da jovem, homem de educação conservadora. Através deste enredo, a cronista desenvolveu sua escrita trazendo à tona, de modo alusivo, elementos que nos sugerem o momento histórico em que a crônica foi elaborada.

Entre os oito textos escolhidos, como se pode verificar na tabela comparativa entre as versões (introdução a esta dissertação), “Rosa e o fuzileiro” é o texto que sofreu mais alterações quando editado em livro. A escritora inicia-o com uma longa descrição da vida humilde da protagonista, mencionando o seu nascimento, a simplicidade de seu nome e a região rústica em que ela cresceu. Ao continuar o texto, Rachel apresenta ao leitor o antagonista: o pai de Rosa.

É homem fero: usa uma farda pacífica de mata-mosquitos, a qual, entretanto, no corpo dele é mais belicosa do que um uniforme de tropa de assalto. Quando sai, todo de cáqui, com a bandeirinha amarela e a lata de petróleo na mão, parece mais um guerreiro que um mata-mosquitos. E gosta desse nome de mata-mosquitos. O verbo matar lhe canta doce no ouvido. E ele sempre diz que não é só mosquitos que mata, não...⁸⁶

⁸⁶ A crônica “Rosa e o fuzileiro” foi transcrita na íntegra e consta neste trabalho como Anexo.

Observa-se que a narrativa é construída pela imagem reenviada do pai ao fuzileiro por quem Rosa se apaixonou (moreno, perto dos trinta, de dentição bonita). Ela, que “foi criada na religião da força e da farda”, essa última de mata-mosquito, apega-se a um homem mais velho, experiente e aparentemente valente (como o pai, que bate na filha, e não no amante), sendo o militar uma atenuação da violência e autoritarismo paternos. Descrevendo o pai da personagem como um homem bruto, que tem o apelido de “Mata”, a cronista já antecipa o final trágico da história. Em outro excerto do texto, Rachel também dá indícios do desfecho de Rosa, pois compara, com desvantagem para Rosa, a sua personagem com outras que tiveram uma história de amor polêmica e, no caso de uma delas, a morte decorrente dessa relação como final. Leiamos o parágrafo do texto:

E a prova maior dessa faceirice feminina é que Rosa ama. Sim, aos quinze anos. Também Julieta tinha quinze anos e não amou menos que Mrs. Simpson, que já passara os quarenta e dois. Amou até mais, porque a outra casou e ela morreu.

Como vemos, neste excerto há uma comparação da personagem Rosa com duas figuras femininas importantíssimas: Julieta e Mrs. Simpson. É interessante analisarmos que a escritora cita a história de amor da mais alta tradição literária e uma história verídica de amor da nobreza britânica para comparar com Rosa, possivelmente, tendo como objetivo de expor, pela desmesura da comparação, a fragilidade da situação de sua jovem personagem. Ainda nesse trecho, é notório o posicionamento sentimentalista/romântico de Rachel ao mencionar que “morrer” por amor significa amar mais do que se casar com quem se ama. Entra no mesmo caso, a citação de Mrs. Simpson, protagonista de outra história de amor que causara escândalo à época, pois o rei Edward III do Reino Unido abdicou ao trono, em 1336, por amá-la. Nesse caso, está um fato histórico que o leitor do periódico de 1945 facilmente assimilava, exemplificando mais uma vez que a crônica é um produto literário do seu próprio tempo.

Esmiuçando a relação da crônica com a Guerra, o personagem do fuzileiro é descrito como um homem “experiente”, que encanta Rosa relatando sobre suas viagens para o exterior, como fuzileiro naval, uma vez que cita as

“brigas que teve na Europa”. Novamente, Rachel de Queiroz lança mão de uma pequena história sentimental para reafirmar o viés pelo qual ela apresenta o conflito bélico aos seus leitores.

Ele já andou na França e na Argentina, sabe trocar língua em francês, diz até de vez em quando: “*Merci beaucoup, s’il vous plait*” ... Rosa quando o ouve sente um arrepio de orgulho – e depois disso, que resistência há de ser a sua? Ele conta coisas das viagens, das brigas que teve na Europa.

Os parágrafos seguintes são basicamente um resumo da violência paterna com a personagem principal, todas as vezes que o casal de enamorados era descoberto pelo pai. Ao total são narradas três surras, uma mais agressiva que a outra, sendo a primeira descrita com mais detalhes e deixado a cargo da imaginação dos leitores a violência prometida nas próximas:

Mata deixou os tamancos na porta da rua, desapertou o cinturão, puxou-o do cóis da calça, e arrancando a assustada Rosa da cama onde ela se acolhera, vinte e quatro vezes contadas fez a correia zunir no ar e estalar nas costas da moça. Nada como uma surra para devolver a infância. Rosa gritara e implorara, não de acordo com os seus orgulhosos quinze anos, mas como uma garotinha de cinco. Acabando a conta de duas dúzias, Mata tornou a enfiar o cinturão no cóis e disse:

- Hoje lhe bati segurando a correia pela fivela. De outra vez em que pegar a senhora com aquele sem vergonha, bato com a fivela solta.

Como vemos, a cena da surra é descrita com um detalhismo surpreendente para uma crônica, que evidencia a brutalidade paterna: a origem dos instrumento de tortura (a cinta puxada do cóis da calça); o pavor e impotência da vítima, encolhida na cama; o sadismo ao contar o número de cintadas dadas nas costas da filha; a tentativa de subjugação da vítima com ameaças de punições piores; a sinestesia com que transfere o horror da cena ao leitor, que vê zunir e estalar o couro, além de ouvir os gritos e apelos. O tom irônico da crônica em relação ao fato aparece no trecho “Nada como uma surra para devolver a infância”. Por fim, como consequência das agressões e da proibição de viver seu relacionamento, Rosa, essa nova Julieta, nascida em um “grotão cheio de bananeiras”, morrerá “por amor”, ambas as personagens aos quinze anos.

Teve alguém que já ouviu Rosa dizer que vai comprar formicida e tomar com guaraná. Sempre foi doida por guaraná.

Para finalizar a crônica, a narradora-cronista intervém diretamente. Observemos o último parágrafo:

Igual aos outros, também eu espero, inquieta. Prometo escrever um bonito drama todo em versos se o desenlace corresponder às esperanças.

Ao afirmar que inquieta ela também espera, a cronista novamente encerra sua crônica deixando um final aberto para o leitor, assim como na crônica “Morreu um expedicionário” o público ficou a imaginar a causa da morte do protagonista, em “Rosa e o fuzileiro” o destino da jovem fica sugestionado, porém não determinado.

Em relação ao externo, esta crônica traz a temática da violência da guerra, por meio da historieta de ficção. Por fim, há uma semelhança entre as escolhas dos enamorados nas crônicas narrativo-ficcionais que analisamos: em “Tangerine-girl” eram soldados aeronautas, em “A dor de amar” dois soldados americanos e, nesse último caso, “Rosa e o fuzileiro”, temos um fuzileiro naval. A confusão entre a personagem heroína da ficção de temática amorosa e os supostos heróis da guerra dá a medida da ótica pela qual esses textos compreendem a sua função como comentários da história atual e acontecimentos do cotidiano, o que retoma a diferença de Rachel de Queiroz, Rubem Braga e Jorge Amado.

Capítulo 3 - Considerações finais

A escolha das oito crônicas de Rachel de Queiroz para corpus deste trabalho teve suas motivações elencadas nos objetivos propostos: averiguar os diálogos existentes ente Literatura x História, considerando três aspectos: o momento histórico, as rubricas do jornal em que as crônicas foram publicadas e as próprias características da crônica. Ao mesmo tempo, procurou-se disponibilizar uma seleção das crônicas nas quais Rachel de Queiroz abordou o tema da Segunda Guerra Mundial (anexo a este trabalho).

Neste estudo, procuramos avaliar como a crônica queiroziana trata literariamente os fatos históricos e jornalísticos. Assim, na comparação com outros dois cronistas contemporâneos, viu-se que a escritora aborda os acontecimentos pelos aspectos líricos, ligados às questões humanas envolvidas no conflito bélico mundial. Em contraposição, estão Jorge Armado e Rubem Braga, que abordam a Guerra um pela vertente política e o outro através do testemunho.

Em termos de poética do suporte, observamos a relação espacial e temática da crônica com o universo do jornal em que era publicada, o que reafirma a crônica como um texto com dois rostos, à moda de Jano, um que olha para o fato e outro para a ficção.

Além disso, compreendemos que, em sua atividade literário-jornalística, Rachel de Queiroz utilizou-se, principalmente, de três procedimentos para a elaboração de seus textos: o sentimentalismo, a ironia e a intertextualidade. Como já mencionado no decorrer deste estudo, os dois últimos procedimentos são característicos do gênero. É notório que nas crônicas analisadas há o apelo ao sentimentalismo através de hipérboles, descrições minuciosas sobre a vida humilde e a "alma pura" dos seus personagens, ou ainda questionando o leitor sobre as barbáries da Guerra. A ironia foi construída de maneira sutil, sempre contextualizada e ligada às questões culturais e/ou históricas. Em relação à intertextualidade, a cronista recorreu aos mais relevantes escritores da literatura

universal para elaborar diversos paralelismos com sua escrita, assim, destrinchando para o leitor parte do seu conhecimento erudito.

Por fim, ao analisarmos as palavras de Antônio Candido “a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua-geral lírica, irônica, casual, ora precisa, ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo”, vemos que, a isso, Rachel juntou de sua pena à crônica o sentimentalismo beirando ao lírico, característica que torna os seus textos exemplos significativos da crônica nacional.

Referências

ALVES, Márcio Moreira, *O mais influente do Brasil*, In: Correio da Manhã – Compromisso com a verdade, Cadernos de Comunicação, Rio de Janeiro: Imprinta, 2002.

AMADO, Jorge. *Hora da Guerra*. Seleção de Myriam FRAGA e Ilana Seltzer GOLDSTEIN; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

BAHIA, Juarez. *Jornal, HISTÓRIA E TÉCNICA – História da imprensa brasileira*. 4ªed. , São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Marialva. – *História cultural da Imprensa.: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BERTONHA, J. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 3ª ed., São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BRAGA, Rubem. *Crônicas da guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

BUENO, Luis. *A História do romance de 30*. São Paulo, EDUSP; Campinas: Editora Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro. 2006.

_____. “A vida ao rés-do-chão”, In.: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

CASTRO, Bertholdo. *O correio ainda vive*, In: *Correio da Manhã – Compromisso com a verdade*, Cadernos de Comunicação, Rio de Janeiro: Imprinta, 2002.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CUNHA, Cecília Maria. Rachel antes do QUINZE. In.: *Jornal O Povo*, Caderno Sábado, 11/11/1995.

_____. Imagens do sertão Cearense nas crônicas de Rachel de Queiroz. In.: *Ver. Humanidades*, Fortaleza, v.23, n 2, p. 107-119, jul./dez.2008.

FANINI, Michele Asmar. *Fardos e Fardões – Mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. 2009. 384 f. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo, 2009.

GLEDSOON, John. *Antologia: Conversa de Burros, Banhos de Mar e outras crônicas exemplares*. Lisboa. Cotovia. 2006.

GRANJA, Lúcia (2010). “Folhetins d’aquém e d’além mar: a formação da crônica no Brasil”, in Sérgio Vicente Motta e Susanna Busato (org.), *Figurações contemporâneas do espaço na literatura*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 111 – 133.

_____. Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2000.

HOBBSAWM, E. *Era dos extremos (O breve século XX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

JUNIOR, Jairo Costa. Diário do coronel, Franklin Albuquerque utilizou O *Imparcial* como trincheira no combate ao interventor Landolfo Alves. *Correio da Bahia*, Salvador, 21 maio 2005.

LENHARO, Alcir. *Nazismo, o triunfo da vontade*. São Paulo: Ática, 1995.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. v. 1. São Paulo: Cultrix, 1978.

PINHO, Adeílto Manoel. *Uma história da literatura de jornal: O Imparcial da Bahia*. 2008. 405 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008.

QUEIROZ, Rachel de & QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos anos*. 3 ed. São Paulo: Siciliano, 1999.

_____. *A donzela e a moura torta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

RIBEIRO, G. Ana Paula. *Imprensa e História no Rio de Janeiro do anos 1950*. Rio de Janeiro, E-papers, 2007.

SANTOS, Ricardo Luis Meirelles. *A desordem dos dias: Rubem Braga e a Segunda Guerra*. 2001. 212 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SILVA, Ana Roza. *Rachel de Queiroz cronista: um exame de aspectos literários e linguísticos de sua “Última Página” em O Cruzeiro*. 2006, 114f. Tese (Mestrado em Letras), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2006.

THÉRENTY, M-E. et VAILLANT, A (dir). 1836, *L'an I de l'ère médiatique*. Analyse littéraire et historique de *La Presse* de Girardin, Paris, Nouveau Monde, 2001.

_____. *La Littérature au quotidien*. Seul. Paris. 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e História no Brasil contemporâneo*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

GOLDSTEIN; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VIVALDI, Martin Gonzalo. *Gêneros periodísticos – reportaje, crônica, artigo – análise diferencial*, Madrid: Paraninfo. 1987.

VIZENTINI, P. *As Guerras Mundiais*. Porto Alegre: Editora Leitura XXI, 2003.

WHITMAN, Walt. *Leaves of grass*. New York. The New American Library. 1958.

Acervos e bibliotecas consultados:

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Consultas realizadas na hemeroteca do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Periódicos consultados:

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1944.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1944.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1944.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1944.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1944.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1944.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1944.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1945.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1945.

Sites consultados:

Biblioteca Nacional Digital do Brasil: <http://hemerotecadigital.bn.br>

Anexos

A, Crônicas de Jorge Amado

ANIVERSÁRIO DA "HORA DA GUERRA"

Jorge Amado 23/12/1943

A "HORA DA GUERRA" É UMA PEQUENA TRINCHEIRA. ESSE CANTO DA PÁGINA TEM A SUA importância ampliada por ser publicada diariamente em *O Imparcial*, jornal militante da causa democrática com uma recente tradição de luta que lhe garante a estima dos baianos. A *O Imparcial* devo agradecer muito da repercussão que possam ter tido essas crônicas diárias, nesse seu primeiro ano de vida.

Faz hoje um ano da "Hora da Guerra". Um escritor brasileiro que se encontrava no estrangeiro, voltou ao seu país mal lhe chegou a notícia da declaração de guerra. Voltou para ocupar um posto de luta, acreditava que nenhum brasileiro poderia deixar de vir cumprir com o seu dever perante a pátria. As etapas da sua viagem de volta, movimentadas e independentes da sua vontade, terminaram por colocá-lo na Bahia, sua terra natal, motivo central de toda sua obra de escritor. Um matutino democrático abriu-lhe suas colunas para uma crônica diária. Eis como nasceu a "Hora da Guerra". Nesse canto de página têm sido examinados os diversos problemas políticos do mundo em guerra. Com amplo desejo de acertar, de orientar os leitores, de ajudá-los na sua luta por um mundo melhor. Algumas dessas crônicas foram transcritas em jornais e revistas do Rio, de São Paulo e do Norte, outras foram traduzidas e publicadas fora do Brasil. Algumas foram irradiadas. Outras discutidas.

Sou por vocação um romancista e agora mesmo venho de terminar de escrever mais um romance. Não creio, porém, que nenhum escritor possa, no momento presente, manter-se nos limites da sua obra de criação, seja o romancista, o poeta, o cientista. Tem a obrigação de empregar sua capacidade

de escritor no esclarecimento dos problemas referentes à guerra, dos problemas imediatos, esses que surgem todos os dias. É claro que ninguém vai imaginar que se possa escrever diariamente uma crônica perfeita. Um dia sai melhor, noutro dia mais fraca, mas de qualquer maneira representam uma contribuição para esclarecer o povo, uma ajuda ao esforço de guerra do país, e também marcam uma posição definida.

O desejo ardente da quinta-coluna é que se esqueça a guerra, que não se pense, não se fale, não se escreva sobre ela. Todo o escritor que esquece esse motivo vital do seu tempo e do seu povo está cooperando com a quinta-coluna.

Felizmente a grande maioria dos escritores brasileiros compreendeu exatamente o problema. Pelo menos aquela geração de escritores que surgiu com a vitória da Revolução de 30, trazendo a experiência do romance social e os estudos de sociologia. Estão de armas em punho e já hoje há uma consciência de que a pena ou a máquina de escrever são armas tão mortais e necessárias quanto o fuzil e a metralhadora. Na “Hora da Guerra” um escritor brasileiro tem procurado dar sua contribuição para a vitória da liberdade sobre a opressão, da cultura sobre o obscurantismo, da democracia sobre o terror, das Nações Unidas sobre o nipo-nazifacismo.

Uma pequena trincheira. Não importa muito que seja pequena, o que importa é que seja uma trincheira. Diariamente, durante um ano, o fascismo foi combatido desde esse canto da página. Num dia de aniversário cumpre sempre dizer alguma coisa sobre o futuro. Vamos entrar em 1944, ano da vitória final, ao que tudo indica. O que a “Hora da Guerra” pode prometer é continuar, enquanto exista, a sua luta pela liberdade, pela democracia, pela vitória realmente do povo. Contra o nazifascismo, a quinta-coluna e o muniquismo.

Resta-me agradecer aos leitores tão amigos. Recebi, por causa dessas crônicas, descomposturas e ameaças. A quinta-coluna ainda é forte. Mas recebi também o estímulo de inúmeros leitores. Mais forte que a quinta-coluna é o amor do povo à liberdade!

PANORAMA

Jorge Amado

11/12/1943

ESTAMOS A DOIS ANOS DA AGRESSÃO JAPONESA AOS ESTADOS UNIDOS e a dois anos e meio da invasão da União Soviética pela Alemanha. Os acontecimentos sucedidos nesse tempo mudaram por completo a face da guerra. O Japão entrou na guerra quando lhe pareceu que a sua ação ia decidir o conflito, derrotando completamente as nações democráticas. Mas o carro de Hitler emperrou na frente leste e começou depois a dar marcha ré. No Oriente, as forças japonesas, após as vitórias iniciais, devidas em grande parte à surpresa, começam a sofrer sérios reveses. O panorama da guerra mudou inteiramente, hoje a esperança de vitória dos nipo-nazifascistas sumiu quase por completo. O que podem eles ainda esperar?

Podem esperar uma guerra longa, que leve as nações democráticas ao cansaço e a uma paz de compromisso. Essa é a única perspectiva que resta a Hitler e a seus associados. E, por isso mesmo, devemos nos opor a qualquer possibilidade de prolongar a guerra. Uma política de guerra longa só seria útil à quinta-coluna. Abreviar a guerra, eis o que se faz necessário.

Vi ontem uma fotografia de Hitler saltando de um avião. Esperando-o está Mussolini, de braço levantado na saudação. Adolf nem olha para seu ex-sócio e atual criado. Magro e de face preocupada, o cabo que se transformou em comandante-em-chefe de um exército dito invencível parece nem ver aquele que foi sua melhor esperança e se transformou depois no seu maior fracasso político. Mussolini, na fotografia, é uma sombra do que foi. O ator aposentado está irreconhecível. Cadavérico e acabado. Simbolizam os dois a situação do nazismo e do fascismo. As derrotas militares e políticas se sucedem. Atingem uma órbita que vai alcançar até o governo do rei Pedro da Iugoslávia, contra o qual se levanta o Comitê Nacional Iugoslavo, com Tito à frente. Não só os sócios da comandita nazifascista, como os seus simpatizantes, estão abrindo falência. A guerra encontra um caminho verdadeiramente democrático e segue por ele, em vitórias não só militares como políticas. A Turquia dá meia-volta na sua

neutralidade tão necessária ao Eixo. Von Papen nada encontra que dizer, como explicação suficiente, ao seu patrão de Berlim. Na península Ibérica, Franco se abafa enquanto Salazar põe bases à disposição dos aliados.

Houve uma série de conferências. Os parafusos políticos estão ajustados. Vai começar o inverno na frente leste. A invasão da Europa, a campanha dos Bálcãs e a da França são coisas decididas. Os submarinos estão sendo vencidos. Quanto a mim, fico esperando o momento em que os telegramas comecem a trazer notícia de suicídios. Então poderemos todas as manhãs, ao chegar ao jornaleiro, perguntar ao vizinho:

- Hoje, quem foi?

- Foi Laval ...

- E amanhã, quem será?

Os que sobraem provarão as cordas das forcas...

B. Crônicas de Rubem Braga

GÍRIA USADA PELOS NOSSOS SOLDADOS NA ITÁLIA FORNECEU A RUBEM BRAGA ASSUNTO PARA ESTA CORRESPONDÊNCIA

O PRACINHA EVITA OS 'CARTOLAS', OS 'CHAPÉUS DE CÔCO' E OS 'TRAQUEJADOS' QUE O PODEM 'ENQUADRAR' NO CÓDIGO DISCIPLINAR...

COM A FEB NA ITÁLIA - De Rubem Braga, correspondente do DIÁRIO CARIOCA - 13 de dezembro de 1944 - Via aérea - Quando os nossos soldados voltarem ao Brasil as famílias vão estranhar muito a linguagem deles. Já nos quartéis do Brasil eles incorporaram uma porção de gíria militar.

- Esse capitão gosta de traquejar! O sujeito bobeou um pouco ele está enquadrando. O'tésa!

Dizer que um oficial é "traquejado" não quer dizer, como na linguagem paisana comum, que seja um homem experimentado; quer dizer que gosta de chamar os soldados à ordem, gosta de "traquejar" e nos casos mais graves,

“enquadrar”, isto é, manter o pracinha dentro de algum artigo do R. D. E., o Regulamento Disciplinar do Exército.

Certos oficiais, não muito simpatizado, são chamados de “cartolas” e outros menos importantes, de “chapéu-côco” – isto em contraposição, ao “pica-fumo”. O uniforme de brim, que está recolhido ao depósito da Intendência, é o “Zé Carioca”, e o gorro é “bibico”. O camarada que tem prestígio – com um coronel, por exemplo – é “peixinho” do coronel. A turma do segundo escalão é a de “nossos aliados”, e o pessoal que acaba de chegar no terceiro é “co-beligerante”.

Outro dia os homens avançavam para tomar posição à noite, e a lua apareceu. A estrada em que estávamos era constantemente batida pelo fogo alemão – e com o luar branco eles poderiam nos enxergar. O comentário que ouvi foi este:

- Essa lua está “dando uma sopa” medonha ao tedesco!

Assim também se diz que uma estrada “está dando muita sopa”.

Uma frase que já ouvi mais de uma vez nas estradas noturnas é esta:

“ Apaga o farol e acende o black-out”.

Isso quer dizer que o motorista deve acender as pequenas luzes que se podem usar nos trechos em que há “black-out”. Um hábito dos oficiais é se chamarem de “velho e velhinho” e isso é usado também pelos soldados entre si e de oficial para soldado – mas naturalmente não de soldado para oficial.

Mas não quero me estender sobre a gíria militar, em grande parte igual do Brasil. O que as famílias dos expedicionários vão estranhar muito é o linguajar italianado.

As primeiras coisas que o soldado aprende é que “portar via” quer dizer carregar, roubar, “andar via” quer dizer ir embora, e “cativo” não quer dizer prisioneiro e sim ruim, ou malvado. Coisa que estranha é que manteiga em italiano seja “burro”, e mais ainda o prego”:

-Grazie!

- Prego!

Isso quer dizer “obrigado” e “não há de que”, mas os italianos pronunciam a palavra “prego” com tanta energia que muitos pracinhas costumam responder: “martelo!”

Depois de um mês o pracinha chega à conclusão de que falar o italiano é acrescentar um “e” ao infinitivo de nossos verbos – e que o infinitivo substitui perfeitamente qualquer tempo e modo. Ainda ontem, um motorista estava fumando e um italiano lhe perguntou se aquele cigarro era americano. O pracinha comentou:

- “lo nom gustare, ma fumare porque me dare”

Abusa-se um pouco dessa maneira de falar, mas alguns verbos são imediatamente [ilegível]. Assim “trovare”, “mangiare” e “bisognare” [ilegível].

- Eu sei o que é que você bisogna! – dizia outro dia um cabo a um soldado. O tratamento da pessoa com quem se fala é o mais confuso: misturamos todas as vozes do “lei”, do “voi” e do “tu”. Ninguém diz mais “chocolate” e sim “cocolata”, dando à primeira sílaba o som “tchó”. Lata é “scátola” e usamos principalmente o diminutivo “scatoletta”. Conversa comum de soldado com uma “ragazza”:

- lo portare uma scatoletta per te...

E vem então o convite para uma “passegiata”. “Paura” no lugar de medo (“non bisogna avere – ou tere – paura), “freddo e “caldo” no lugar de frio e quente, “voglio” no lugar de “quero” e “sinistra” no lugar de “esquerda” são de uso diário no seio da tropa.

No começo quando a gente pergunta “dov’è” algum lugar e o italiano responde “sempre diritto” a tendência é para achar que se deve dobrar sempre à direita e não tocar em frente, como ele quer dizer.

O que o soldado estranha é que o italiano se dirige a ele o chame de “paesano” – que não quer dizer “paisano”, mas simplesmente “cidadão”. Já vi o relatório de um sargento do Reconhecimento que dizia assim: “do outro lado do monte tem um paizinho, onde vi cinco tedescos...”

Esse “paizinho” é o italiano “paesino”, pequeno “paese”. Isto é, aldeola. Encontrei um sargento, que estava encantado pelo fato de sua “lavandaia” chamá-lo de “maresciallo” – que nesse sentido, nada tem de comum com nosso marechal, mas designa um [ilegível] entre tenente e subtenente no Exército italiano.

Toda história bonita que um italiano conta aconteceu “primo la guerra” e nossos homens prometem à “fidanzata” voltar a Itália “dopo la guerra”. Um

médico me contou que um preto ferido em estado grave, mal podendo falar, respondeu, depois da operação, à sua pergunta sobre como estava passando:

- Così, così...

Vi outro dia, um capitão que reclamava irritado porque não haviam mandado um caminhão ao seu P.C.:

- Já é a segunda vez que peço. Não cabe mais ninguém lá, está cheio de "sfollato".

Referia-se aos italianos fugitivos. Eu iria muito longe se quisesse transcrever todas as palavras italianas ou italianadas que o pessoal usa "todo o dia". O "vá bene" substituí o "está legal" da gíria carioca e os tenentes que terminavam qualquer frase com um "viste?" adotaram unanimemente o "capito?"

E o meio universal de negar quando alguém pede uma "sigarreta" ou "caramelo" ou ainda quando não se quer atender a qualquer pedido, ou não se quer dar ouvidos a qualquer observação é:

- "Non capite"...

Acho que chega.

A GRANDE IRMANDADE É FEITA EM TORNO DE PRATOS QUE FUMEGAM NA IMAGINAÇÃO, QUENTES E SABOROSOS.

COM A FEB NA ITÁLIA – (De Rubem Braga, correspondente do DIÁRIO CARIOCA – Via aérea) – No pequenino vilarejo [ilegível] sob a neve, temos, pela gentileza de um capitão da Intendência, o prazer de almoçar na casa de uma família onde moram três sargentos. Depois de tantos dias, comer em quartela e acampamentos no meio de homens é confortador, esse almoço servido por três louras [ilegível], que nos trazem macarrão feito em casa, e outras saudades. Sim, é comovente, e quando digo que é comovente apenas explico a verdade.

E a questão está apenas nesse ambiente de família, neste fato de estarmos dentro de uma casa – uma verdadeira e simples casa, com todas as

coisas inúteis e preciosas com que as mulheres enchem as casas. Lembro-me de que há coisa de um mês um tenente me convidou a ir com ele visitar uma família numa cidadezinha – e fez propaganda dizendo que era bom de vez em quando a gente passar umas horas assim num ambiente de família – aliás, fazia questão de dizer – uma família muito distinta, etc. Fui. Havia a senhora, duas meninas e uma senhorinha que tocava piano, o tipo de moça direita, ou, como se diz aqui, uma “signorina per bene”.

A “signorina per bene” não apenas tocava piano como cantava, e como cantava! Cantava coisas assim como “Napoli...la luna... e tu!” ou então “Firenze... um sono.” Sua voz era mais aguda do que convinha na saleta, e o piano forte era mais forte do que conviria e três saletas daquelas juntas.

E a saleta estava cheia de móveis “modernistas” exatamente iguais a esses que se pode comprar na Rua do Catete. Na parede, gravuras baratas, em cima dos móveis paninhos rendados pavorosos no meu cálice um licor terrivelmente doce. Ah! Porque não me davam de uma vez um licor de pequi como nas festinhas de aniversário nos bairros de Belo Horizonte e por que não botavam logo na vitrola um disco de Vicente Celestino? A boa senhora falava sobre a carestia da vida; depois chegou o marido, um industrial, e falou do mesmo assunto. E de súbito me deu uma aflição, mais do que isso, uma espécie impaciente de mortificação que na saída perdurou sob a forma de melancolia, desânimo.

Num país como este de bom vinho, grandes artistas, aquela miséria de um licor, aqueles quadros, aquela música; na cidadezinha tantas vezes bombardeada no meio desta grande tempestade do mundo – aquele lar estreito e imutável, e imutavelmente convencional. Jarro com flores de papel!

Bibelota até do Gordo e do Magro! Tudo isso tinha lá. E pior que tudo, pior que o Fantasma Onipresente do Mau Gosto, o disfarçado e indisfarçável gosto de prisão mais ou menos voluntária, o tédio monstruoso daquelas vidinhas estreitas, daquela pequena usina de limitação mútua, daquela família pequeno-burguesa de pequeno burgo onde tudo o que numa criatura pode acontecer de grande e livre morre afogado no ar preso... Vou à frente por dever de ofício, não gosto de tiros, não gosto de bombas, ninguém gosta e muito menos eu (morrer é

ruim, ficar ferido é ruim, estar a todo o momento na iminência de morrer ou ficar ferido é muito ruim), mas saindo daquela casa distinta senti vontade de tocar logo para as montanhas, para os ventos, as explosões, o diabo.

Nesta casa camponesa em que vejo três mulheres, um homem e duas crianças o ambiente é outro. Esta casa camponesa é uma casa honrada, sólida, boa. A comida também é honrada, sólida, boa. A bebida não é aquele licorzinho pedante e pavoroso, é uma talagada de grapa forte e copos de vinho grosso. Na família todos trabalham a terra – a terra que está ali mesmo em volta; e têm aquela casa para dormir e comer, e isso justifica a família, e faz dela uma coisa natural e grande. Duas das camponesas são solteiras; logo casarão, e, como a irmã mais velha, terão certamente uma casa assim, e filhos, e seu pouco de terra – e isso é honrado é certo mais que tudo.

Foi um almoço apenas – e tivemos de tocar viagem, com toda certeza não passaremos tão cedo por ali. Foi um almoço entre duas reportagens – mas que esse simples almoço seja cantado aqui em prosa ainda que má, atrapalhada e apressada. Eu disse lá em cima que foi comovente a comida e gostaria de explicar que um dos assuntos que mais comovem nossos soldados numa conversa é o assunto de comidas. Um começa a falar do que costuma comer na casa dele em Alagoas; outro fala de seus pratos familiares em Minas. E cada um descreve um prato; quando dois homens concordam no mesmo prato e cada um acrescenta um detalhe, eles começam a falar com uma grande animação; sentem-se como que irmãos... Das mulheres, naturalmente, os homens sempre falam com reserva; está visto que sempre há algum que conta histórias, mas nesse terreno, [ilegível] geral o que é mais vital não se conta, é vital, é íntimo demais. Além disso, o caso de um não interessa muito ao outro, o outro mal o ouve lembrando-se do seu próprio. A grande irmandade é feita em torno de pratos de saudade – pratos que fumegam na imaginação, quentes e saborosos, com seu gosto de infância e de domingo.

Oh! Mães de família do Brasil: quando chegar aí a notícia da paz e arrumardes a casa para esperar aquele que vai voltar – providenciai para que haja sobre a mesa o prato familiar mais querido e ele o comerá, eu vos digo ele comerá com alegria, ele comerá felicidade, infância, ternura boa.

C. Crônicas de Rachel de Queiroz

Aí vem a paz

Nem sempre pode o mísero cronista cuidar unicamente de arte. Por toda a parte anda a guerra, atraindo - lhe constantemente a atenção; a guerra e seus problemas – particulares, políticos sentimentais e estratégicos: sim meus senhores, até estratégicos. Ou julgais que o cronista, por ser uma senhora de província que nunca viu tiros de canhão em salvas de dias de festa, e da guerra só conhece a sua expressão que se poderia dizer literária – cuidais que o cronista não tem como todo cristão, as suas opiniões sobre estratégia? Tem opiniões e tem até um mapa. Um mapa manuseado, anotado, riscado, mostrando em tinta azul e vermelha os avanços dos americanos, franceses livres, ingleses, russos, canadenses, polacos - e agora a posição dos brasileiros. Tudo com setas, linhas interrompidas, pontinhos e chamadas. Para falar a verdade tem até dois mapas. Guardado – mas não esquecido tem um mapa de 1940, onde o avanço fulminante dos Panzer cobre com uma sombra negra quase toda silhueta da Europa.

Deixa-me, pois, hoje, estudar os meus mapas. Andamos vivendo uma hora de tão medonha grandeza, que mais tarde, quando estivermos velhinhos, ou quando depois de mortos há muito tempo anos se referirem, os nossos netos dirão: “Aquele assistiu à catástrofe de 1939...” Nem outra glória maior teremos na nossa vida, por mais que nos esforcemos, por mais que o queiramos, senão essa referência ao nosso testemunho. Fala a Bíblia nuns eleitos que vieram ao mundo com o simples destino de “testemunhar”: os reis magos, o Batista, senão me engano; pois nós teremos também esta marca, esta tarefa: seremos as testemunhas.

Tendo embora essa missão, vamos entretanto vivendo as nossas existências com relativa regularidade, cuidando da nossa vidinha particular,

enquanto a grande história vai acontecendo aos nossos olhos. Com o passar do tempo, milhares de pesquisadores se dedicaram a exumar fatos, a discutir datas, a apurar nomes – emaranhados em um labirinto de dúvidas que hoje nós resolveríamos com um simples olhar aos comunicados dos jornais ou com uma volta ao dial do rádio.

E se um ou outro entre nós leva a peito a sua tarefa de evangelista e narra fatos e registra coisas para a história – a maioria faz como Luíz XVI, que no dia da tomada da Bastilha escreveu no seu diário: “Nada de novo”.

Creio que só estou a dizer incoerências e a fazer má literatura em torno de coisas sérias, mas é natural essa desorientação em que me vejo. Decorre da vergonha, da vergonha que sempre experimentei ao constatar que sinto fome, frio, sono, vontade de dar risada, vontade de fumar, vontade de passear nas horas mais sérias de minha vida ou da vida do mundo.

Que eu mesma sou um mundinho fechado, interessado nos meus próprios problemas e só dedico ao mundo exterior as horas que sobram das preocupações absorventes com o meu eu importantíssimo. Nesta hora tremenda que o mundo atravessa, porque não tem a gente o poder de fazer parar a vida – ou fazê-la funcionar exclusivamente a serviço desse grande momento? A rotina tem uma força de dez cachoeiras de Paulo Afonso, e não há batalha nem terremoto que lhe altere a marcha. A gente para um momento – bem curto – enquanto os alemães invadem a Rússia ou enquanto os aliados invadem a França – mas, despendida a cota de interesse e de tempo que podíamos dedicar àquela pausa, voltamos correndo para as nossas dificuldades ou nossas facilidades. Só descubro para isso um consolo: pensar que até na França, na Alemanha, na Itália, ou na Rússia – lá mesmo no coração da guerra, sucede o mesmo que aqui, pode apesar do que dizem os arianos, o homem não varia grandemente em qualquer latitude. (Só os nazistas propriamente ditos é que são bastante piores e talvez mais por perversão adquirida que por defeito congênito). Entre duas bombas voadoras a população de Londres vai ao cinema, lê poesia ou faz crochê.

Aliás, dizem os que sabem que isso nada tem de vergonhoso ou humilhante, como a nós parece – que nessa irredutibilidade egoísta está a defesa da espécie; não fosse ela, diante das grandes catástrofes como terremotos, dilúvios, pestes e guerras, a humanidade toda se imobilizaria num grande estupor – e o primeiro destes desastres traria logo o fim do mundo. Mas, quero voltar aos meus mapas. Os comunicados de hoje, dia 15 de setembro, anunciam a irrupção dos americanos através da linha Siegfried e a penetração feita pelos russos na Prússia Oriental. E todo o meu interesse está em saber que forma assumirá a resistência alemã, agora que se processa às avessas a invasão de 1940, tal como um filme cinematográfico passado de trás para diante. Terão os super-homens força e ânimo iguais aos das míseras populações de raça inferior que resistiram como puderam ante os seus tanques, seus aviões, seus carros blindados?

Na França, os nazistas caíram como caiu a própria França: divididos e atordoados, enchendo as estradas, renegando chefes. Não esqueçamos que o complot contra Hitler sucedeu logo depois da invasão da Normandia e vários pontos de identidade tinha com o complot que contra a França prepararam os traidores, com o velho marechal a frente. No fundo, os generais e marechais franceses, tais como Pétain, Weygand, Gamelin, etc, não divergem tão essencialmente dos seus colegas prussianos, “os homens de ferro que em si só têm de frágil o monóculo” ... segundo o dizia num pitoresco arroubo um jornal integralista. Como homens de guerra têm tanto Junkers como franceses uma singular predileção pelas cômodas atividades da paz – custe embora essa paz uma boa porção de vergonha, ou seja, o preço de uma conjura contra o chefe ao qual juraram fé. Se esse chefe presta ou não presta – parece que tal discussão é agora tardia, e por mais que nos interessem as dissensões e as bernardas entre eles – não podemos nos abster de constatar que os homens de ferro da Prússia têm uma concepção da sua honra militar.

Estudo o meu mapa, estudo, procuro recordar como caíram todas aquelas nações que uma a uma fui riscando de vermelho; como cairá a Alemanha? Falam que a história se repete; repetirá portanto o Reich a queda de alguma das suas vítimas?

Terá a Alemanha uma capacidade de resistência nacional igual à da Holanda, da Noruega, ou da Iugoslávia? Mas falta-lhe um vulto de rei ou de rainha – a velha e infatigável Guilhermina, por exemplo – erguendo-se como sombra protetora sobre os destroços da nação, e transferindo para além-mar o seu governo legítimo. Em volta de quem se agruparam os nazistas? Em que país do mundo abrirão uma capital transitória? Não, não pensemos em resistência como a da Holanda, da Noruega ou da Iugoslávia para a Alemanha: isso não é para eles.

Há o exemplo da Rússia. ou o da Grécia. A Rússia porque era grande e forte, expulsou o invasor e por sua vez o invade agora; e a pequenina Grécia porque era fraca e de imenso só tinha o seu passado, coisa em que não cuidam nazistas, foi esmagada, crucificada; e os gregos que não morreram sob os tanques ou sob a metralha, morreram até agora mais lentamente – de fome. Será o nazista um russo? Será o nazista um grego? Terá esse bando estranho de homens sem lei uma parte naquele idealismo irredutível que faz os heróis? Mas eles tinham fé num Deus – embora, um deus ridículo, berrador e paranoico; há, entretanto, gente que faz de um pedaço de pau o seu deus, e Hitler afinal de contas é mais humano que um pedaço de pau. Acontece infelizmente que o deus-Hitler não tem a solene impassibilidade do deus pedaço de pau, quis acumular, quis ser sozinho deus e sacerdote, sem se aperceber da astúcia de que sempre usaram os deuses desde o começo do mundo: colocarem entre si e os devotos os sacerdotes, os oráculos, que são os bodes expiatórios para todos os fracassos. Quando acontece um desastre, sempre há o recurso de apelar para um erro de tradução do oráculo ou do exegeta, e assim se salva a divina responsabilidade. Mas, Hitler, leviano, nem se quiser usou de parábolas. Falou alemão claro, disse ameaças concretas e fez promessas mais concretas ainda. Agora, sobre os seus próprios ombros recai a culpa toda, até os erros do alto comando – já que ele próprio é o alto comando. E pois, como eu dizia, nem com o seu deus podem mais contar os nazistas – seu deus anda nu e assustado, pulando armadilhas que lhe preparam os seus próprios generais, muito ufano porque as vai evitando, sem notar sequer que a simples colocação da armadilha já é uma negação do seu prestígio.

E sem o seu Führer, sem fé na sua doutrina política porque ela era o próprio Führer, sem um velho passado glorioso a defender – (que a Alemanha é uma colcha de retalhos tardiamente alinhada, reunindo num ódio de maus vizinhos romanos, austríacos, bávaros, meklemburgueses, etc., fumegante ainda em rixas mais antigas que o próprio Reich) – que chama alimentará o heroísmo nazista?

Nem lhe resta sequer a melancólica entrega da Dinamarca ou da Bélgica: Ceder ante a massa do adversário, reconhecer-se vencido, pôr-se à mercê do invasor. A Bélgica e a Dinamarca eram inocentes, não receavam castigos nem tinham nenhum preço de sangue a pagar. E mesmo perante nazistas, a consciência tranquila dá uma grande força. Mas poderá o alemão cruzar os braços e esperar calmamente a justiça dos russos, dos franceses, dos tchecoslovacos, dos polacos, dos iugoslavos? Dos ingleses, que também foram feridos tão fundo? Dos americanos, que embora só tenham sofrido na sua carne no empenho mais ou menos esportivo dos combates, têm também direito à vingança, pois fazem parte do gênero humano e todo gênero humano foi agredido pelos nazistas?

Fala-se sempre em “rendição incondicional”; como há de ser essa rendição incondicional? Conforme o sugerido muito a propósito um comentarista de guerra dos Estados Unidos, temos que perguntar: quem poderá tratar a paz em nome da Alemanha vencida? Os generais? E o povo os acompanhará? Acompanhá-los-ão os elementos do partido nacional-socialista, todos criminosos de direito comum, assassinos de alemães, homens, mulheres, judeus, operários – assassinos e não adversários que o foram de todas as populações inermes da Europa, assassinos que da paz só uma coisa podem esperar: a força?

Será preciso caça-los de um a um? Tratá-los como quem trata formigueiro de saúvas: correr todos os canais, defumar formicida de panela em panela, ir procurar os buracos mais escondidos na profundidade do chão?

Só uma certeza segura já temos todos, no meio de tanta dúvida: é que enquanto houver no mundo um nazista, um fascista, com uma arma ao seu alcance, vivente nenhum da terra poderá ter confiança na paz.

Carta aos soldados que estão combatendo

Soldados que estais combatendo, vós todos sois tão novos! Quando a guerra começou os moços que estão lutando agora eram apenas uns meninos - dezesseis, dezoito anos, até mesmo quinze.

Mas para nós, a frase que nos anda na boca é uma só: “Até parece que foi ontem...” Sim, até parece que foi ontem, quando há cinco anos atrás andávamos estonteados pelas ruas, correndo às agências telegráficas, no dramático mês de agosto de 1939. Nunca me esqueço de certa madrugada das antevésperas da guerra. Todos nós naquela tensão, naquela angústia. Sai afinal esta guerra ou não sai? Os grupos se formavam pelas esquinas, discutiam, peroravam, invectivavam. Na nossa roda, quase ao amanhecer, a maioria exausta começou a ter sono; fomos nos dispersando. Um dos presentes, contudo, o mais heroico, agarrou-se resolutamente ao poste onde nos encostávamos e protestou: “Eu também estou caindo de cansaço... eu também dava tudo para dormir. Mas não vou. Tenho a certeza de que assim que eu pegar no sono, o Chamberlain faz uma sujeira...”

E era essa justamente a sensação que sentíamos: a de que estávamos vigiando, ajudando, estimulando.

Depois veio a Blitz, o desastre. Polônia, Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica, França, Iugoslávia, Grécia. Um luto trêmulo se abateu sobre todos. O ataque à Rússia, Pearl Harbor. O vai e vem tenebroso de Rommel e Montgomery no deserto. Afinal o desembarque na África do Norte. Stalingrado, as ofensivas russas, a Sicília, a Itália... não parece mesmo que foi ontem? E agora, neste alvoreço de invasão, onde está o nosso cansaço, onde está o nosso desânimo? Parece que arranjam os uma alma guerreira tão nova em folha quanto a de 1939. Ah, coração humano, como te renovas...

Aquele mesmo heroico companheiro que se constituirá fiscal do Premier britânico, explicava uma ideia que todos considerávamos excelente, quando tremíamos pelos monumentos ilustres da Europa ameaçados pelos bombardeios “Por que não se combinam os exércitos, dizia ele, não carregam tanques ,

soldados , munições e não vão brigar em qualquer região deserta – na África , ou aqui na América do Sul – em Goiás ou Mato Grosso, por exemplo? Lá não há igrejas de mil anos a derrubar, não há inocentes cidades de civis fadados a morrer. Só há selva, só há bichos. E depois, o partido que ganhasse o duelo, tornava para a Europa e tomava conta de tudo. E nós por cá ficávamos desbravados em estradas abertas pelos tanques, com a mata virgem limpa como a palma da mão, revolvida, triturada, pronta para as sementes. E ainda teríamos a enorme indústria dos turistas e dos “souvenirs” de guerra...

E, no entanto, a guerra de hoje que não tem medo da distância nem da selvageria, fez exatamente isso e não adiantou nada. Foi combater nos desertos da África, internou-se pelas florestas de Borneu e Nova Guiné, nas vastidões misteriosas de Burma. De que serviu? A guerra é mesmo a besta do Apocalipse. Quer é destruir cidades, queimar homens, deixar ruínas. Só ceva o seu apetite quando se deita a digerir a Catedral de São Pedro ou “dome” dos Inválidos.

E enquanto estamos nós aqui, falando, profetizando, levianamente, lá nas areias da Normandia estais vós morrendo. A cada pancada que dou na tecla desta máquina, morre um homem. Nunca, em toda a história do mundo, nem por ocasião do dilúvio, morreu tanta gente. Morrem homens na Ásia, na Europa e na Oceania. Morrem homens nas Ilhas do Pacífico, nas estradas da China, nas praias da França, nas campinas da Itália, nos pântanos de Pripet. Enquanto comemos, enquanto saímos e tomamos o bonde, eles morrem. No céu, debaixo do mar, por cima e por dentro da terra, eles morrem. Nós aqui vivemos; e marcando o compasso da nossa vida, eles morrem. Ouvimos o rádio? Eles morrem. Damos um abraço no nosso amor? e eles mordem o chão, ou dão um salto no ar – e morrem. E são os mais bonitos, os mais fortes, os mais moços. Escolhidos de um em um, com estetoscópio, com exames complicados de sangue e nervos, com testes de coragem, de inteligência, de perfeição física. E nós que somos mais velhos, que somos cansados, que não temos nem a vossa saúde nem a vossa inocência, vamos vivendo, vamos pecando, vamos ficando.

Por que só nos vossos ombros uma carga tão pesada? Sempre pensei que deveriam ir para a guerra os velhos, os doentes, os incapazes. A ciência

não inventa máquinas tão prodigiosas? Compensasse com suas artes a deficiência física dos soldados. E eles teriam para cobrir a carência de mocidade e robustez, a malícia adquirida nos muitos anos de experiência, a coragem de quem nada mais tem à sua frente. E os jovens, os belos, os sãos, ficariam na retaguarda a fim de povoar a terra e aproveitar os triunfos dos guerreiros mortos.

E que direito temos nós, tão errados, tão egoístas, tão monstruosamente egoístas, de gozar o novo mundo que vindes conquistando assim, a poder de sangue e miséria, de sofrimentos sem conta? Em nome de que vos aceitamos o sacrifício, que credenciais temos nós, que valem nós - nós que arrastamos o mundo a este horror, nós todos que nada fizemos, que cruzamos os braços, e só cuidamos da nossa alminha, do nosso triste corpo, dos nossos amores, dos nossos empregos? E os mais poderosos dentre nós, que queriam petróleo, queriam poder, queriam fábricas, navios, mercados? Queriam prazeres, queriam dinheiro, custasse o que custasse.

É que no fundo do coração, bem no fundo, sabíamos que havia sempre a imensa reserva dos moços, para nos escudar, para morrer por nós, quando chegasse a hora. Por isso temos vivido nesse insensato descuido, desde que a outra guerra acabou. Por isso deixamos prosperar os monstros, deixamos que afiassem impunemente as garras, os chifres, as baionetas. Vós, rapazes, crescíeis, fazendo ginástica para criar músculos, entrando nos tiros de guerra, aprendendo a lidar com armas, temperando a alma com as heroicas façanhas dos mocinhos de cinema, com as proezas de toda a legião de valentes que a lenda e a ficção descrevem, para vos manter a todos sempre vibrantes e prontos – Roldão e os doze Pares de França, Robin Hood e o Rei Ricardo, D' Artagnan, Bunk Jones, o Fantasma Voador e o Poppeye e o Marinheiro.

E pensando em vós, soldados, que morreis aos milhares - talvez os milhões – na frente russa, na frente japonesa, na frente da Itália, na frente da França, em todas as mil frentes subterrâneas dos países dominados, meu sentimento não é só admiração, não é só uma gratidão imensa, - é principalmente uma humílima contrição.

Não tenho coragem se quer de vos dizer “muito obrigada”. Quem sou eu, quem somos nós para aceitar dom tão imenso? Só quero bater no peito, pensar

nos nossos erros, nos nossos crimes – os crimes de todos, que vos mataram, que vos mutilaram, que vos mataram e vos mutilaram ainda por dias e meses.

Penso nos vossos pés cansados, rapazes, nos vossos olhos com sono, no enjoo que sentis nas barcaças sacudidas pelas marés das madrugada de desembarque, do ardor dos ferimentos, na agonia de morrer sozinho, fardado e carregado de ferro, em praias desconhecidas.

Nós não valem os que fazeis, rapazes. Bem o sei, bem o sei.

Felizmente há as crianças. Pensai nelas na hora da luta; pensai unicamente nelas. Pensai nelas que vão crescer, e talvez, por causa da vossa imolação de agora, sejam poupadas à matança, quando por sua vez forem homens.

E por nós, tende compaixão, caridade. Desculpai se continuamos a ocupar este pedaço de terra que custa o preço de vosso sangue. Perdoai se usamos esta roupa que deveria ser vossa, se comemos essa comida, se bebemos está água limpa que vossos lábios jamais hão de tocar. Perdoai porque continuamos vivendo. Perdoai nossa maldade em nossa inconsciência. Perdoai-nos as vossas dores e a vossa morte. Ai, perdão, rapazes, perdão.

Retratos proféticos do Fascismo

Amarga foi a experiência política de Dostoiévski. A prisão, a condenação à morte, suspensa teatralmente à um décimo de hora, a deportação, o presídio com seus horrores, o exílio na cidadezinha da Sibéria - isso tudo, trabalhando uma alma morbidamente sensível, um organismo enfermo, um profundo sentimento religioso, - juntou-se ao horror que lhe inspiravam certos processos de combate, certos métodos de luta e terrorismo, incompatibilizando-o de vez com as correntes revolucionárias da sua terra e da sua época.

Em "Os Demônios" - livro que é talvez um dos momentos mais altos da sua obra, - Dostoiévski expande todos os engolidos ressentimentos, todas as

decepções, dá voz às críticas mais acerbadas: descreve com minúcia, com closeups assustadores, aquele mundo subterrâneo dos rebeldes, tais como o vê o seu juízo de cristão e sua alma cheia de cicatrizes mal saradas.

Mas é tão grande o privilégio do gênio, que onde qualquer mortal faria apenas um livro medíocre, de recriminações e ressentimentos particulares, Dostoievski traça retratos imortais e põe em cena um drama que é uma obra prima, integralmente bela e perfeita. E entendendo a alma humana como ninguém mais a entendeu, depois de Shakespeare, exibiu-lhe nessas páginas todo o avesso esfiapado e imundo, - os crimes, os recalques, a covardia, o ódio, e principalmente o medonho e inescrupuloso delírio da egolatria e da ambição.

E, - resultado ainda mais singular do seu trabalho - tendo sido o "Os Demônios" escrito entre 1870 e 1872, meio século portanto antes do nascimento do fascismo, é curioso ver como Dostoievski, descrevendo as figuras e os processos políticos dos seus niilistas, conseguiu realizar uma previsão magistral do que seriam depois os novos anticristos: os fascistas e nazistas. E pintou, com horrendo realismo a propaganda a moral, os expedientes de luta e a própria concepção de vida que o fascismo iria conceber e pregar cinquenta anos mais tarde.

Tive a curiosidade de ir respigando, aqui e além, através do livro, os trechos mais significativos e mais fáceis de reproduzir dessas - como direi? - dessas profecias.

Há, por exemplo, no romance um certo Chigaliov, (personagem aliás secundário) que compõe um livro onde é descrito um plano de sociedade futura. E Piotr Stepanovitch Verkhovenski, o chefe e alma danada do "movimento" na pequena cidade de província onde decorre o drama, assim comenta esses planos - que lhe parecem excelentes, (passo a citar; perdoem-me a tradução e a intromissão de parênteses):

"...ele (Chigaliov) se propõe a dividir a humanidade em duas partes desiguais. Um décimo obterá liberdade absoluta e ilimitada autoridade sobre os outros nove décimos que terão de perder a personalidade e transformar-se mais ou menos num rebanho; mantidos nessa submissão sem limites, passando por uma série de transformações, esses nove décimos atingirão um estágio de

inocência primitiva - continuando porém obrigados ao trabalho..." (Não se reconhece com facilidade aqui o programa para o povo-senhor e os povos-escravos e especialmente o programa hitlerista para a Rússia, a América do Sul, as colônias africanas, etc., - para todos os povos ele fadados ao destino de pastores, lavradores e produtores de matéria prima?)

"... as medidas preconizadas para despojar nove décimos da humanidade da sua vontade livre e por meio da educação transformá-los em rebanho, são notabilíssimas; e baseadas nos ensinamentos das ciências sociais, são inteiramente lógicas". (Foram realmente as ciências naturais que ensinaram os nazistas a esterilizar judeus, a criar "campos de reprodução humana" a liquidar incuráveis, e outras medidas sumárias de profilaxia e fomento social.)

"...é um projeto notável. Estabelece como lei a espionagem. Segundo ele todos os membros da sociedade se espiam mutuamente e têm obrigação de dar parte de tudo que lhes chega ao conhecimento. Cada um pertence a todos e todos pertencem a cada um." (Não será esse o esquema de onde se originou a rede complicadíssima da "Gestapo" ou da "Ovra"?) - "Todos os homens são escravos e iguais na escravidão; nos casos extremos pode-se recorrer á calúnia, ao assassinio" (Recordemos por exemplo o caso Hoehm...)

"...antes de tudo, rebaixe-se o nível da instrução, da ciência, dos talentos." - "Os homens de talento"... sempre fizeram mais mal que bem. Será mister bani-los ou matá-los. Cicero terá a língua arrancada, Copérnico os olhos furados, Shakespeare será lapidado"... (E igualmente ofendidos serão todos os grandes nomes da cultura europeia, sob o domínio fascista; os vivos massacrados ou banidos, os mortos queimados em efígie, suas obras destruídas em autos de fé.)

"...Não há necessidade nenhuma de instrução nem de ciência. Mesmo sem ela, os materiais de que dispomos já nos chegam para os próximos mil anos." (Aquele mesmo milênio que foi uma das obsessões de Hitler com a sua nova ordem que deveria dominar o mundo pelos próximos mil anos".)

"... mas precisamos estabelecer a obediência. A única coisa de que carece o mundo é a obediência."

"...Vamos desenvolver a embriaguez, a calúnia, a delação; mergulharemos o homem numa depravação sem exemplo, e, mais ainda destruiremos no ovo todos os gênios futuros."

"... Só o indispensável é indispensável, há de ser, doravante, a divisa da humanidade. Mas de tempos em tempos será preciso conceder-lhe algumas convulsões e nós chefes, as forneceremos."

"... Precisaremos de uma corrupção inaudita, ignóbil, que transforme o homem num inseto imundo, covarde, cruel e egoísta. Disso é que necessitamos. E ao mesmo tempo lhe haveremos de dar um pouco de "sangue fresco" para que ele tome gosto pelo sangue..."

"... Ah, se tivéssemos tempo! Nossa única desgraça é a falta de tempo. Proclamaríamos a destruição... porque, porque essa ideia é tão fascinante? Atearemos incêndios"... (O Reichstag, não?) "Criaremos lendas" (Como a de Hort Wessel?) "E para esse fim qualquer ínfimo grupo é útil. Posso encontrar nesses grupos voluntários que iniciarão os tiroteios, que se considerarão honradíssimos em serem os primeiros". (Não está aí a semente de todos os putschs?)" E então começará a confusão. Será um cataclisma como jamais o mundo assistiu ..."

"... Que nos dará o socialismo? Ele destruiu as forças antigas e não criou forças novas. E nós nos disporemos da força, e que força! Basta que tenhamos uma alavanca - por um momento apenas - uma alavanca que nos permita soerguer a terra..."

E depois, como coroa de tudo, vem a ideia do Líder, do chefe-deus, perfeito e infalível, que mais tarde seria o Führer, o Duce, o Caudillo. Mas nesse caso a citação é impossível, pois exigiria a reprodução de um capítulo inteiro. Ao leitor curioso, dou o nome desse capítulo; é o "O Tsarevitch Ivan".

N.B. - Será contra a ética, talvez, assinar um artigo feito quase que só de citações. Mas se cometi uma falta, em compensação lucrou o público, lendo a palavra de Dostoievski, em vez de uma das minhas jeremiadas habituais.

R.Q.

Tangerine-girl

De princípio a interessou o nome da aeronave: não "zepelim" nem dirigível, ou qualquer outra coisa antiquada; o grande fuso de metal brilhante chamava-se modernissimamente blimp. Pequeno como um brinquedo, independente, amável. A algumas centenas de metros da sua casa ficava a base aérea dos soldados americanos e o poste de amarração dos dirigíveis. E de vez em quando eles deixavam o poste e davam uma volta, como pássaros mansos que abandonassem o poleiro num ensaio de voo. Assim, de começo, aos olhos da menina, o blimp existia como uma coisa em si — como um animal de vida própria; fascinava-a como prodígio mecânico que era, e principalmente ela o achava lindo, todo feito de prata, igual a uma joia, librando-se majestosamente pouco abaixo das nuvens. Tinha coisas de ídolo, evocava-lhe um pouco o gênio escravo de Aladim. Não pensara nunca em entrar nele; não pensara sequer que pudesse alguém andar dentro dele. Ninguém pensa em cavalgar uma águia, nadar nas costas de um golfinho; e, no entanto, o olhar fascinado acompanha tanto quanto pode águia e golfinho, numa admiração gratuita — pois parece que é mesmo uma das virtudes da beleza essa renúncia de nós próprios que nos impõe, em troca de sua contemplação pura e simples.

Os olhos da menina prendiam-se, portanto, ao blimp sem nenhum desejo particular, sem a sombra de uma reivindicação. Verdade que via lá dentro umas cabecinhas espiando, mas tão minúsculas que não davam impressão de realidade — faziam parte da pintura, eram elemento decorativo, obrigatório como as grandes letras negras "U.S. Navy" gravadas no bojo de prata. Ou talvez lembrassem aqueles perfis recortados em folha que fazem de chofer nos automóveis de brinquedo.

O seu primeiro contato com a tripulação do dirigível começou de maneira puramente ocasional. Acabara o café da manhã; a menina tirara a mesa e fora à porta que dá para o laranjal, sacudir da toalha as migalhas de pão. Lá de cima um tripulante avistou aquele pano branco tremulando entre as árvores espalhadas e a areia, e o seu coração solitário comoveu-se. Vivia naquela base como um frade no seu convento — sozinho entre soldados e exortações

patrióticas. E ali estava, juntinho ao oitão da casa de telhado vermelho, sacudindo um pano entre a mancha verde das laranjeiras, uma mocinha de cabelo ruivo. O marinheiro agitou-se todo com aquele adeus. Várias vezes já sobrevoara aquela casa, vira gente embaixo entrando e saindo; e pensara quão distantes uns dos outros vivem os homens, quão indiferentes passam entre si, cada um trancado na sua vida. Ele estava voando por cima dos outros, vendo-os, espiando-os, e, se alguns erguiam os olhos, nenhum pensava no navegador que ia dentro; queriam só ver a beleza prateada vogando pelo céu.

Mas agora aquela menina tinha para ele um pensamento, agitava no ar um pano, como uma bandeira; decerto era bonita — o sol lhe tirava fulgurações de fogo do cabelo, e a silhueta esguia se recortava claramente no fundo verde-e-areia. Seu coração atirou-se para a menina num grande impulso agradecido; debruçou-se à janela, agitou os braços, gritou: "Amigo!, amigo!"— embora soubesse que o vento, a distância, o ruído do motor não deixariam ouvir-se nada. Ficou incerto se ela lhe vira os gestos e quis lhe corresponder de modo mais tangível. Gostaria de lhe atirar uma flor, uma oferenda. Mas que podia haver dentro de um dirigível da Marinha que servisse para ser oferecido a uma pequena? O objeto mais delicado que encontrou foi uma grande caneca de louça branca, pesada como uma bala de canhão, na qual em breve lhe iriam servir o café. E foi aquela caneca que o navegante atirou; atirou, não: deixou cair a uma distância prudente da figurinha iluminada, lá embaixo; deixou-a cair num gesto delicado, procurando abrandar a força da gravidade, a fim de que o objeto não chegasse sibilante como um projétil, mas suavemente, como uma dádiva.

A menina que sacudia a toalha erguera realmente os olhos ao ouvir o motor do blimp. Viu os braços do rapaz se agitarem lá em cima. Depois viu aquela coisa branca fender o ar e cair na areia; teve um susto, pensou numa brincadeira de mau gosto — uma pilhéria rude de soldado estrangeiro. Mas quando viu a caneca branca pousada no chão, intacta, teve uma confusa intuição do impulso que a mandara; apanhou-a, leu gravadas no fundo as mesmas letras que havia no corpo do dirigível: "U. S. Navy". Enquanto isso, o blimp, em lugar de ir para longe, dava mais uma volta lenta sobre a casa e o pomar. Então a mocinha tornou a erguer os olhos e, deliberadamente dessa vez,

acenou com a toalha, sorrindo e agitando a cabeça. O blimp fez mais duas voltas e lentamente se afastou — e a menina teve a impressão de que ele levava saudades. Lá de cima, o tripulante pensava também — não em saudades, que ele não sabia português, mas em qualquer coisa pungente e doce, porque, apesar de não falar nossa língua, soldado americano também tem coração.

Foi assim que se estabeleceu aquele rito matinal. Diariamente passava o blimp e diariamente a menina o esperava; não mais levou a toalha branca, e às vezes nem sequer agitava os braços: deixava-se estar imóvel, mancha clara na terra banhada de sol. Era uma espécie de namoro de gavião com gazela: ele, fero soldado cortando os ares; ela, pequena, medrosa, lá embaixo, vendo-o passar com os olhos fascinados. Já agora, os presentes, trazidos de propósito da base, não eram mais a grosseira caneca improvisada; caíam do céu números da Life e da Time, um gorro de marinheiro e, certo dia, o tripulante tirou do bolso o seu lenço de seda vegetal perfumado com essência sintética de violetas. O lenço abriu-se no ar e veio voando como um papagaio de papel; ficou preso afinal nos ramos de um cajueiro, e muito trabalho custou à pequena arrancá-lo de lá com a vara de apanhar cajus; assim mesmo ainda o rasgou um pouco, bem no meio.....

Mas de todos os presentes o que mais lhe agradava era ainda o primeiro: a pesada caneca de pó de pedra. Pusera-a no seu quarto, em cima da banca de escrever. A princípio cuidara em usá-la na mesa, às refeições, mas se arreceou da zombaria dos irmãos. Ficou guardando nela os seus lápis e canetas. Um dia teve ideia melhor e a caneca de louça passou a servir de vaso de flores. Um galho de manacá, um bogari, um jasmim-do-cabo, uma rosa menina, pois no jardim rústico da casa de campo não havia rosas importantes nem flores caras.....

Pôs-se a estudar com mais afinco o seu livro de conversação inglesa; quando ia ao cinema, prestava uma atenção intensa aos diálogos, a fim de lhes apanhar não só o sentido, mas a pronúncia. Emprestava ao seu marinheiro as figuras de todos os galãs que via na tela, e sucessivamente ele era Clark Gable, Robert Taylor ou Cary Grant. Ou era louro e romântico como um mocinho que morria numa batalha naval do Pacífico, cujo nome a fita não dava; chegava até a ser, às vezes, careteiro e risonho como Red Skelton. Porque ela era um pouco

míope, mal o vislumbrava, olhando-o do chão: via um recorte de cabeça, uns braços se agitando; e, conforme a direção dos raios do sol, parecia-lhe que ele tinha o cabelo louro escuro.

Não lhe ocorria que não pudesse ser sempre o mesmo marinheiro. E, na verdade, os tripulantes se revezavam diariamente: uns ficavam de folga e iam passear na cidade com as pequenas que por lá arranjavam; outros iam embora de vez para a África, para a Itália. No posto de dirigíveis criava-se aquela tradição da menina do laranjal. Os marinheiros puseram-lhe o apelido de "Tangerine-Girl". Talvez por causa do filme de Dorothy Lamour, pois Dorothy Lamour é, para todas as forças armadas norte-americanas, o modelo do que devem ser as moças morenas da América do Sul e das ilhas do Pacífico. Talvez porque ela os esperava sempre entre as laranjeiras. E talvez porque o cabelo ruivo da pequena, quando brilhava á luz da manhã, tinha um brilho acobreado de tangerina madura. Um a um, sucessivamente, como um bem de todos, partilhavam eles o namoro com a garota Tangerine. O piloto da aeronave dava voltas, obediente, voando o mais baixo que lhe permitiam os regulamentos, enquanto o outro, da janelinha, olhava e dava adeus.

Não sei por que custou tanto a ocorrer aos rapazes a ideia de atirar um bilhete. Talvez pensassem que ela não os entenderia. Já fazia mais de um mês que sobrevoavam a casa, quando afinal o primeiro bilhete caiu; fora escrito sobre uma cara rosada de rapariga na capa de uma revista: laboriosamente, em letras de imprensa, com os rudimentos de português que haviam aprendido da boca das pequenas, na cidade: "Dear Tangeríne-Gírl. Please você vem hoje (today) base X. Dancing, show. Oito horas P.M." E no outro ângulo da revista, em enormes letras, o "Amigo", que é a palavra de passe dos americanos entre nós.

A pequena não atinou bem com aquele "Tangerine-Girl". Seria ela? Sim, decerto... e aceitou o apelido, como uma lisonja. Depois pensou que as duas letras, do fim: "P.M.", seriam uma assinatura. Peter, Paul, ou Patsy, como o ajudante de Nick Carter? Mas uma lembrança de estudo lhe ocorreu: consultou as páginas finais do dicionário, que tratam de abreviaturas, e verificou, levemente decepcionada, que aquelas letras queriam dizer "a hora depois do meio-dia".

Não pudera acenar uma resposta porque só vira o bilhete ao abrir a revista, depois que o blimp se afastou. E estimou que assim o fosse: sentia-se tremendamente assustada e tímida ante aquela primeira aproximação com o seu aeronauta. Hoje veria se ele era alto e belo, louro ou moreno. Pensou em se esconder por trás das colunas do portão, para o ver chegar - e não lhe falar nada. Ou talvez tivesse coragem maior e desse a ele a sua mão; juntos caminhariam até a base, depois dançariam um fox langoroso, ele lhe faria ao ouvido declarações de amor em inglês, encostando a face queimada de sol ao seu cabelo. Não pensou se o pessoal de casa lhe deixaria aceitar o convite. Tudo se ia passando como num sonho — e como num sonho se resolveria, sem lutas nem empecilhos.

Muito antes do escurecer, já estava penteada, vestida. Seu coração batia, batia inseguro, a cabeça doía um pouco, o rosto estava em brasas. Resolveu não mostrar o convite a ninguém; não iria ao show; não dançaria, conversaria um pouco com ele ao portão. Ensaiaava frases em inglês e preparava o ouvido para as doces palavras na língua estranha. Às sete horas ligou o rádio e ficou escutando languidamente o programa de swings. Um irmão passou, fez troça do vestido bonito, naquela hora, e ela nem o ouviu. Às sete e meia já estava na varanda, com o olho no portão e na estrada. Às dez para as oito, noite fechada (já há muito, acendera a pequena lâmpada que alumiaava o portão), saiu para o jardim. E às oito em ponto ouviu risadas e tropel de passos na estrada, aproximando-se.

Com um recuo assustado verificou que não vinha apenas o seu marinheiro enamorado, mas um bando ruidoso deles. Viu-os aproximarem-se, trêmula. Eles a avistaram, cercaram o portão — até parecia manobra militar —, tiraram os gorros e foram se apresentando numa algazarra jovial.

E, de repente, mal lhes foi ouvindo os nomes, correndo os olhos pelas caras imberbes, pelo sorriso esportivo e juvenil dos rapazes, fitando-os de um em um, procurando entre eles o seu príncipe sonhado — ela compreendeu tudo. Não existia o seu marinheiro apaixonado — nunca fora ele mais do que um mito do seu coração. Jamais houvera um único, jamais "ele" fora o mesmo. Talvez nem sequer o próprio blimp fosse o mesmo.

Que vergonha, meu Deus! Dera adeus a tanta gente; traída por uma aparência enganosa, mandara diariamente a tantos rapazes diversos as mais doces mensagens do seu coração, e no sorriso deles, nas palavras cordiais que dirigiam à namorada coletiva, à pequena Tangerine-Girl, que já era uma instituição da base — só viu escárnio, familiaridade insolente... Decerto pensavam que ela era também uma dessas pequenas que namoram os marinheiros de passagem, quem quer que seja... decerto pensavam... Meu Deus do Céu!.

Os moços, por causa da meia-escuridão, ou porque não cuidavam naquelas nuances psicológicas, não atentaram na expressão de mágoa e susto que confrangia o rostinho redondo da amiguinha. E, quando um deles, curvando-se, lhe ofereceu o braço, viu-a com surpresa recuar, balbuciando timidamente:

— Desculpem... houve um engano... um engano...

E os rapazes compreenderam ainda menos quando a viram fugir, a princípio lentamente, depois numa carreira cega. Nem desconfiaram que ela correu a trancar-se no quarto e, mordendo o travesseiro, chorou as lágrimas mais amargas e mais quentes que tinha nos olhos.

Nunca mais a viram no laranjal; embora insistissem em atirar presentes, viam que eles ficavam no chão, esquecidos — ou às vezes eram apanhados pelos moleques do sítio.

Morreu um expedicionário

Foi batizado aqui mesmo, na Igreja de São José. O padrinho lhe deu de presente duas libras de ouro, dizendo que eram para fazer uns botões de punho, quando ficasse homem.

Como todo menino, sofreu a sua enterite e quase morreu de coqueluche. Também quase morreu afogado, aos onze anos de idade, num piquenique com banho de mar em Jurujuba. Teve sorte, foi escapando. Um anjo de menino não era propriamente. Gazeava aula, atirava pedras nos pardais da rua, de caminho

para a escola, e certa vez fez malcriação à professora de Ciências. Mas diziam em geral os mais velhos que tinha bom coração.

Gostava muito da mãe, coitada, que, por esse tempo já estava viúva, trabalhava nos Correios e Telégrafos, tirava do emprego o necessário para criar o filho. Mas no período que medeava entre a viuvez e a nomeação, ela, aperreada de contas, andou empenhando tudo que lhe restava: os cordões de ouro, o relógio do falecido e até as duas libras do menino. Foi aí que ele confirmou ter mesmo bom coração: objetou apenas ao saber do caso das libras: “E agora como é que eu faço os meus botões de punho?” Mas vendo que a mãe não respondia, foi para a calçada jogar gude com os meninos da vizinha.

Ainda hoje, passados tantos anos, a mãe guarda num cofre de lata as cautelas de todos aqueles penhores jamais remidos. No fundo do coração alimenta a esperança de que aquilo conserve seu valor – não lhe foram dadas como recibo de todo o seu ouro?

Voltando ao menino: teve a sua fase de futebol e mais tarde o que se poderia chamar a fase das ideias gerais. Isso aconteceu quando estudava nos últimos anos do curso secundário, na aula noturna. Não que fosse um intelectual. Mas interessou-se pela guerra na Espanha e por Hailé-Selassié.

Também se interessou muito pelo Campeonato Mundial, pelas glórias de Leônidas nos gramados europeus e o desgraçado desenlace do jogo com os tchecoslovacos. Foi mesmo o drama esportivo da Taça do Mundo que lhe propinou os primeiros venenos de curiosidade internacional.

Mas no fundo o nosso rapaz era uma alma lírica. E, curioso para quem lhe conhece o fim: carecia de pendores guerreiros. Fez o seu serviço militar no Tiro com pouco entusiasmo, mais por obrigação. Felizmente os exercícios não lhe tomavam todo o tempo; davam espaço para o namoro e para o cinema – ou antes, para namoro e cinema juntos, pois as duas atividades se completavam. Triste de quem não conhece o prazer requintado de ver na tela uma bonita cena de aviação ou de *G-men*, ou mesmo uma cena de amor – apertando no escuro a mão da namorada, sentindo no rosto o cheiro dos seus cabelos.

Graças a Deus o nosso menino conheceu isso tudo. Sabia arrancar da vida as suas coisas melhores – o prazer da velocidade na motocicleta de um amigo, o prazer do mar e do sol nas manhãs de banho no Flamengo, os prazeres do amor, da luta e do esporte... E em dose devida, também, os prazeres da inteligência. Creio que já disse que não era um intelectual. Sim, mas há gradações. Bem que lia os seus livros e até entrar para sócio na livraria de aluguel. Todas as manhãs, no bonde de Catumbi, de casa para o emprego (entrara também para os Correios e Telégrafos), tinha sempre um livro aberto na mão. Primeiro atravessou a longa série dos Pardaillans, onde, adolescente, aprendera as boas regras da cavalaria, o valor da bravura, e desafogara todos os seus recalques de menino urbano. Leu livros de detetives, ensinando que o crime não compensa. Não gostou de Machado de Assis. Preferia romances de ação. As sutilezas da inteligência o enfastiavam um pouco, e lhe pareciam meio impudicas aquelas especulações feitas dentro das almas dos outros.

Quando rebentou a guerra, tinha dezoito anos, se aos quinze sofrera pelos espanhóis e pelos pobres negros da Abissínia, sentia agora uma grande cólera contra os nazistas: grandes alemães enormes e brutos, com as suas botas quarenta e quatro pisando terra, pisando gente, pisando na vida de todo o mundo. É verdade que com as contradições daquele seu coração lírico, a que já aludi, não apreciou devidamente uma surra num alemão a que assistiu em frente a um bar do Méier, excessivamente os seus Pardaillans. O fato é que tomou depressa o bonde, pensando: “Só gosto de luta leal.”

No dia em que o Brasil entrou na guerra, ele estava com a mãe, na sala, ouvindo o rádio. A velha fez o que costumam fazer mulheres nessas horas: chorou e foi rezar no quarto. O moço ficou sozinho, num estado de exaltação indefinível. Guerra. A palavra ainda não lhe significava nada de imediato e pessoal – era ainda uma coisa longínqua, abstrata. Jamais vira guerras senão no cinema ou nos livros. Matar e morrer. Sim, teria agora que matar e morrer. Ia fazer vinte e dois anos.

Apresentou-se como voluntário. Tinha como companheiros um homenzinho barrigudo e conservador que receava não ser aceito, mas fazia

questão de cumprir o seu dever. O outro era um moço taciturno que não quis explicar nada.

Custaram um pouco a aceitar o nosso rapaz. Bem, não fora criado com vitaminas nem ginástica sueca. Menino modesto, seu corpo crescera sozinho sem se preocupar com as medidas de tórax indispensáveis aos que vão para a guerra. Precisou consertar uns dentes, e o médico insistiu muito com o coração. Teria um sopro no coração aquele moço? Precisava apresentar um coração perfeito, integral, batendo como um cronômetro, usando apenas sangue rico, padronizado.

Afinal, o coração serviu. Perfeito coração, que me contas agora, no teu sono sob o chão devastado da Itália? Quem sabe se estás te misturando às cinzas de outros corações ilustres, naquele solo que há milênios vem recebendo corpos de heróis, de servos e de tiranos? Parece que ali, se a gente colhe do chão um punhado de terra, arrisca-se sempre a profanar as cinzas de um tribuno de Roma ou de um chefe bárbaro. Como hão de receber contentes os corpos dos moços da América aquelas cinzas de romanos ou gibelinos que há mais de vinte anos só de fascistas tinham a companhia!

Fardado, no treino intensivo, pensou em pouca coisa além de dormir, acordar e fazer exercício, exercício, exercício. Depressa alcançou a medida de tórax regulamentar. E afinal houve a grande parada de despedida. Depois vieram os dias de expectativa que precederam o embarque, durante os quais ele passeava pela cidade com seu uniforme diferente – as mangas arregaçadas, e aquele nome “Brasil” bordado no braço: etiqueta da pátria que já lhe sugeria o estrangeiro, traduzindo a necessidade de o identificar entre outros rapazes, com outros nomes bordados – e todos juntos num exército único. Talvez nesse curto período de espera ele tenha pensado um pouco em si, com algum enternecimento; talvez até tenha feito uma certa chantagem sentimental com a namorada: “Quem sabe se daqui a pouco não estou morto, atirado numa praia...”

Sim, porque só pensava em morrer no mar. Quando atravessou todo o grande oceano sem que os submarinos lhe alcançassem o navio, respirou tranquilo. Possivelmente lhe haviam ficado terrores subconscientes do quase

afogamento na infância. Só sei que, ao pisar no porto italiano, parecia-lhe já haver ganho a guerra.

Diz o telegrama que morreu como um herói. Não explica, entretanto o despacho como morreu nem de que morreu.

Tinha agora vinte e três anos, acreditava na verdade, na justiça e na liberdade.

Na pureza do seu coração, que não tinha sopro nem tinha maldade, achou decerto que morreu muito bem.

A dor de amar

Araci suspirava: - Ai, como é diferente o amor em Botafogo! Verdade que não conhecia outros amores. Mas afinal, parece tão fácil amar um soldado! Mormente em tempo de guerra. Quem vê, pensa que tudo já foi previsto pelos livros ou pelas fitas de cinema. Será porque ele é americano? Mas soldado americano, brasileiro ou chinês são todos das Nações Unidas, rapazes com alma, corpo, corações iguais uns aos outros, pois não é? Sabem do mesmo jeito ronronar no banco do jardim público agarrados à mão da pequena, dão o mesmo beijo de despedidas à porta de casa, às dez da noite. O fato é que se tem a impressão de que já existe uma rotina para namorada de soldado: tem que esperar dia de folga, tem que fechar os olhos à tal de “cantina”, tem que perguntar muito pouca coisa a respeito de navio ou de armamentos, para não pensarem que a gente está trabalhando de alemão.

Pois sim, rotina, que esperança! Imprevistos, imprevistos os altos e baixos de uma montanha-russa, isso é que é.

A princípio, parece que o grande obstáculo é unicamente a língua. Mas língua estrangeira depressa se faz entendida. Cada um fala um pouco da outra, e está tudo feito. Para ajudar a língua perra há os olhos, as mãos, o coração apaixonado. E nos primeiros dias tudo é ainda um céu aberto. Amor à americana

é outra coisa. Não tem nada do ciúme bobo destes rapazes daqui. Eles lá na América acreditam em feminismo, e mulher deles goza de liberdade igual à dos homens. Moça da América, embora tenha namorado firme, pode conversar com outro rapaz, pode sair com ele, ir até a matinê de cassino – imaginem! Pode-se até beijar sem maldade. Jim sempre diz que na América tudo isso é natural. E Jim, aqui, procura usar nos namoros as modas de sua terra. O diabo é que, depois de certo tempo, tanto desprendimento começa a provocar despeito. E a gente acaba pensando que se ele não tem ciúme não é de bonzinho coisa nenhuma – quem sabe não quer passar a pequena adiante?

Meu Deus, quanta noite mal dormida sofreu Araci, procurando conciliar a ética da América com a ética de Botafogo! Rememorando as passagens do seu romance, desde a primeira vez em que o vira – aliás em que os vira, porque conhecera a ambos ao mesmo tempo, Jim e Steve. (É engraçado ver como as pequenas aprendem depressa a pronunciar corretamente os nomes exóticos dos moços, parece até que nunca viram um Luís, um Joaquim, um Manuel...)

E ela até simpatizara mais com o outro, nesse encontro no Jardim de Botafogo. Steve era lourinho e depois embarcou ninguém sabe pra onde, Europa ou oceano Pacífico. Esses americanos a toda hora estão em qualquer parte do mundo. Há quem diga que foi com Steve que Araci começou a namorar. Ela hoje nega isso, jura que era só amizade, pode ser. Steve pediu para ela lhe ensinar português. Ia apontando as coisas:

- Bus?
- Ônibus... Ô-NI-BUS...
- F-l-o-r... U-nha... De-do... A-nel...
- And this?
- Deixe de atrevimento, Steve!

Bem, quando dava essas aulas já estava com mais de quinze dias de camaradagem. E Jim todo o tempo na sombra. De repente Steve sumiu, embarcou. Eles sempre saem assim, misteriosos. E nem fica muito bem perguntar para onde foram; os outros mostram-se logo muito vagos.

Quando Steve sumiu, Jim saiu da penumbra – a princípio fazendo papel de bom amigo, brincando com ela por causa da partida de Steve; oferecia o lenço para Araci enxugar as supostas lágrimas, e certa noite chegou muito satisfeito falando: “Saudade, saudade!” Aprendera a palavra naquele dia. Araci não gostava das brincadeiras, não tinha nada com Steve, onde ficava a graça? Bem diz o povo que esses americanos são mesmo que meninos, a vida inteira. Cada homenzarrão de dois metros de altura, com aquela cara inocentinha, um buço tão leve que mal se vê. Mas aí, crianças, porém crianças bonitas – como Jim por exemplo. Alto, espadaúdo e com uns olhos incompreensíveis. Mesmo quando já dizia quase tudo em português (falava melhor que os colegas), os olhos continuavam esquisitos e estrangeiros, com a sua luz azul transparente.

E, aos poucos, o namoro foi ficando firme. Isto é, foi ficando firme talvez só no pensamento dela. Porque na tal carta que ele fez à vovó... Mas não antecipemos a carta à vovó. Namoro ou não namoro, o que havia ia continuando. Ele a levava ao cinema – com muito respeito, é claro. Segurava-lhe um pouco na mão, suspirava expressivo em certas cenas – e nada mais. Há muito desses americanos que são rapazes de família e sabem respeitar; graças a Deus Jim é um deles. O que eles não sabem direito é amar de verdade, com coerência, com seguimento. Amam de farra, pode-se dizer. Jim, por exemplo, andava com ela certa noite das sete e meia as dez, levava-a para tomar *Coca-Cola* na *Americana*, falava baixinho todo o tempo, portava-se, senão como noivo, pelo menos como comprometido. Na noite seguinte nem dava confiança, passava sem parar, como um conhecido qualquer, ia conversar em outro grupo, antes de se chegar para Araci. Quando meia hora depois se aproximava, muito à vontade, ficava todo espantando porque encontrava a pequena deitando fumaça; e indagava, ante a saudação ríspida com que ela o recebera:

- Que foi que eu fiz, Araci?

- Ora, vá conversar com as outras... Passeie mais com os seus colegas. Não se importe comigo; que é que tenho com sua vida?

- But baby...

- Baby, coisa nenhuma! Me chamo Araci, fui batizada, tenho nome, ouviu? Pare com essa história de baby. Você está enganado, não sou mulatinha de Copacabana, não...

Felizmente ele não entendeu metade da explosão; entendeu, contudo que ela não queria ser tratada de “baby”. Esperou pacientemente que a zanga se abrandasse. E quando a moça repetiu que se chamava Araci, ele ficou pensando que justamente a pedra no caminho era aquele nome. Araci... Tão bárbaro, tão “South-America”, tão tropical! Ele já andava farto de exotismo. Aproximara-se dela justamente porque lembrava uma pequena de sua terra, de pele bem alva, uns olhos que, se não eram azuis, eram pelo menos verdes – nem castanhos nem pretos – e nem profundos, nem derramados como os das outras. Não tinha também as exuberâncias de formas e de cor das suas patrícias, que eram como as frutas da terra, saborosas, porém excessivas – perfume demais, açúcar demais, polpa demais. Se não fosse o nome, tomaria Aracu como uma de sua raça; mas o nome! Queria uma Molly, uma Betty, uma Maisie – qualquer coisa “like home”. Que nostalgia da sua cidadezinha natal, do apito do trem, do *icecream* que tomava na confeitaria dos estudantes, servido por aquele polaquinho sardento – Ike! Coitado do Ike, também fora para a guerra, talvez andasse agora pelo mesmo chão de onde o haviam trazido os pais...

Enquanto Jim se afundava nessas saudades, baixava a fervura do furor de Araci e ela também calava a boca. Não havia mais ninguém junto aos namorados. Os outros tinham andado, deixando que os dois decidissem a briga sozinhos. Agora, que desabafara, Araci sentia uma vontade desesperada de chorar. Jim fitou-a, com seu ar ingênuo. Começou a explicar a eterna cantiga: na América os rapazes podem falar com outras moças, e as moças com outros rapazes, pois cada um conserva a própria liberdade. Isso de ciúme é atraso, é temperamento, não parece bem. As moças brasileiras têm muito preconceito. Ainda outro dia, quando ele aparecera fardado para o passeio ao Pão de Açúcar que tinham combinado com Terezinha e Jhonny, ela se recusara a acompanhá-lo. Pois na América uma pequena fica orgulhosa por ver seu namorado vestindo uma farda.

- Se fosse farda brasileira eu gostava. Mas que diria o povo se me visse andando com um americano fardado! Você nem sabe a cotação baixa que tem por aí pequena de americano...

E Jim dobrara-se. Nunca mais a viera encontrar de uniforme. Se por acaso não tinha tempo de vestir o terno, ou receava que algum dos da patrulha o apanhasse à paisana, dava adeusinho para ela de longe.

Mas todo dia surgia uma coisa nova. Até a família se metia no meio – a avó, que nunca se metera. Araci já tivera outros pequenos, e a avó sempre fora boazinha; sabia que mocidade precisa se divertir. E confiava em Araci, embora não admitisse que a neta ficasse na rua muito além das nove e meia. A coisa passou-se assim: a avó olhou para a mão de Araci e sentiu falta do anel! – um anel de prata, grosso, com folhagens esculpidas, herança de seu morto pai.

- Que foi que você fez do anel, minha filha? Perdeu?

Araci ficou vermelha e disse que tinha emprestado a joia. E como a velha estranhasse o “empréstimo”, acabou explicando que pusera no dedo de Jim, por uns dias. Iniciou-se então um interrogatório cerrado, que aos poucos arrancou de Araci até a confissão do tímido e primeiro beijo do americano, colhido três dias atrás, numa das despedidas noturnas. A velha ficou uma brasa. Exigiu que Araci escrevesse num pedaço de papel o nome, o sobrenome, a patente, o endereço dele. Para que, meu Deus? Patente, Araci não sabia. Escreveu o resto.

No dia seguinte a pequena teve ciência de que a avó fizera uma coisa inesperada. Morava na pensão uma telefonista internacional da Light, que falava inglês muito bem, por dever de ofício. Pois a velha escrevera uma carta que a outra pusera na língua de Jim. Dizia na massiva que Araci era uma moça pobre, arrimo de avó enferma com o seu ordenado de datilógrafa. Moravam ambas naquela pensão modestíssima. Como a neta não tinha pai nem irmão que a protegessem, ela, a avó, vinha lhe perguntar quais eram as suas intenções.

É de crer que o americano a princípio nem entendesse direito aquela história de “intenções”, embora perguntada num inglês razoável. Talvez tenha recorrido ao livrinho confidencial de instruções onde se ensina aos soldados

como agir em contato com as populações nativas. E os preconceitos de honra das raças latinas – ou seriam dos índios? Enfim, nem sabia mais. Ficou muito inquieto, a medir até onde tinham ido as suas intimidades. Afinal, passear de mãos dadas, um sorvete, um rápido beijo de boa-noite... Será que os brasileiros são mesmo como se diz na América? Felizmente, como escrevia a avó, Araci, não tinha irmão ou pai que chegasse aí puxando faca... Pobre Jim, sentia-se mais do que nunca expatriado, incompreendido.

Pelo menos era isso o que se deduzia da carta cortês e honesta que fez à avó, chamando-a de “*Grandmother*” e explicando – talvez pela milésima vez depois que estava no Brasil – a diferença entre os costumes de cá e lá, afirmando que as suas intenções nada tinham de mal. E falando assim na América, chamando aquela senhora desconhecida de “*Grandmother*”, teve um acesso de sentimentalismo, lembrou-se da própria avó ainda viva, e virou a página muito terno, dizendo no papel coisas que jamais dissera nem a si mesmo. “Araci merece todo o amor deste mundo, avó...”.

A carta surpreendeu e desarmou a velha. Não que a entendesse quando a recebeu, poucas horas depois de mandar a sua. Mas fez a telefonista passa-la a limpo, devidamente traduzida, como um documento. A solteirona romanesca traduziu a ternura em inglês num português mais terno ainda. E então o final – “*Your loving son*”... – ela verteu assim: “Seu filho muito amoroso”.

A Araci o episódio todo envergonhou profundamente. Não só por haverem extorquido dele aquelas meias-promessas, mas pelas revelações humilhantes – a orfandade, a pobreza, a casa de pensão. Sim, o pior de tudo era a casa de pensão. Sempre tivera o cuidado de manter Jim bem longe do que havia de sórdido na sua vida. A sala de visitas onde o recebia era o jardim público. Não que o procurasse enganar. Tinha, ao contrário, medo de que ele se enganasse, vendo-a cruelmente naquela pobreza triste de cidade grande, pobreza de casa de cômodos – os tabiques sem pintura, as cortinas sujas de chitão servindo de paredes, a comida cozinhada em marmitas no bico de gás da cozinha comum. Se bem que ele dizia que era pobre também, mas Araci bem sabia o que são essas pobrezas de americano. Não via no cinema? Lá até o operário tem

automóvel, mora em bangalô com cortina de *voile* e cozinha de azulejo, tem máquina de lavar, enceradeira, aspirador elétrico.

Entretanto, nessa crise foi que Jim se mostrou diferente. Se fosse um daqui, teria aproveitado, perdendo o respeito, ou dado o fora; diria que o queriam casar à força, com essa história de “perguntar intenções”. Pois o americano até se comoveu com a intervenção da avó. Talvez fosse a sua gravidade de moço protestante; não negava que mesmo aqui no Rio, sempre que podia, ia ao culto aos domingos.

E nem deu tempo a que Araci pedisse desculpas, explicasse. Parecia achar tudo direito e natural; pior, parecia supor que era ele quem caíra em falta.

No entanto, depois de fazer esse bonito, depois da troca de cartas, quando ela já estava tranquila, já o supunha seu de papel e tinta (não o “escrevera” na carta?), ele recomeçou suas independências, a sair com este e aquele amigo em vez de vir encontrá-la, e até a passear com outras moças. Para fazer pirraça, num dia em que ele no jardim se demorava com a tal de Terezinha e o Johnny, Araci chamou em voz alta um rapaz conhecido – um de bigodinho, sócio do Fluminense, que há muito tempo lhe andava atrás, fazendo declarações. Começou a conversar bem baixo, entre risadinhas – num grande contraste com o seu gênio esquivo de sempre.

E, ó milagre! Jim, ao chegar, fez uma cena.

- Mas Jim, você não diz sempre que na América...

América coisa nenhuma! Jim estava uma fera. “Fosse como fosse na América, ela era brasileira. Vira todo muito bem. Compreendera tudo.” E chamou o rapaz de uma porção de coisas que deveriam ser nomes feios em americano. Deles Araci só entendeu “gigolô”. E o interrompeu a fim de protestar: gigolô nada, o rapaz ganhava bem, tinha dinheiro. E Jim interrompeu a raiva para explicar que gigolô na América não era o que ela estava pensando; era só dançarino de tango.

Vendo-se claramente objeto de disputa, o moço do bigodinho só por desaforo veio passar devagarinho na frente dos namorados, conversando com

uns colegas. E o coração de Araci, sempre tão perplexo ante o problema das reações pan-americanas, distendeu-se de súbito numa grande alegria. É que Jim, aparentemente esquecido das suas teorias de liberdade, de moça que pode conversar com amigo sem mal nenhum, cerrou os punhos, feroz, murmurando como qualquer cafajeste nacional:

- Eu mato aquele sujeito!

Afinal, este mundo não é tão variado como se diz.

Rosa e o Fuzileiro

Foi batizada por Rosa, mas rosa não é. Seria talvez rosa mulata, não fosse a rosa flor tão aristocrática e ariana que não dá mulatas. Rosa cabocla sei que existe; mas é uma impostoria, uma rosa fingida, engano voluntário de pobre que chama assim à zínia humilde do seu quintal. E nem rosa cabocla é a minha Rosa, com a pele cor de nogueira, o cabelo que não nega, o beijo bonito, mas grosso e roxo. Entretanto tem ela em si algo de flor - não é o perfume, não é a cor viva, – é um ar de coisa desabrochada, de coisa graciosa e perecível, que em breve se há de deformar, e virar fruto, e por fim se desfazer na terra.

Tem quinze anos, mas se a idade é pouca, o corpo cresceu depressa, e Rosa aos quinze anos é moça feita, com seios e ancas, cintura fina, pernas e sorriso de mulher. Já faz vestido colado, na indiscutível intenção de sobressair as curvas do corpo, e exhibe em generosas mangas japonesas que agora estão em moda, o ombro redondo, o braço escuro e roliço.

E a prova maior dessa faceirice feminina é que Rosa ama. Sim, aos quinze anos. Também Julieta tinha quinze anos e não amou menos que Mrs. Simpson, que já passara os quarenta e dois. Amou até mais, porque a outra casou e ela morreu.

Rosa nasceu aqui mesmo, num dos vales desta ilha; o vale chama-se rua, mas é apenas um grotão cheio de bananeiras. No capim da “rua” pastam

galinhas, deixando a marca dos pés de lama na roupa que as lavadeiras põem para corar naquele capim. E de tarde, recolhidas as roupas e as galinhas, o vale todo se transforma num vasto campo de futebol onde os craques do campo do futuro ensaiam os primeiros voos. E bem no meio do campo de jogo, um grupo de garotas teimosamente anacrônicas gira numa ciranda, cantando que à mão direita tem uma roseira que dá rosa em mês de maio.

Rosa faz poucos anos que deixou de tomar parte nas cirandas; ainda se lembra do tempo em que não havia ali nem poste de luz, e ela ia nuazinha tomar banho na praia e caçar baratinha-d'água para o pai pôr no anzol. Frequentou a escola pública e saiu no segundo ano do primário; dizia a professora que tinha cabeça dura. Cabeça dura e coração mole – quem sabe não é esse o segredo de Rosa?

Aliás, foi também ali no vale que Rosa nasceu. Ninguém diria que nascesse alguém naquela casa de sopapo, afundada sob as bananeiras, antiga e esboroada como uma ruína. A gente agora se habituou a associar nascimentos com enfermarias de hospital e médicos de avental branco: pois Rosa para nascer teve apenas o catre velho dos pais; como médico, empregou a gorda portuguesa bigoduda que é a “curiosa” dos arredores. Banhou-se na velha bacia de ágata que nesse tempo já tinha aquele mesmo furo, tapado com uma mecha de algodão; e a água do banho, em vez de cheirar a alfazema, cheirava a fumaça de lenha verde com que o pai acendeu o fogo a custo, naquela madrugada de chuva.

Falemos agora nesse pai.

É homem fero: usa uma farda pacífica de mata-mosquitos, a qual, entretanto, no corpo dele é mais belicosa do que um uniforme de tropa de assalto. Quando sai, todo de cáqui, com a bandeirinha amarela e a lata de petróleo na mão, parece mais um guerreiro que um mata-mosquitos. E gosta desse nome de mata-mosquitos. O verbo matar lhe canta doce no ouvido. E ele sempre diz que não é só mosquitos que mata, não...

Pois foi justamente esse pai mata-mouros que se colocou entre Rosa e seus amores. Sim, venho-me esquecendo de dizer a quem Rosa ama. É

moreno, anda perto dos trinta, tem uns dentes tão bonitos que Rosa bem desconfia que são supostos. Usa dólmã vermelho, casquete com fitas – Senhor é um fuzileiro naval. Como poderia Rosa resistir àquele dólmã cor de sangue, àquela astúcia de homem corrido no mundo, àquele ar marcial – ela que foi criada na religião da força e da farda, pelo seu pai mata-mosquitos? Mal o fuzileiro lhe cravou os olhos, num passeio à beira da praia, Rosa logo se sentiu desvanecida e inquieta e pisando em fogo e logo depois vencida. Quando ele acompanhou o grupo de amiguinhas pela “rua”, que sobe o morro e desce o morro e dá voltas de caminho de roça sob as mangueiras enormes, quando passaram por perto da casa de pedra, numa curva sombria, Rosa deixou que ele lhe segurasse a mão. E nesse apertar de mão é que estava o perigo, porque Rosa foi se acostumando ao toque da mão dele, como cão que se acostuma com a mão do dono.

Aí, que faria contra a arte de amar daquele fuzileiro experimentadíssimo, a pobre Rosa, dentro dos seus quinze anos que são o limite de toda inocência? Ele já andou na França e na Argentina, sabe trocar língua em francês, diz até de vez em quando: “*Merci beaucoup, s’il vous plait*” ... Rosa quando o ouve sente um arrepio de orgulho – e depois disso, que resistência há de ser a sua? Ele conta coisas das viagens, das brigas que teve na Europa; faz pouco dos homens da ilha, e até ao Seu Salim, do armarinho (que foi o primeiro a reparar nas graças desabrochantes de Rosa, e já lhe deu um metro de fita e uma latinha de pó-de-arroz Lady) – pois até ao Seu Salim, o fuzileiro chamou de turco na cara e disse junto da fonte da Ribeira que se ele ainda se fizesse de engraçado com Rosa, tinha que se ver agora com o batalhão naval. E que poderia fazer Rosa, senhores, ante um homem que punha aos seus pés não apenas o dólmã vermelho e a conversa em francês, mas o próprio batalhão naval?

E aí em pleno idílio, é que entra o mata-mosquitos, o “Mata”, como o chamavam no vale, pelas suas violências.

Desde que pela primeira vez encontrou os namorados, na esquina do poste de bonde, bem, não encontrou propriamente; desde que os avistou de longe de mãos agarradas, começou a perseguição. Rosa, naquele instante medonho, esqueceu de tudo, só sentiu em si um grande medo e rompeu numa

carreira cega, à frente do pai; parou ao chegar no quarto, e se atirou na cama, esbaforida. O fuzileiro, por seu lado, fizera a única retirada possível, enveredando pela rua oposta. Afinal de contas pai é pai. “Mata” que vinha à paisano, não apressou o passo apesar de enxergar muito bem o escândalo. Entrou em casa com cinco minutos de diferença da menina – tanto que ela já estava quase pensando num engano ou num milagre. Mata deixou os tamancos na porta da rua, desapertou o cinturão, puxou-o do cóis da calça, e arrancando a assustada Rosa da cama onde ela se acolhera, vinte e quatro vezes contadas fez a correia zunir no ar e estalar nas costas da moça. Nada como uma surra para devolver a infância. Rosa gritara e implorara, não de acordo com os seus orgulhosos quinze anos, mas como uma garotinha de cinco. Acabando a conta de duas dúzias, Mata tornou a enfiar o cinturão no cóis e disse:

- Hoje lhe bati segurando a correia pela fivela. De outra vez em que pegar a senhora com aquele sem vergonha, bato com a fivela solta.

Realmente, da segunda vez Rosa ficou cheia de marcas da fivela. Uma vizinha, vendo aquilo, falou em ir ao distrito dar parte. Bobagem. Quem tem lá coragem para apresentar queixa contra o Mata? Só a madrastra de Rosa, que também se revoltou, teve boca para dizer:

- Por que você só espanca a menina, criatura? Por que não pega também o sujeito?

Mata deu uma resposta muito digna:

- Não vou sujar minhas mãos.

Estamos agora no terceiro episódio, isto é, na terceira surra. Desta vez foi de tamanco. A opinião da vizinhança anda apreensiva mas dividida. Uns dizem que Rosa acaba fugindo; mas fugir para onde, se, segundo corre o fuzileiro mora no quartel? Depois, ele não é louco de raptar menor.

Teve alguém que já ouviu Rosa dizer que vai comprar formicida e tomar com guaraná. Sempre foi doida por guaraná.

Igual aos outros, também eu espero, inquieta. Prometo escrever um bonito drama todo em versos se o desenlace corresponder às esperanças.

D. Poesia “Saudação ao mundo” de Walt Whitman

Dentro de mim se dilatam as latitudes, as longitudes se alongam,

A Ásia, África, Europa ocupam o leste – à América foi provido o oeste,

Envolvendo o bojo da terra corre o quente equador;

Dentro de mim está o mais longo dos dias, o sol gira em círculos oblíquos, e
[não se deita por meses,

Surgido no devido tempo dentro de mim o sol da meia noite apenas aponta por
[trás do horizonte e afunda de novo,

Dentro de mim, zonas, mares, cataratas, florestas, vulcões, arquipélagos,

[Malásia, Polinésia, e as grandes ilhas das Índias Ocidentais.

Eu vejo uma grande e redondo assombro rolando através dos espaços,

Vejo pequenas fazendas, aldeias, ruínas, cemitérios, prisões, fábricas, [palácios,
barracões [choças, de bárbaros, tendas de nômades, - sobre a superfície,

Vejo a apagada parte de um lado, onde os adormecidos estão dormindo, - e a
[parte acesa de sol do outro lado,

Vejo as rápidas e curiosas mudanças de luz e sombra,

Vejo terras distantes, tão reais e tão próximas para seus habitantes como

[minha terra o é para mim.

Vejo os longos caminhos dos rios da Terra.

Vejo o Amazonas e o Paraguai,

Vejo os quatro grandes rios da China: o Amur, o Rio Amarelo, o Yiang-tee e o
[das Pérolas.

Vejo onde o Sena corre, e onde o Danúbio, o Loire, o Rodano e o Guadalquivir
[correm,

As sinuosidades do Volga, do Dnieper, do Oder,

Vejo o toscano descendo o Are e o Venezia ao longo do Pó,

Vejo o marinheiro grego saindo da baía de Egíria.

Eu vejo a região do velho Império da Assíria, e do da Pérsia, e do da Índia.

Vejo a queda do Ganges sobre as altas terras de Saubara.

Eu vejo o lugar da Ideia da divindade encarnando-se, através dos mistérios, em
[formas humanas,

Vejo o local das sucessões dos sacerdotes da Terra, oráculos, sacrificadores,
[brâmanes, sábios, lhamas, monges, muftis, predicadores,

Vejo onde os druidas caminharam as alamedas de Mona, vejo o visco e a
[verbena,

Vejo os templos dos mortos, dos corpos dos Deuses mortos, vejo os velhos
[símbolos.

Eu vejo Cristo comendo o pão de sua última Ceia, em meio de jovens e [anciãos,

Vejo onde o forte e divino jovem Hercules trabalhou duro e longo e por fim
[morreu.

Vejo o lugar da inocente vida e desgraçado destino do belo filho noturno, o
[magnífico Baco.

Vejo Hermes, o insuspeitado, moribundo, bem-amado, dizendo ao povo: “Não
[choreis por mim.

Esta não é minha verdadeira pátria, tenho vivido banido de minha verdadeira
[pátria, agora volto para lá,

Retorno à celeste esfera aonde cada um de vós irá a seu turno.

Eu vejo os campos de batalha da terra, ervas germinam sobre eles, e flores de
[árvores frutíferas e milho,

Vejo os caminhos das antigas e modernas expedições,

Vejo monumentos sem nome e sem legenda, veneráveis mensagens dos
[desconhecidos eventos e heróis, documentos da terra.

Eu vejo o vaqueiro brasileiro,

Vejo o boliviano subindo o monte Sorata.

Vejo o gaúcho cruzando as planícies, vejo o incomparável corredor a cavalo
[com seu laço na mão,

Vejo sobre os pampas a perseguição do bravio gado em busca de seu couro.

Eu vejo homens e mulheres por toda parte.

Vejo a serena fraternidade de filósofos,

Vejo a construtividade de minha raça,

Vejo os resultados da perseverança e indústria de minha raça

Vejo classes, cores, barbarismos, civilizações, caminho entre tudo, me mesclo
[indiscriminadamente,

E saúdo todos os habitantes da terra,

Vós, quem quer que sejais!

Vós, filha ou filho da Inglaterra!

Vós, das poderosas tribos e Impérios eslavos! Vós russos da Rússia!

Vós, africanos de escura descendência, negros, de divina alma, grandes, de
[belas cabeças, de formas nobres, de soberbo destino, em igualdade comigo,

Vós noruegueses! suecos! dinamarqueses! irlandeses! Vós prussianos!

Vós espanhóis de Espanha! vós portugueses!

Vós franceses e francesas da França!

Vós belgas! vós Holandeses, amorosos da liberdade (vós de cuja fonte eu me
[originei)

Vós sólidos austríacos! vós lombardos!

[boêmios! camponeses da Hungria!

Vós das margens do Danubio!

Vós operários do Reno, de Elba; do Weser! vós operarias também!

Vós sardos! vós bávaros! sábios! saxões! válacos! búlgaros!

Vós romanos! napolitanos! Vós gregos!

Vós flexíveis toureiros na arena de Sevilha

Vós montanheseiros sem lei do Taurus e do Cáucaso!

Vós persas de belos corpos direitos sobre as celas dos vossos cavalos atirando
[certeiras flechas em plena velocidade!

Vós chineses e chinesas da China! Vós tártaros da Tartaria!

Vós mulheres da terra subordinadas às vossas tarefas!

Vós judeus caminhando com os vossos passos anciãos através de todos os
[riscos para vos deter sobre o chão da Síria!

Vós judeus outros esperando em todas as terras por vosso Messias!

Vós pensativos armênios meditando por alguns tributários do Eufrates! vós
[assomando entre as ruínas de Ninive! vós subindo o Ararat!

Vós peregrinos de fatigados pés, saudando os distantes reflexos dos minaretes
[da Meca!

Vós beduínos ao longo das distâncias de Suez a Bab-el-mandeb chefiando
[vossas famílias e tribos!

Vós plantadores de oliveira colhendo os vossos frutos em campos de Nazareth,
[Damasco, ou do lago das Tiberíades!

Vós mercadores do Tibete percorrendo todas as terras interiores e traficando nas
[tendas de Lassa!

Vós homens e mulheres do Oriente! vós moradores de Madagascar, Ceilão,
[Sumatra, Borneo!

Todos vós continentais da Ásia, África, Europa, Austrália, não importa o lugar!

Todos vós das inumeráveis ilhas dos arquipélagos do mar!

E vós dos séculos até onde chegue a minha voz e a escuteis!

E vós, cada um de vós de qualquer lugar que eu não especifico, mas incluo
[como os outros!

Saude para vós! Saudação para todos vós, de mim e da América!

Meu espírito tem percorrido em compassividade e determinação ao redor do
[inteiro mundo,

Tenho buscado iguais e amigos e os descobri prontos para mim em todas as
[terras,

Penso que alguma divina ligação criou dentro de mim a igualdade com eles.

Vós vapores, penso que tenho zarpado convosco, percorrido as grandes águas
[em busca de longínquos continentes, descido às suas terras estranhas, em
espírito,

Penso que tenho soprado convosco, vós o vento:

Vós águas, eu tenho me atirado sobre todas as praias convosco,

Tenho me lançado por onde qualquer rio ou estreito se tem lançado,

Pus-me de pés sobre as bases de penínsulas e sobre os rochedos implantados
[nas alturas para gritar de lá:

Saudação ao mundo!

Quaisquer cidades que a luz ou o calor penetram, eu penetro também estas
[cidades

Todas as ilhas para as quais pássaros voam em sua rota, eu voo para elas
[também em minha rota.

Para vós todos, em nome da América,

Eu ergo para o alto a mão perpendicular, eu faço o sinal,

Para permanecer depois de mim diante dos olhos para sempre

Por sobre os retiros e as casas dos homens.

E. Imagens da rubrica citada na página 79 deste trabalho.

CARTAZ DE HOJE: